Incentivo

O livro ***Coletânea literária*** é resultado de uma iniciativa de incentivo cultural da Associação Catarinense de Professores, a ACP. A publicação reúne 23 poemas, 11 crônicas e 13 contos inéditos de autoria de professores de diversas regiões de Santa Catarina.

Conduzido pelo Departamento de Comunicação e pelo Departamento de Aposentados da ACP, o processo envolveu a divulgação da iniciativa a todos os associados pelo informativo, pela página da Associação na internet e em contatos diretos feitos pelos Núcleos Regionais. Convidado pela entidade, um grupo de especialistas com notório saber nas áreas de Literatura, Letras e Linguística selecionou as obras aqui publicadas.

Trata-se da segunda publicação do gênero lançada pela ACP. A primeira foi editada em 2003, reunindo 27 contos de professores associados sob o título Fragmentos da Memória. O sucesso do livro estimulou a continuidade e a ampliação da iniciativa.

Coletânea literária

Coletânea literária

POEMAS | CRÔNICAS | CONTOS

Associação Catarinense de Professores

SANTA
EDITORA

FLORIANÓPOLIS
OUTUBRO 2016

Coletânea literária: poemas, crônicas e contos

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Associação Catarinense de Professores – ACP

REVISÃO
Mara Leite, Judith Muller Lohn, Maria de Lourdes Krieger Locks e Marilda de Souza | ACP

ASSESSORIA
Patrícia Pozzo | ACP

EDIÇÃO
Letícia Wilson | Santa Editora

CONCEPÇÃO GRÁFICA
Eduardo Faria | Officio

Santa Editora

www.santaeditora.com.br

Livro produzido pela Santa Editora para a Associação Catarinense de Professores – ACP. Todos os direitos são reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem a autorização expressa da editora, da ACP e dos autores das obras publicadas. Tiragem de 2.500 exemplares. Venda proibida.

C65 Coletânea literária : poemas, crônicas e contos / Associação Catarinense de Professores [organizador]. -- Florianópolis : Santa Editora, 2016.
196 p. ; 21 cm

ISBN 978-85-68658-01-7

1. Literatura catarinense. 2. Poesia catarinense. 3. Crônicas catarinenses. 4. Contos catarinenses. I. Associação Catarinense de Professores.

CDD 21. ed. – 869.8992

Catalogado na fonte por Adalberto Rodolfo da Silva Neto CRB 14/935

APRESENTAÇÃO

Um mosaico representativo da diversidade e da riqueza cultural de Santa Catarina. Essa é a melhor definição para este livro, e expressa a relevante contribuição da Associação Catarinense de Professores para a valorização da cultura e da categoria que representa. Em poemas, crônicas e contos, essa publicação revela produções autorais de professores catarinenses de todas as regiões do Estado em diferentes vertentes literárias. São pessoas de formações e trajetórias profissionais distintas, mas que têm, em comum, o prazer da escrita e o talento de provocar emoção por meio das palavras.

Estamos muito orgulhosos de termos criado a oportunidade para tornar públicas essas obras inéditas, reunindo-as nesse livro viabilizado inteiramente pela Associação Catarinense de Professores, pelos recursos próprios advindos da taxa de contribuição dos associados. Profissionais ativos e inativos; intelectuais que formam um capital simbólico expressivo em Santa Catarina. E, por isso, temos força e voz em todas as esferas - nossas reivindicações são ouvidas por ostentarmos o título de professores e professoras. Eu acredi-

to na educação, e estou certa de que ela abre todas as portas porque, hoje, somente tem poder, quem tem saber.

Durante dois anos, planejamos esse livro com muita dedicação, em um processo democrático e transparente conduzido pelo Departamento de Comunicação e pelo Departamento de Aposentados da ACP. Envolvemos os Núcleos Regionais da Associação e divulgamos amplamente a iniciativa para oportunizar a todos os associados o envio de trabalhos, entre poemas, crônicas e contos. Uma equipe de notório saber, formada por professoras de Literatura, Linguística e de Português, selecionaram as obras que seriam publicadas, com muito esmero e abnegação. O envolvimento dessas profissionais, em um trabalho totalmente voluntário, foi fundamental para a conquista desse livro. E não pretendemos que seja o último.

Estamos imbuídos pelo compromisso estabelecido no lema da ACP: educação é investimento. Somos uma equipe que acredita na educação e na integração. Pretendemos repetir essa iniciativa e desenvolver muitas outras, sempre com o interesse de aproximar e congregar os professores deste Estado. Minha dedicação para a associação segue um caminho de vários anos, porque acredito na educação, e espero deixar um legado estabelecido no respeito e na valorização do professor – pilar fundamental da educação catarinense.

Maria de Andrade Silva

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
CATARINENSE DE PROFESSORES

Sumário

POEMAS

Zé 13
Ana Delmar Ribeiro
VIDEIRA

Professores 14
Antonia Rita Pontes (IN MEMORIAM)
CAÇADOR

"Quetar" um chimarrão? 18
Bernadete Konkol Fritzen
IRINEOPÓLIS

Psiu, silêncio 21
Dalvina de Jesus Siqueira
BIGUAÇU

Lágrimas 22
Djanira da Luz
JOINVILLE

O voo da garça 24
Euclides Riquetti
JOAÇABA

Palavras 25
Eva de Lourdes Cândido da Silva
LAGES

A beleza do encontro está no mistério da procura 27
Francisco Gaildi
MARAVILHA

Insano amor 30
Heralda Victor
SÃO JOSÉ

De tanto eu querer 31
Iná Gonçalves
ITAJAÍ

ACP, um sonho concretizado 32
Ione Beatriz Conceição Serpa
XANXERÊ

O sino 34
João Luiz Cembranel
MARAVILHA

Na janela 37
Kelli Regina Gonsalves dos Santos Assunção
CAMPOS NOVOS

Saudades 39
Lina Orvidia Guzatto
SÃO JOSÉ

Pátria galponeira 40
Leduvino Ramos da Silva
LAGES

Como explicar? 43
Mailza Maria Rosa Goulart
LAGES

Mar 44
Matilde Orlanda Teixeira Pozzi
BRUSQUE

Prece em poema: as mãos 45
Maura Souza Laurentino
LAGES

Ciranda ao vento 47
Marli Bernadete Uhlmann Portes
MAFRA

O homem e o rio 49
Neusa Neves Mendel
TUBARÃO

Em silêncio 53
Neusita Luz de Azevedo Churkin
GOVERNADOR CELSO RAMOS

O rio II 55
Regina Aparecida Lucrécia
LAGES

Aqui 60
Tânia Francalacci Schambeck
FLORIANÓPOLIS

CRÔNICAS

Se uma casca de banana falasse... 63
Altair Reinehr
MARAVILHA

O poder da semente 67
Ana Schirley Favero
CAPINZAL

Procurando a felicidade 69
Didymea Lazzaris de Oliveira
ITAJAÍ

É a vez do cavalheiro! 72
Iêde Cardoso dos Santos
IÇARA

A figueira da Dona Júlia 74
José da Silva
CRICIÚMA

A poeira 78
Kelli Regina Gonsalves dos Santos Assunção
CAMPOS NOVOS

O menino e a maleta 80
Maria Lucia Fritzen Liebl
MAFRA

Um giro pela terra 83
Pedro Antônio Corrêa
TUBARÃO

As flores de plástico morrem 86
Silvia Teresinha Treml
CANOINHAS

É urgente meninar em sonhos 89
Tânia Francallacci Schambeck
FLORIANÓPOLIS

Um novo olhar 91
Yara Maria Turcatel
JOAÇABA

CONTOS

Duda e seus bichanos 95
Caroline Riquetti
JOAÇABA

Lembranças 104
Dulce Maria Casanova Schurhaus
XANXERÊ

O padeiro 109
Fiorelo Zanella
TAIÓ

Minha primeira professora 113
Iris Maria Pfau Randig
CANOINHAS

Bermuda, um caso de amor 118
Janice C. de Bittencourt Pavan
FLORIANÓPOLIS

A família de lenhadores 125
João Batista de Souza
ARARANGUÁ

Mãe amiga 151
Maria Regina Chagas de Souza Vieira
CRICIÚMA

Nos caminhos do magistério 156
Marlene Dalva da Silva Rothbarth
ITAJAÍ

Tempo de Júlia 164
Neusa Neves Mendel
TUBARÃO

A orfãzinha e o Menino Jesus 170
Pedro Antônio Corrêa
TUBARÃO

Algemas 172
Safira Monteiro Stefanes
CRICIÚMA

A visita 184
Zenilda Nunes Lins
FLORIANÓPOLIS

Era assim 188
Antonio Cesar Becker
FLORIANÓPOLIS

poemas

Zé

Ana Delmar Ribeiro

VIDEIRA

O Zé está cansado

De trabalhar, trabalhar

E pouco ganhar...

O Zé está cansado

Do que lhe prometem e não cumprem.

O Zé está cansado de pedir a um deus de ilusão
que o ajude a transformar sua vida...

O Zé está cansado...

De construir castelos na areia e chegar
a tempestade e destruir tudo...

O Zé está cansado

De sonhar, idealizar, pedir até implorar...

O Zé cansou...

Morreu antes do amanhecer.

(E ninguém chorou).

Professores

Antonia Rita Pontes *(IN MEMORIAM)*

CAÇADOR

Beleza
Elegância
Distinção
Ética
Respeito
Responsabilidade
Época em que se tinha
Orgulho de ser professor
Cabelo sempre penteado
Unhas bem feitas
Maquiagem discreta
Porcelana que emoldura a alma,
Roupa limpa com corte preciso...
As professoras não caminhavam
Bailavam graciosas, charmosas.
Inteligentes,
Deslizavam do salto três ao quinze
Com finas meias de náilon
Pernas bem torneadas,
Delicada sustentação...
E a letra...
Que grafia
Sem qualquer ofensa à ortografia

Com a suavidade
O branco do giz
Tomava espaço
No quadro negro
E os pensamentos se formavam
Ideias debatidas
Ideais lançados
A vivência surgia...
Que fazer para ter a tua atenção
A tua proximidade e a minha timidez
Teu perfume embriagava-me os sentimentos
Tua beleza entre as brumas do meu pensamento
Divagava, bailava, e eu delirava...
Ah, professora,
Quão bela a escola ficava com sua presença,
Com sua elegância, classe e distinção.
Beleza, inteligência
Que hoje contrastam com
Este mundo de crimes e feiuras
Onde os que se dizem professores
Descem aos incríveis níveis da ignorância
Ofendem, estragam e quebram o patrimônio.
Misturam-se ao lixo que espalham por onde passam...

Onde está o orgulho?
O que é ser professor agora?
A beleza e o capricho
A suavidade e a bravura
Que tristeza
Salário baixo,
Dissabores da profissão
Mas outro item apavora
A cafonice é grande
O desleixo é gritante
Os caros colegas
Com a barba por fazer
E a praga do moletom
Invadiu as salas, as escolas e as almas.
Tem professor que é tão moletom
Que não tem brilho
Não tem charme
Não tem acabamento e
Ainda assim
Hoje vivemos a escola do não tem
Não tem verbas,
Não tem motivação,
Não tem orgulho,
Não tem classe
Não tem paixão...
conseguiram tirar tudo
do magistério
desde o achatamento salarial

até o alienamento cultural
"que saudades da professorinha"
Da professorinha que fui
Garbosa, orgulhosa,
Ciente da minha importância
Que no mundo
Eu fazia a diferença
E hoje com tristeza
Vejo quantos passam por mim
Indiferentes
Nem lembram
De onde me conhecem
E ao fim da noite
Me recolho
Na minha insignificância...
Eu que tanto combati a ignorância
Hoje sofro ignorada...
Mas preciso refazer minhas forças
Buscar minha paixão
Quero um magistério digno
Quero um mundo melhor
Quero uma escola sem falsidade
Sem traíras e corrupção
Quero uma escola digna
Que vá além da imaginação.

"Quetar" um chimarrão?

Bernadete Konkol Fritzen

IRINEÓPOLIS

Chimarrão, doce amargo
Que aquece o coração
Simboliza a amizade
Na cidade e no sertão.

Costume dos índios Quichuás
Que nas tribos, já tomavam o seu "mate"
Mais tarde, o caboclo sertanejo
Chimarreava nas tréguas dos combates.

Este bravo homem sertanejo
De caboclo denominado
Lutou nestas terras catarinenses
Fez história neste chão do " Contestado".

A roda de chimarrão
Nesta guerra "santa" e sangria
Presente nas reuniões
Onde tudo se decidia.

A erva-mate era colhida
Secada em "riba" do fogão
Pra variar mate era moída
A "parmo" ou no pilão.

Até o monge João Maria
O "Santo" dos caboclos do sertão
Na sua bagagenzinha
Trazia sempre o chimarrão.

Os caboclos valentes entraram na guerra
Mesmo contra os mandamentos de João
Perseguidos pelo governo e os "coronéis"
Se embrenharam para dentro do sertão.

A um estranho que se aproximasse
O caboclo sério e desconfiado
Primeiro tudo especulava
Pra ver se era bem intencionado

Ao sentir que era amigo
Se tornava hospitaleiro
E um chimarrão no capricho
Dava as boas vindas ao novo companheiro

Através dos tempos o chimarrão
Muito espaço conquistou
Velhos, moços e crianças
Este costume adotou.

Nas mãos grossas e macias
Roda a cuia de chimarrão
É a amizade e a confiança
Rodando de mão em mão.

No Sul de nosso país
Chimarrão é artigo de luxo
Incorporado à tradição
E ao folclore do gaúcho.

Hoje nas grandes ervateiras
A tecnologia já chegou
Muitas marcas de erva mate
Até a fronteira ultrapassou.

Mas o sentido é sempre o mesmo
É o que está dentro do coração
Num encontro de amigos:
"Quetar" um chimarrão?

Psiu, silêncio

Dalvina de Jesus Siqueira

BIGUAÇU

Psiu, Silêncio
Quando entrares, por favor, não deixa a porta aberta
Não faz barulho, não fala, não tosse, não faz nada. Nem respira.
Entra tão leve como se leve fosses, esvoaçante.
Entra voando feito um passarinho.

Pousa de leve a tua mão macia
Sobre meu coração cansado de vibrar.
Pousa tão leve e acariciante
Que os teus dedos fortes e roliços
Não tenham nem vontade de me apertar.

Pousa de leve o teu olhar profundo, sereno,
Sobre os meus olhos úmidos e tristes de chorar baixinho.
Transfere para mim o teu segredo, a tua fé, o teu amor.
Eu não queria nada de ti, eu só queria uma ajudazinha,
uma insignificância
Eu não queria nada além, nada mais, eu só queria viver perto de ti

Eu queria passar e não deixar vestígios
Eu queria passar tão fugaz, leve enternecedora
Amável, amiga fugitiva feito papel de carta perfumado
Eu queria que o teu amor me fosse assim também
Eu só queria passar devagarinho, como passam as nuvens
lá no céu
Como num sussurro
Passar mansinho e nada mais.

Lágrimas

Djanira da Luz

JOINVILLE

Eis que brotam
em momentos de
alegrias, tristezas,
angústias, dores...

Sempre tão profundas,
sempre tão sinceras,
sempre tão necessárias.

Ah, chorar de tanto rir,
como é bom!

Lágrimas da despedida,
do abraço,
da chegada,
da saudade...
saudade que de tempo em tempo
insiste em nos visitar.

Ah, abençoadas lágrimas
geradas do perdão,
do arrependimento,
da conquista,
da vitória.

Lágrimas que nos levantam da depressão.
Lágrimas que irrigam nossas raízes,
nossa fé,
nossa esperança,
nossa força para continuar.

Lágrimas...
Se não doces,
doces se tornarão.

O voo da garça

Euclides Riquetti

JOAÇABA

A garça voa o voo leve da alma
Voa a garça
Voa como a branca pluma, com graça
Voa a garça.

E no voo breve, voa lenta, calma
Voa com toda a graça a garça.

Voa o infinito, voa por instinto
Voa sobre o monte e a garça...
E pousa na torre da igreja
Ou na árvore da praça
Voa e pousa a garça.

E seu voo atrai o disperso
O menino, o esperto
O velhinho, o passante
E voa de novo a garça.

Vai, seguindo os trilhos dos raios de sol
Cortando o azul, a garça.

E pousa suavemente sobre a nuvem
Uma nuvem feita branco lençol...
E descansa outra vez a garça!

Palavras

Eva de Lourdes Cândido da Silva

LAGES

Palavras são símbolos
de enigmas e até paradigmas
que envolvem a vida dos seres.
É através da linguagem,
que se revelam mensagens
de certezas ou incertezas
amores ou desamores
conhecimentos e intenções
erros e revelações.
Palavra tem poder ou pode não ter;
pode calar-se para não ofender
e manifestar-se para convencer.

Palavra simboliza expressão e liberdade,
mas pode revelar
dos sentimentos, a multiplicidade.
É através dela que vivenciamos a arte
o medo, o enredo
o crer, o descrer
o objetivo, o subjetivo
o científico, o arcaico e o erudito
o cotidiano, o moderno, o concreto
a emoção e o poder.

Palavras comovem, envolvem
decifram e explicam
agradecem e perdoam
definem ou negam verdades,
ou perdem-se ao léu.
Decodificam sinais,
representam o léxico e o sintático
o morfológico e o semântico
no universo da comunicação.
Decifram significantes e significados,
podem ter força de persuasão
e tudo dizer.
Representam, sobretudo no mundo,
Passaporte para o saber.

A beleza do encontro está no mistério da procura

Francisco Gaildi

MARAVILHA

Bem alto, qual o voo do condor,
meu pensamento se encontra a vagar
à procura do belo e do amor:
no céu, na terra e no mar.
Busquei ansioso ricas rimas,
folhas finas e formas feitas com primor.
Invoquei a estética.
Dei asas ao meu senso poético.
Contemplei sério o mistério
da flor e da estrela que à noite reluz.
Parei para ouvir sinfonias dissonantes.
Eram vozes distantes de aves tagarelas.
Mas não eram elas que eu queria.
Olhei as águas claras, em belezas raras,
precipitadas em altas cascatas
entre o humano e o divino.
Elas me ensinaram a não parar
para continuar cristalino.

Eu vi homens grandes à beça: andando, correndo,
voando (com pressa), num único intento: vencer o tempo
e chegar primeiro; muitas vezes esquecendo que a seu
lado há um companheiro.
Vi gente aflita que na desdita contempla o infinito.
Ouvi murmúrios e gritos apelando por guias
e um gentil regaço para dirigir noite e dia oscilantes passos.
Todavia, os homens grandes corriam no espaço vazio,
olvidando o mundo, Criador e criaturas,
almejando alcançar mais alturas.

Quando quis correr também,
deparei com alguém na minha frente:
um gênio diferente fitando meu olhar.
Sorriu. Eu também sorri sem cessar.
Assim como sorriram crianças deste mundo atroz,
na esperança de não mais andarmos sós.
Quem era esse gênio distinto?
- Tenho plena certeza, não minto:
eras tu, professor:
mestre, pedagogo, condutor; guia na estrada da vida,
tendo sempre, na lida, além de saber:
a bondade, a paciência e o amor.
Para os errantes do mundo moderno
é tua mão sábia e teu carinho terno,
nos difusos descaminhos,
que indicam o rumo certo para quem é peregrino.
Os homens grandes passam correndo, depressa.
Mas, não vou nessa!
O que está vazio corre mais.
E, para onde vai?
- Sem destino, o vento o leva ao desatino.

Tempos depois, novo encontro entre nós dois.
Hoje deixa que eu mostre uma flor sem espinhos
para retribuir o carinho que tiveste por mim.
Quero salmodiar um hino de gratidão,
a ecoar na imensidão,
sem princípio e nem fim.
Deixa que eu também te cative
para viver aqui como no céu se vive,
amigo professor: no amor.

Descobri que a vida não é tão dura,
ao aprender que a beleza do encontro
está no mistério da procura.

Insano amor

Heralda Victor

SÃO JOSÉ

Ah! Insensível amor renega o leito,
Agride o coração e a alma inflama
Oh! Cruel dor, que dilacera o peito
Açoita o corpo numa ardente chama.

Oh! Desejo doido acorrentado,
Uiva feito cão ferido ao vento
Escorre como chuva na vidraça
Invade minha vida sem mordaça.

Oh! Sentimento atormentado,
Paixão que sobrevive à longa espera
Espreitando a madrugada na janela
Será que ouve meu grito angustiado?

Ah! Amor distante dos meus olhos
Sente a força deste querer sem fim
Ou então...
Ah! ... Insano amor! Por que não morre?
Se já matou a vida que havia em mim!

De tanto eu querer

Iná Gonçalves

ITAJAÍ

Até a janela do meu apartamento chega o beija-flor.
Sobe ao oitavo andar.
Vem pelas flores,
Vem por mim.
Pelas flores, por seu desejo.
Por mim, de tanto eu querer.
Sou feita de vontades.
Por isso, tantos desejos...
Nos meus sonhos todos virão.
Entrarão por janelas e portas. Frestas e arestas.
E me desabrocharão como flor em plena Primavera.

ACP, um sonho concretizado

Ione Beatriz Conceição Serpa

XANXERÊ

Em um certo dia, na orla mágica
Da imensidão de um mar azul...
Paisagens deslumbrantes...
Gente alegre e amiga.
Mentes brilhantes e...
Ideias semelhantes.
Que seres são esses com fisionomia suave,
Olhar perscrutador, cheios de ideias
futuristas e objetivos delineados?
Sonhadores, somente? Não!
São nossos mestres!
Professores que têm na alma a ânsia do fazer.
E fizeram! Criaram a ACP.
Maravilhosa ACP que ajuda, instrui, delibera,
resolve, é companheira e amiga.

E tem mais, muito mais! Proporciona horas inesquecíveis de lazer em suas belas pousadas.
Quem daria esse prêmio a nós professores, por tanto tempo de trabalho e dedicação?
Só mesmo esta magnânima ACP!

Aos colegas, pioneiros, à diretoria atual, aos que vierem, enfim, à ACP no seu todo desejo que a união, a amizade e o amor lhes sejam constantes;
e que o espírito empreendedor permaneça impregnado em cada canto, influenciando assim os novos colegas que serão ACP do amanhã.

O sino

João Luiz Cembranel

MARAVILHA

O sino da capela, da torre amarela,
Ao lado do seminário, do alto do campanário,
Altivo, sonoro, melodioso, suave.
Os raios luminosos do poente
Juntavam-se a ti, numa perfeita aquarela,
Dos mais belos que a natureza ousa pintar.
O teu eco ao longe se ouvia.
Tu chamavas, avisavas, convidavas, unias.
Do alto da colina. De frente para a cidade.
Fiel testemunha da comunidade,
Velho sino, guardas na memória
A história desta bela Maravilha.
Festas, procissões, casamentos, batizados,
Primeira Comunhão, o dia da emancipação,
Sinistros, mortes, vitórias...
A chegada do padroeiro,
São José, o carpinteiro,
Que está na matriz.
Acima de ti, a cruz,
Símbolo do poder divino,
Em forma de contemplação.

Como explicar:
A beleza da Terra,
A perfeição do Universo,
A imensidão do Espaço,
Os mistérios dos Céus,
A grandeza de Deus.
Os que aqui chegaram, pioneiros, visitantes...
Ao avistar o cruzeiro
Juntaram as mãos ao peito,
Com devoção e respeito,
Em forma de oração...
E para a nova jornada pediam:
Paz – Saúde – Amor - Prosperidade - Proteção...
Eras tu que, no romper da aurora,
Anunciavas o novo dia
E, ao anoitecer, a Ave Maria.
Nessa hora, velho sino,
Teu eco era um hino
Como sinfonias vindas do céu.
E na cidade pequena,
Transformavas o Vale do Iracema

Num altar de orações...
Quantas recordações, velho sino,
Guardo desde menino,
Pois cresci a te escutar.
Tuas batidas fortes de alegria,
Tuas pan-ca-das pau-sa-das de dor.
E num derradeiro dia...
Calou, emudeceu...
Olho a colina, lá em cima,
Não há o belo cenário, a torre amarela, a histórica capela
Velho sino! Foste o primeiro.
Passaste tão ligeiro,
Como a vida do pioneiro
A deixar recordações...
Por onde andas, velho sino?
Num porão abandonado, calado, empoeirado?
Não!
Majestoso!
Estás no topo da torre da minha memória.
E todos os dias me despertas e anuncias
Oh Belo! Magnífico! Sublime.
Dom da vida.
VIDA!

Na janela

Kelli Regina Gonsalves dos Santos Assunção

CAMPOS NOVOS

Pela janela eu vejo
A pessoa que desejo.
Pela janela eu vejo
A pessoa que odeio.

Pela janela observo
O movimento eloquente
Nesse instante tanta gente
Parece que tudo é urgente

Observo tanta solidão
Em meio à multidão
Que quase fico suspeito
Quando alguém sem jeito
Para e pede uma informação.

Olho mais além e fico pensando
Aonde vai reclamando
Aquele senhor de chapéu?
Parece que está incomodado
Mas está arrepiado, com o tamanho do arranha-céu.

Nessas alturas eu percebo
Que não importa o que eu vejo
A paisagem é de graça
Por que fazer pirraça,
Com aquela que desejo.

Fazer o quê, se protesto
Não é motivo de ingresso
Para a entrada da rua
Porque ela é minha, ela é sua
Independente do manifesto.

Então aqui continuo
Na minha janela de sempre
Em meio as minhas visões
Penso que sou diferente
Por ter essa contemplação
Da vida eternamente.

Saudades

Lina Orvidia Guzatto

SÃO JOSÉ

Se vem de longe não sei, mas chega calma
É doce, excitante, mas dói na alma
Ânsia profunda, desejo sem fim
É algo que fui ou deveria ter sido
Talvez lembrança de um tempo perdido
E, percebo: é saudade de mim!

Detalhes de amores desfeitos
Encontro de sonhos quase perfeitos
Que sem perceber chegaram ao fim.
Agora, sem tempo nem como voltar
O peito explode na ânsia de amar
Estremece a saudade dentro de mim!

Ingrato sentimento obstinado
Rouba o presente buscando o passado
E vem o amanhã novamente assim
De amizades e flores não cultivadas
De paixões e belezas não apreciadas
E a saudade continua dentro de mim...

Pátria galponeira

Leduvino Ramos da Silva

LAGES

É no verso de aporfia
Que ecoa na querência,
Na cultura da essência
De cunho tradicional
Com xucrismo de bagual
Se mandando ala pucha
Ou no coice da garrucha
Defendendo um ideal.

Mesclada desde a origem
Porém, sempre macanuda,
É como potro de muda
Corcoveando num puaço,
Que nem touro sem laço
Que se aparta da manada
E no fundo da invernada,
Berrando e ganhando espaço.

Comparando ao gaúcho
Deste chão sul-brasileiro,
Sempre guapo e altaneiro
Na luta por ideais,
Buscando cada vez mais
Aumentar suas conquistas,
Nem sempre foram bem vistas
Em termos territoriais.

Desbravador de lonjuras,
Honrado e cheio de glórias
Muitas lutas e vitórias,
Travadas em muitas frentes,
Neste sul de continente
Em trinta e noventa e três,
Peleando com altivez
Na defesa de sua gente.

Muitas vezes influências
De emigrantes desvairados,
Vindos de outros povoados
Pregando suas ideias,
Descrevendo epopeias,
Foi se passando por santo
E nos distantes recantos
Com o caboclo na plateia.

Santa Catarina e Paraná
Com o Rio Grande do Sul,
Sob o mesmo céu azul
Três estados coirmãos,
Formando uma só nação
Com bravura e patriotismo
Porque cultura é civismo,
Palanqueado ao coração.

Bem como os farroupilhas,
Também houve o contestado
Que são coisas do passado,
Registradas na história
Por causa demarcatória
Na defesa do direito,
Pela luta impôs respeito
No curso da trajetória.

Os tauras desbravadores,
Defendendo este chão,
Honraram a tradição
Do nosso povo sulino
Que sempre teve bom tino
Das coisas que lhe pertencem,
Pois o guapo sempre vence
Quando segue seu destino.

É o Garrão do continente
Vigiado por um Mangrulho,
Guardado com muito orgulho,
É uma Pátria Galponeira
Sua cultura de primeira,
Forjada na tradição,
Este Sagrado Torrão,
Velho Galpão sem porteira.

Como explicar?

Mailza Maria Rosa Goulart

LAGES

Se explicar é ter razão, é saber dizer com certeza.
Se explicar é se colocar acima de algo, do outro...
Se explicar é não só entender, mas sentir, ver e ouvir...
E se explicar é encontrar a solução

Então, como explicar a sua ida, meu pai?
Queria procurar você para explicar.
Onde?
Na música que você amou, nos animais que você ajudou a nascer, e foram tantos...
No sentimento do amor, do nosso amor na família?
Na lição de honestidade, dignidade e respeito, que marcou sua vida aqui entre nós?
Na coragem de trabalhar, trabalhar, trabalhar...
E na alegria que você estampava no olhar, no sorriso,
enquanto ríamos soltos,
dançando... dançando...

É, querido pai, não é para explicar...
É só para sentir a vida que você levou.

Mar

Matilde Orlanda Teixeira Pozzi

BRUSQUE

Gigante, criança?!
Baila, brinca
Vai... Vem...
Incansável,
Constante,
Persistente,
Disponível.
Majestoso, humilde,
Impetuoso, tranquilo.
Assusta, amedronta,
Atrai, encanta,
Embala e acaricia.
Grita, silencia,
Finito, infinito.
Verde, azul
Escuro – reflete...
Envolve – eleva...
Morte! Vida!
Mar, simplesmente Mar.

Prece em poema: as mãos

Maura Souza Laurentino

LAGES

Oh, Grande Deus!
Que nos fizeste filhos Teus
Abençoa nossas mãos,
Para serem úteis aos nossos irmãos!
Suplicamos que nossas mãos...
Oh, Deus!
Sejam instrumentos obedientes,
Que ao comando da mente
Pratiquem somente atos de amor!
Que elas sejam de fato
Mãos como movimentos do tato,
Do ato, da doação...
Que através de nossas mãos,
Perfeitas caridades sejam feitas,
Do fundo do coração!
Obrigado, Deus!
Por ter nos dado mãos
Habilidosas, carinhosas!
Mãos que encaminham...
Examinam...
Determinam...
Mãos que perdoam.

Que abençoam...
Deus!
Que nossas mãos se tornem
Cada vez mais eficazes
Que sejam por ti abençoadas!
E capazes de apertar
As mãos que nos machucam!
De segurar, mãos sofredoras...
Transforma nossas mãos sedentas
Fortes, criadoras...
E que das nossas lágrimas
Sejam elas protetoras!
Não permitas,
Grande Deus,
Que nossas mãos tomem atitudes mercenárias!
Faz delas,
Mãos voluntárias!
Mãos do trabalho!
Do Dom de amar!
E que essas mesmas mãos,
Um dia na tua glória,
Senhor,
Possam juntar-se
Com todas as mãos do mundo;
E um abraço, meu Deus!
Poder Te dar!!!

Ciranda ao vento

Marli Bernadete Uhlmann Portes

MAFRA

E bateu-me antigo vento
Que veio de minha infância
Que veio de São Lourenço
Segredando-me lembranças...

Ó vento, baila comigo
Põe rodado em meu vestido
Dá-me asas, faz-me voar
Para paragens esquecidas
Que eu bem quero recordar.

E bailei, bailei, bailando
Rodando ao redor da vida
Cirandando, cirandando:

"Vem, vento, vem, vem do mar..."
Em plangências eternizadas
Por violões chorando ao vento...

Ou preso em doce lamento
Pleno de sons e de dó
"Ai, que saudades do céu, do sal,
do sol de Maceió..."

Ou no vento quente noturno
- Vindo sei lá de que mundo -
Que em rajadas de sol plana
Em cálida noite romana...

(E havia ventos mandados
Quando éramos namorados
Que levavam-me lembranças
Que levavam-me saudades...)

Ó vento, fala comigo

Conta causos bem antigos
Mantém-me sempre informada
Do que é importante na vida
Ao longo da longa estrada...

Leva as nuvens, faz céu lindo
Pra que eu veja o sol sorrindo
E fique logo animada
Pra continuar minha lida...

Vento amigo, companheiro
Vento antigo, conselheiro
Sacode meus pensamentos
Tira-lhes dor e lamentos.

Pra eu poder cantar de novo
E criar um novo poema
Que fale só de esperança...

"E por isso, dona autora,
Entre dentro desta roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá s'imbora..."

Cirandemos, cirandemos...

O homem e o rio

Neusa Neves Mendel

TUBARÃO

Houve um tempo sereno, céu de nuvens
claras, verde por todo lado.
Canto de amores dos pássaros, nos ares,
livres, de voejar tranquilo.
A natureza regia orquestra afinada na
execução da sinfonia do "Bem Viver".
O processo não era interrompido.
O curso da vida era magistral.
A harmonia era o figurino do momento.
Neste cenário majestoso,
eu, o **rio**, atuava livre...
Nada impedia meu viajar benfazejo.
Minhas águas límpidas refletiam céu
azul e vegetação ímpar.
Em mim o continuar da espécie se
cumpria: **vidas se multiplicavam**...
Mas, um dia, o comum, o de sempre, o
estável, foi quebrado.
Chegaste, homem, e te assentaste às
minhas margens.

Novos sons permearam meu viver.
Um melhor que todos: o vozerio alegre
das crianças, a rolar na minha grama verde.
Elas, as lavadeiras, me enchiam de um
gosto estranho, de cheiro diferente,
nem bom, nem mau: apenas novo.
Como era alegre o seu cantar e excitante
o seu tagarelar!...

Passei a ser o confidente silencioso de
todo tipo de desafogos.
Que inefável prazer em mim, o nadar
alegre dos corpos jovens!
O frescor da juventude imergiu minhas entranhas.
Eu, imaturo de gente,
Aprendiz agora de novo gosto...
Mas tu, homem, transformaste o
cenário.

Pensaste que o espetáculo era só teu.
Tu, o autor, o protagonista, o diretor.
De mim te fartavas, inconsciente no
usufruir.
Nada queria de ti, pois eu tudo tinha.
Mas... – "ai de mim!" Que novas são
essas que assaltam meu viver?
Indagava.

- Oh, o vozerio alegre das crianças a
rolar na minha grama verde!...
- Oh, o alegre cantar e o excitante
tagarelar das lavadeiras!...
- Oh, o inefável prazer no nadar alegre
dos corpos jovens!...
Tudo tão novo para mim...
Tudo tão belo!...
Aquele enredo fantástico me
enchia de satisfação.
Solidário, acolhi o novo elenco.
Me embriaguei do seu viver colorido,
alegre.
Agora, cheio dos rumores de tua gente,
não queria dela me apartar.
Eu era necessário, portador de vida,
de prazer...
Tu, no entanto, homem, eras estranho
ao meu sentir.
Cuidados para mim não te sobravam.
Comprometeste o ciclo natural da vida.
Atônito questiono:
A que vieste?
Pela vida? Pela morte?
Onde tua gratidão?
Tua fruição é desmedida!
Não percebes que a troca é o "negócio"?
A mim, teus cuidados, a ti, minha água.
Isto é vida!
Aguardo em fervorosa expectativa, teu consciente
despertar.

Apressa-te! Estou no limiar do fim.
Não sabes que o tempo nada espera?
Não percebes seu viajar célere?
Nada fizeste para o meu prosseguir
invicto.
Choro a vida que de mim se esvai...
Choro por ti, pelos teus, pelos risos e
cantares que irão comigo.
Grito no silêncio da minha impotência...
lamento meu atual percurso, solitário
de vida...
Tudo se mesclou de cores pardas...
Desperta, ó inconsequente!
Ouve meu lamento, minha súplica,
mudos de voz, mas fartos de sinais...
Deles o céu é testemunha.
Toma teu cajado, homem!
Muda o roteiro! Mostra tua reação!
Salva-me! Ainda é tempo!
Cria nova paisagem!
Nela estaremos juntos, felizes, dando
prosseguimento à Viagem,
compartilhando vida: **O homem e o rio.**

Em silêncio

Neusita Luz de Azevedo Churkin

GOVERNADOR CELSO RAMOS

Sobre a mesa eis o jarro
E a bacia lilás,
Evocando a presença
Dos meus ancestrais

Estatuetas mudas
No canto da varanda
Sismares, pesares,
Vão e voltam, em ciranda

Na cantoneira o retrato
Da família inteirinha,
No centro minha foto
Quando era mocinha

O relógio insistente
Diz: o tempo passou,
Já não sou mais quem era
Hoje sou o que sou

Na cristaleira as taças,
Que ganhei de presente
Fazem lembrar o tempo
Que passou velozmente

E o relógio a cantar
Com batidas sonoras,
É o tempo que urge
Na sucessão das horas

Lembranças, impressões
Que os tempos explicam
Tic-tac a gemer
Saudades que ficam

E eu cavalgo em sismares
Ouço a chuva dolente
Estranho paradoxo
De um passado, presente.

E o relógio repete:
Parar? Quem me dera!
Vai em frente, poeta,
A vida não espera.

O rio II

Regina Aparecida Lucrécia

LAGES

Numa fita de uma velha gravação
Ouço o marulhar da cachoeira
Do rio Pelotas como era outrora
Ora silencioso, ora em corredeira
Na graciosa curva que vinha
Cercando campos, matas, capoeiras.

As lembranças chegam em tropas
No rodeio das recordações
Um amigo assim tão querido
Banhando aqueles sertões
Todos os dias pela manhã
Tudo cobria, as cerrações
Trazendo a fertilidade
Para todas as plantações.

Quando gritavam: - Canoa!
Do outro lado de lá
Descia logo um remador
Do outro lado de cá
Ansiosas, nós esperando
Perguntando: - Quem será?
Será um viajante perdido
Ou um guapo gaúcho a passear.

Um xiru chamado Taquara
Procedente de Vacaria
Gritou pedindo passagem
Pois ele era da serraria
Dois piás largaram a canoa
Mas ela não se movia
Remavam sem sair do lugar
Nenhum dos dois remar sabia!!!

Aprenderam na marra a remar
Ajudados pelo caminhante
Do outro lado dando instruções:
- Remem sempre pela vazante
Subam rio acima, tchê
E larguem no mesmo instante
Controlem no remo o rumo
Do porto que vai mais adiante

O patrão deitou-se e dormiu
Apesar do triste fadário
Um xiru foi assassinado
Passional era o comentário
Parente não tinha nenhum
Foi entregue para o comissário
Que ao enterro dera licença
Esperando o tempo necessário.

Ia alta a madrugada
O patrão pensou ter ouvido
Gritarem pedindo: - Canoa!
Achou impossível esse pedido
Àquela hora da noite...
Assim mesmo firmou o ouvido
Chamou junto um dos piás
E ao rio desceu decidido.

Era a pobre mãe extremosa
Que ao filho viera enterrar
A notícia chegou, era noite
Mas ela não quis esperar
Só confiando na graça de Deus
O rio decidira passar
Ao patrão, bonachão, solidário
Não cansava de abençoar.

Quantas vezes a rapaziada
Acompanhando as moças faceiras
Não tinham medo de enchente
No lombo do rio, sarapilheira
Cruzava madeira, pau podre,
Barranco aos pedaços, touceira,
Não tinha nada, queriam dançar
Do outro lado com as fandangueiras.

Depois que aprenderam a armar
As redes de espera, os piás
Havendo uma oportunidade
Ao rio desciam pescar
Estendiam as redes, remando
Trabalho difícil de realizar
No outro dia bem cedo desciam
Os peixes gostosos buscar.

Vinha traíra, cascudo, pintado
Roncador, suruvi e jundiá
Generoso era o rio que trazia
Fartura na mesa do lar
Era fritada, sopa, farofa,
Delícias para se apreciar
Agora só restam lembranças
E a saudade que não quer me deixar.

Nestas águas agora profundas
Outros peixes vieram morar
E a família espalhou-se no mundo
É só um ermo aquele lugar
Não se pesca, pois existe a piranha
Não se pode nas águas nadar
Até cobras, grandes, ferozes
Resolveram ali habitar.

Oh! Rio Pelotas querido
O humano quis te cercar
Mas tu não te entregaste
Nunca deixaste de lutar
Contra o cimento que impede
Tuas águas as margens regar
Ao leito voltaste altaneiro
Pois sabes onde é teu lugar.

Aqui

Tânia Francalacci Schambeck

FLORIANÓPOLIS

Mergulho
nas quatro estações
de uma ilha.
Em seus vapores
sabores
odores
que temperam
velhas estórias
e
a minha rotina.

Aqui onde o mar brilha
mais sedutor
purifico a alma
anulo as dores
velejo em amores

Algumas vezes
me escondo em bruxa
outras vezes
em sereia.
Me chamo
Conceição
ou
Joaquina
Com a bênção
da Santa Catarina.

crônicas

Se uma casca de banana falasse...

Altair Reinehr

MARAVILHA

Pois lá já se vão quase seis décadas que um pai de família perdeu a vida por causa duma casca de banana! Era uma cinzenta tarde de outono. Chuviscava. As baixas temperaturas prenunciavam a chegada da estação fria.

DJ, o nosso personagem, regressava a Cruzeiro, duma viagem que fizera a parentes, em Rio dos Índios. Acompanhavam-no a esposa e dois filhos pequenos. O passeio transcorrera dentro do previsto. A alegria de rever os parentes, todos bem e como saúde, e as horas de feliz convívio foram algo inesquecível. O casal comentava o passeio e o que teriam a contar aos outros quatro filhos – de seis a doze anos – que ficaram em casa na companhia dum tio, bem como aos demais parentes.

Como naquela época não havia asfalto, quem quisesse viajar devia se contentar com o que de disponível havia: estradas de chão, nem sempre encascalhadas, ônibus, que não ofereciam o conforto dos coletivos de hoje... Poeira em dias de sol, barro e atoleiros em dias de chuva. E não eram raros os trechos que ficavam intransitáveis deixando os passageiros, no caso, "encalhados...!"

Mas naquela tarde de outono, mesmo chuviscando e tudo indicando mais chuva, tudo ia muito bem. O ônibus

rodava célere de Rio dos Índios a Cruzeiro. As correntes nos pneus traseiros ainda não eram necessárias. Os passageiros, que lotavam o coletivo, estavam satisfeitos, pois a poeira não os molestava.

O motorista, porém, começou a se preocupar. Nalguns trechos, a estrada já se apresentava escorregadia. Temia ter que parar no mau tempo, acorrentar os pneus, ou, o que seria pior, acabar parando num atoleiro...

Entre os passageiros, havia uma senhora com uma criança enferma. Choramingava sempre mais. Necessitava dum remédio, prescrito por um médico, mas que a mãe não tinha mais consigo. Pediu ao motorista o "especial favor de parar na primeira farmácia", a fim de comprar o medicamento.

O condutor do veículo ascedeu ao pedido. Após mais meia hora de viagem, passaram pelo povoado de Ponte Nova, onde havia um "Posto de Revenda de Remédios". Impossibilitada de ir ela mesma, aquela mãe pediu que algum passageiro atravessasse a rua e fosse comprar o de que a criança necessitava.

DJ, voluntarioso como era, prontificou-se a providenciar o recurso. Como aquela parada não estava prevista, o condutor do ônibus advertiu DJ, dizendo: " Mas faça ligeiro para não nos atrasarmos!"

O voluntário obedeceu. Em largos e apressados passos, ganhou o outro lado da rua, onde comprou o remédio àquela criança enferma. Mais rápido ainda, quis retornar

ao ônibus. Corria contra o relógio e contra o mau tempo reinante naquela tarde.

Ao atravessar a rua, apressadamente, escorregou numa casca de banana, que algum transeunte ali atirara, inadvertidamente... Pisou, escorregou e caiu com o pacotinho de remédio na mão. Momento fatídico!...

Um automóvel vinha em sentido contrário. Seu condutor, não conseguindo parar o veículo a tempo, atropelou DJ – que caíra por causa duma casca de banana – matando-o no local!

Os passageiros, que àquela cena assistiram, ficaram atônitos. Acorreram para socorrer DJ. Inútil! Seu corpo já estava sem vida. O desespero generalizou-se. Em pior situação, a esposa e as duas crianças. Havia, ainda, umas duas horas de viagem até chegarem em casa. A alegria, em tão curto espaço de tempo, foi atropelada pela desgraça. A causa de tudo: " Uma casca de banana!..."

Movido pelo sentimento de solidariedade humana, DJ deixou a esposa e dois filhinhos no ônibus para socorrer a outrem. Nem em sonho poderia imaginar que nunca mais voltaria para junto de seus familiares... Quis ajudar a salvar uma vida e perdeu a própria...

Por causa dum ato irresponsável, de falta de capricho dum bípede pensante qualquer, através duma simples "casca de banofficioana", resultaram: uma viúva e seis órfãos. Duas meninas e quatro meninos. Em suma: uma família destruída. Todos tomaram rumos diferentes...

Uma moça casou mal. A outra abraçou "a mais antiga das profissões". Dois rapazes na marginalidade. Os outros dois infelizes.

A viúva, indefesa, nada pôde fazer. Morreu de desgosto, alguns anos depois. Era opinião unânime de que aquela família não teria descido a ribanceira se o pai adiante lá estivesse presente. Mas a macabra sorte, através duma casca de banana, desgraçou oito pessoas. E muito mais nós não sabemos. Talvez saberíamos, "se uma casca de banana falasse...".

O poder da semente

Ana Schirley Favero

CAPINZAL

Num determinado momento, em que o céu estava mais disponível do que costumeiramente, em que a Terra cumpria sua missão gratuitamente, ignorando as degradações das mãos humanas, lembrei-me dos sentimentos errôneos, como a violência e a intolerância, a corrupção e a vulgaridade, a injustiça e o desrespeito. A tônica das ações de muitos e muitos seres que se dizem humanos.

Foi nesse momento que tive a ideia de gritar aos quatro cantos desta Terra, para que troquem as injúrias e as baixarias pelo sentimento mais nobre do coração: a GRATIDÃO.

É necessário que aprendamos a agradecer. Uma atividade que integra corpo, mente e emoções, promovendo união e espírito comunitário.

A vida precisa se tornar mais brilhante e generosa. E para isso é necessário que se troque o silêncio pela demonstração aberta do sentimento GRATIDÃO. A semeadura desse sentimento começa por nós mesmos.

O mais curioso é que não precisa acontecer algo especial. Pode ser o descortinar da beleza da natureza pelo caminho que trilhamos; pelo abraço que recebemos dos familiares e dos amigos; pelo sorriso desconhecido, no ônibus; pelas brincadeiras sadias e pela pureza da alma

das crianças ou, mesmo, pela ajuda diária das pessoas que nos rodeiam e que tantas vezes ignoramos.

Descobri que agradecer deve ser um exercício diário, contínuo... Percebi que quanto mais agradeço, mais tenho para agradecer: pelo pão de cada dia; pelo emprego; pelos bons professores, pela música, pela poesia e pela literatura; pelo sol, pela chuva, pela saúde, pelo Planeta Terra que é nossa casa. Também pela dor que vira aprendizado.

Devemos exercitar o olhar grato, independentemente da situação que se apresenta; ver beleza nos detalhes da vida; espalhar as sementes das boas ideias. Tudo isso é uma forma de agradecer. E agradecer é celebrar a vida.

Jamais podemos duvidar do Poder da Semente. Espalhe você também as sementes preciosas da GRATIDÃO.

Procurando a felicidade

Didymea Lazzaris de Oliveira

ITAJAÍ

Saí em busca da felicidade!

Comecei procurando-a no espaço, mas um vento que passava levou-a consigo para bem longe, aonde se não consegue chegar.

Olhando o céu, na esperança de encontrá-la, vi uma nuvem passando. Pensei que fosse um anjo. Ou seria a felicidade?

- És uma nuvem, um anjo ou a felicidade? – perguntei-lhe.

- Depende do que achares que seja, pois nem sempre as coisas são como se deseja. Está aí a ilusão.

Entre as chamas também a procurei! As chamas viraram cinzas que o vento espalhou.

Na beleza do mar agitado; no céu, em seu esplendor; no esvoaçar das borboletas; num coração encantado com o seu novo amor, em vão procurei a felicidade.

Vi, naquela aurora que surgia, uma delicada gota do orvalho que embelezava uma flor. O sol chegou, e a gota desmanchou-se com o seu calor. Não era ainda a felicidade!

Perguntei ao Oceano:

- Na tua imensidão estará a felicidade?

- Talvez a encontres em minhas fogosas ondas que ficam no mar a bailar, ou na areia da praia que minhas ondas vão beijar.

Mas aquelas alegres ondas indo de encontro aos rochedos, formavam espumas, deixando apenas gotículas no ar. Na praia, enchi a minha mão de areia, que escorreu pelos meus dedos, sem que a pudesse segurar. Se ali estava a felicidade, deixei-a escapar.

Entrei no rastro da via-láctea. Só encontrei uma célula ambulante, um ser talvez abstrato procurando ali o seu lugar.

Passou por mim um alegre vagalume saltitando no espaço. Ele queria alcançar as estrelas, que do céu ficavam olhando, querendo descobrir quem na Terra causava tanto encanto.

Pensei que no encanto do pirilampo estivesse a felicidade. Engano meu. Ele perdeu-se na escuridão da noite.

Nas inocentes crianças que brincavam numa espaçosa praça florida, indiferentes aos problemas dos adultos, só vi alegria.

Cansada de tanta busca, tornei-me um espírito sonhador, vagando de pensamento em pensamento, sempre procurando a felicidade.

Era um final de tarde de primavera: os jardins estavam floridos e as árvores abriam seus ramos para os insetos e os pássaros fazerem os seus ninhos.

Sentei-me num banco, sob os ramos de uma frondosa árvore, e fiquei ouvindo o chilrear da passarada que voltava para aquela árvore envelhecida, deles uma grande amiga. Pendia, perto de mim, um galho com ninhos de filhotes emplumando e, junto dele, um pequenino bico-de-lacre que se exibia mostrando a sua felicidade.

Abri a janela da imaginação e me vi conversando com o passarinho:

- Encontraste a felicidade? Onde? E como conseguiste encontrá-la?

Respondeu-me aquela avezinha:

- Depois de ter voado pelos campos e caminhos à procura da felicidade, voltei para o aconchego desta árvore onde havia ficado o meu ninho e vi que nele estava a minha felicidade. E o meu amigo sonhador onde pensa que a pode encontrar? No vento... Nas chamas... No ar? No que tem em si, ou bem perto, não será onde ela pode estar?

Naquela tarde serena, aprendi com o passarinho que não encontrava a felicidade porque não observava o belo no que a natureza me mostrava.

Compreendi, então, que a felicidade estava bem perto de mim, em tudo o que vi e senti: no calor de meu lar, junto à minha família, na amizade de meus amigos, em minha própria vida, a vida que Deus me deu como oferenda do seu amor.

Fui tão longe atrás da felicidade e ela estava tão perto de mim!

Eu já era feliz e não sabia!

É a vez do cavalheiro!

Iêde Cardoso dos Santos

IÇARA

As mulheres são românticas por natureza e, para sintonizar com essa característica feminina, faz muito bem um cortejar inteligente e gentil. A surpresa de uma rosa ou um de robusto ramalhete em suas mãos as torna felizes! A corridinha do parceiro para abrir as portas, ajeitar a cadeira para o conforto da sua dama, oferecer ajuda nos afazeres domésticos, o "Bom dia" em qualquer dia... Gestos galantes que agradam a convivência familiar. Gentileza, dom que já nasce com a pessoa, fruto de uma educação esmerada ou um aprendizado da escola da vida?

Creio que seja um pouco de cada e a aprovação da companhia. Nas vezes em que perguntam sobre o casamento, respondo que é bom. Totalmente crente na união de duas pessoas que se ajudam e sem querem bem. A parceria sábia no casamento é participativa, seja na continuação da vida, com a chegada dos filhos, nos estudos, numa empresa, num *hobby*, nos bons hábitos da saúde como no tratamento de eventual doença. Envelhecer juntos tem suas vantagens. Pode-se lembrar dos fatos agradáveis a dois, tanto na fase do namoro como em outros tantos momentos e dar boas risadas. O diálogo franco e respeitoso traz benefícios ao enfrentamento de

crises. Refiro-me aos conflitos que existem até nas melhores famílias.

É comprovado que vencido o problema, sem o desligamento afetivo, o casal fica mais fortalecido. Comparado ao vinho, safra antiga é melhor! O geriatra recomenda que a vida em família gera longevidade. Primordial que se tenha qualidade de vida na alimentação, lazer, e ocupação regados a uma boa vivência. Vida longa e prazerosa depende de escolhas. Conheci um casal: ele adorava futebol e ela, dança. Então combinaram que um iria inteirar-se do gosto do outro. Ela acompanhou-o nos estádios e ele a surpreendeu com a carteira de sócio do melhor clube de dança da cidade.

No amor, a coisa flui melhor em via de mão dupla: eu te ajudo e tu me ajudas. Aprendi com minha mãe: precisa-se entender o momento do outro. Às vezes, prudente é calar. Passado o estresse, verificar o ponto que desgostou. O pedido de desculpas, perdão pelas faltas e promessas não cumpridas, faz parte da relação. Li, em algum lugar, que passar uma borrachinha nos defeitos e acentuar as qualidades do outro nos alenta a continuar. Tenho privilégio de viver esse amor. Creditar ao homem cortês que afere solidez ao relacionamento, é tudo de bom.

A figueira da Dona Júlia

José da Silva

CRICIÚMA

Na Rua Maranhão, na Próspera, há uma figueira quase centenária que encanta minhas manhãs de primavera, quando por ela passo para ir trabalhar no colégio Heriberto Hulse. Ela me diz tanta coisa!.. Me reaviva tantas reminiscências!...

E ainda libera sobre o meu ser seus fluidos energéticos, elevando o meu ânimo, positivando o meu humor para um bom dia de trabalho, pois lido com crianças e jovens e a figueira me passa esse sentimento forte de renovação, ao senti-la, em cada Primavera, em sua renovação, revestindo-se de nova brotação, num rejuvenescer constante.

Fico pensando na sensibilidade da família Benedett/Salvador que lhe reservou praticamente o espaço de um lote todo. Essa frondosa e exuberante figueira se afigura para mim como um palácio verde, um templo sagrado à mãe natureza, onde, nas manhãs luminosas de início de verão, presencio uma grande festa dos pássaros alegres, cantando e saltitando de alegria, numa sinfonia invejável de acordes musicais, movidos pelos sentimentos do acasalamento e da procriação.

Bromélias acordam aos primeiros raios de sol, reluzindo as gotas d'água do orvalho na noite, que deslizam em suas folhas coriáceas sem pressa... Orquídeas rescendem

sua apurada fragrância... Besouros zumbem, catando o néctar das espécies que ali florescem...

Uma festa matinal de animação imensurável, sem falar dos micro-organismos, cuja presença foge à nossa escala sensorial!

É um ecossistema completo, que varia de micro a macro-organismos, culminando como os anus escandalosos que ali se aninham para procriar e se alimentar com os frutinhos da figueira, e fazem um alarido estardalhoso ao deixarem o ninho. Uma simbiose perfeita que só a mãe natureza sabe produzir, na emaranhada trama de relações que une as espécies na completa sinfonia da vida, na interação entre as espécies.

É a vida ululando com toda a sua pujança, mostrando ao homem que natureza e progresso casam muito bem quando se dá a cada espécie o respeito que lhe é devido.

E ali está a figueira, rainha, frondosa, com todo o espaço necessário para esparramar seus galhos à vontade, sem ter que competir com outras espécies, sozinha, dona-do-pedaço, como um troféu de família, um monumento vivo a exalar um cheiro de vida, um templo de amor à ecologia.

Quantas lembranças! Quantas confidências não ficaram incrustadas em seu lenho! Afetivamente, ela também é um memorial de família... um cofre onde estão guardadas as reminiscências da família que a cultivou ao longo de sua existência!

Uma manhã, movido por um sentimento forte de afeição à grandiosidade da familiar figueira, não me contive.

Voltei em casa e apanhei minha máquina fotográfica para tirar-lhe uma fotografia.

Queria congelar aquele momento tão significante de vida que presenciava e usufruía de seus benefícios, como que me sentindo também coator daquele espetáculo que todo dia a natureza proporcionava gratuitamente aos que ali passavam.

Certamente a família Benedett/Salvador tem por ela um carinho muito especial, pois ela a acompanhou em sua caminhada de vida e está ligada a muitas recordações.

É um marco, uma relíquia, uma companheira de vida, que dá e recebe energia, numa troca constante de dar inveja aos amantes da natureza.

Jamais vou esquecer a figueira da "Dona Júlia".

"Somos história e natureza."

Desde menino a avistava de longe, pois ela fazia parte do grande potreiro que ali existia e que depois foi loteado, destinando-se a ela o espaço atual.

Lá de longe, da rua geral, a avistava quando ia estudar na escolinha da "Dona Maria Corrêa", que ficava nas imediações, em frente ao escritório da Carbonífera Próspera.

Se eu fizesse parte de algum movimento ecológico, como essas ONGs que lutam por amor à camisa e fazem ecologia de verdade, registraria um preito de gratidão em nome e defesa da mãe natureza, aos membros da Família Benedett/Salvador, como grandes benfeitores da humanidade.

"Quem planta uma árvore, compõe um poema, ergue um sinal de paz."

A poeira

Kelli Regina Gonsalves dos Santos Assunção

CAMPOS NOVOS

Naquela manhã acordei, como de costume, peguei uma xícara, fiz um café, fiquei pensando se tomava com leite ou preto, pois queira eliminar um pouco da minha ingestão de lactose, mas optei por leite. Sentei com a xícara na mão e, ao tomar meu primeiro gole de café, me deparei com uma poeira sobre um armário, e fiquei pensando há quanto tempo aquela poeira estava ali. Ao mesmo tempo, fiquei pensando em quantas vezes deixamos a poeira estagnada em nossa vida. Porque, ao mesmo tempo em que não concordamos com aquilo que vivemos, nos omitimos esperando a poeira baixar. Lembrei-me de minha situação: como queria mudar de cidade, procurar novos ares, novas pessoas, novas oportunidades, mas estava estagnada como aquela poeira. Sem atitude, sem iniciativa para sacudi-la e seguir o meu caminho com desprendimento e leveza. Mas não... estava estagnada como aquela poeira, por meses, por anos, paralisada, esperando que os outros decidissem o que era melhor para minha vida. Naquela manhã, limpei a poeira do armário da cozinha, mas decidi que iria limpar a poeira da minha vida, iria tirar o pó de todos os campos que ainda permaneciam sujos em meu subconsciente, e iria me libertar, queria viver o meu

propósito de vida, não o propósito dos outros. Já sabia a que lugar eu queria ir, como iria fazer, como iria me sustentar... Tinha planejado isso por anos... Mas me faltava sacudir a poeira.

Então, naquela manhã juntei minhas coisas, conversei com as pessoas que não queriam dividir meu sonho comigo, apenas de eu sempre viver o sonho e as expectativas delas, e me propus a um acordo. Sempre vivi pelos outros, de hoje em diante irei viver por mim. Não quero mais poeiras nas minhas expectativas, apenas quer viver... o meu sonho, o meu propósito de vida. Lembrei uma conversa que havia acontecido uns dias atrás com uma amiga, ela me contou que também gostaria de mudar, mas não mudava pelos pais, que eram idosos, pelos bens materiais que adquiriu ao longo dos anos e que agora lhe exigiam que administrasse tudo aquilo.

A minha resposta para ela foi a seguinte: "Sabia que nós nos prendemos aos lugares, mais do que as pessoas nos prendem?" Ninguém pode nos prender, nem circunstâncias, nem pessoas, nem coisas. Se ficamos parados é porque nosso balde ainda não transbordou, ainda temos espaços a serem preenchidos, ainda estamos paralisados com a poeira. Tudo na vida acontece por saturação. Se você ainda não está saturado, você vai permanecer onde está, como poeira... Hora de sacudi-la!

O menino e a maleta

Maria Lucia Fritzen Liebl

MAFRA

Era o ano de 1978.

Em uma próspera cidade do Planalto Norte Catarinense, eu lecionava Português para uma classe de 5ª série. Era a terceira aula da manhã. Os alunos estavam empenhados em interpretar um texto, quando, de repente:

- Professora, o Zezinho não está escrevendo.

Aproximei-me do menino e perguntei:

- José, você não vai escrever? Não entendeu o texto?

Ele não disse nada. Insisti.

- Abra a maleta e pegue o livro.

José era franzino, talvez o menor da turma. O menino continuou calado e debruçado sobre a carteira. Nesse momento, uma avalanche de interrogações invadiu meus pensamentos. O primeiro impulso foi julgá-lo um pré-adolescente rebelde e precoce, justificável, talvez, por uma história de sofrimentos e incompreensões. No entanto, um sentimento de compaixão e empatia despertou em mim uma série de outras interrogações. Que mistérios se escondem por trás deste rosto pálido e sem expressão? Teria o tema proposto atingido alguma ferida da história dele? Haveria algum motivo especial que pudesse bloquear suas atividades?

Afastei-me dele e continuei a aula. Havia mais 31 alunos na sala. Tocou a sineta para o recreio. A turma saiu animada, mas José não se levantou. Fui até ele.

- José, o que está acontecendo com você? Por que este garoto lindo não fez nada e sequer abriu a maleta?

Então, como se ele tivesse acordado de um sonho, ele se encorajou e murmurou:

- Professora, eu não quero fazer nada, minha vida não vale nada...

- Não diga isto, Zezinho, todos somos importantes e temos nossos valores.

- Eu não, professora. Minha mãe me jogou no lixo quando eu nasci.

Por alguns instantes fiquei paralisada diante da confissão inesperada do menino. José tinha razão. Era claro que para ele nenhuma interpretação de texto tinha importância. Estava pensando em si, na sua história. Agora que era quase adolescente, se tornara capaz de interpretar o principal acontecimento da vida dele: "Minha mãe não me quis. Se nem minha mãe me quis, quem vai me querer? Eu sou um lixo, mesmo".

Depois de ter divagado por alguns instantes, também eu tomei coragem e tentei trazê-lo para o mundo real.

- Coragem, José. Acho que eu posso te ajudar. Podes me mostrar o material que trouxeste na maleta?

O menino fixou-me o olhar triste e, por medo de ganhar mais uma bronca, lentamente abriu a maleta. Estava

vazia. Não havia livros, não havia cadernos, não havia nada em sua maleta. Era o retrato fiel de sua vida. Uma vida vazia e sem sentido.

Naquele momento, meus olhos se abriram. O caso do Zezinho me ensinou a interpretar textos onde não há palavras, mas apenas lacunas vazias. Lacunas que escondem histórias não contadas. Vazios que aguardam um sentido.

E agora, José? O sonho não acabou.

Um giro pela terra

Pedro Antônio Corrêa

TUBARÃO

Meu tio Sebastião ou tio Bastião, como era chamado pela sobrinhada toda, era teimoso e cético a respeito de tudo ou quase tudo do que lhe contavam. Ele e meu pai, depois de mais velhos, tornaram-se irmãos inseparáveis... Não pela amizade, que não era tamanha, mas pelas acaloradas discussões quase diárias que mantinham, sentados ambos nos degraus da escadaria da capela ou no banco da venda local, pois raramente eles se visitavam, como acontece mesmo entre bons vizinhos.

Sendo um udenista roxo e o outro pessedista até embaixo d´água, o tema dos bate-bocas era, invariavelmente, o mesmo – política. E a solução dos problemas brasileiros, propostos por um, ficava sempre no "Hum! Vamos ver..." provocante do outro.

Ambos morreram e estão no céu. Tendo lá chegado muito antes do irmão, pra não perder o costume da Terra, o tio Bastião logo procurou alguém pro bate-papo, e imagine só com quem ele deu de cara! Com São Tomé!

Aquele que teve que pôr o dedo?

Esse mesmo. E as dúvidas aconteciam de ambos os lados, até que um dia... Epa! Lá não existem dias nem noites, é sempre "luz perpétua". Mas, como eu ia dizendo, até que numa dessas, o tio Bastião exclamou para seu interlocutor:

- Ah, isso é mentira! – exatamente como fizera comigo certa feita aqui na Terra.

Desta vez, porém, São Tomé não gostou de ser tachado de mentiroso assim, na lata, e foi reclamar pro Mestre a falta de respeito do brasileiro malcriado. Afinal, ele, São Tomé, era o único homem na face da terra, no céu e no inferno, a ter o privilégio de ter tocado nas chagas do Ressuscitado.

E não deu outra. Tio Bastião recebeu, como castigo pela falta de respeito com o Apóstolo padroeiro dos incréus, a incumbência de vir dar um giro na Terra e ficar aqui, uma semana, observando como é que os homens estavam vivendo.

Ele veio, olhou, olhou, escutou, escutou e... não se conformava com o que via e ouvia. De volta ao céu, ele se viu diante de uma plateia imensa, convidada por São Tomé e pronta para ouvi-lo sobre o de que todos, pela visão beatífica, já tinham conhecimento, e foi logo interrogado pelo promotor do evento:

- E daí, Sebastião, o que foi que viste lá na Terra?

- Gente do céu, - tio Bastião exclamou – lá na Terra, as pessoas estão todas loucas!

- É? Por que, Sebastião? – tornou São Tomé a perguntar com cara de gozação.

- Imaginem só! Ninguém mais se cumprimenta nas ruas. Uns andam apressados a falar sozinhos como a mão no ouvido, outros caminham com se estivessem no mundo-da-lua, de olhos fixos numa tabuinha...

Percebendo os cochichos e as risadinhas disfarçadas dos ouvintes, meu tio interrompeu-se intrigado.

- Por que é que vocês estão cochichando? Se estão duvidando, desçam lá pra Terra e vejam com os próprios olhos, ora!

- Não é preciso, meu xará – acudiu-o o bondoso São Sebastião. – Aquilo não é tabuinha, como tu disseste. São modernos aparelhos de telefone celular. Por meio deles, as pessoas se comunicam com outras, até em longas distâncias...

- E até se veem – São Tomé completou – mesmo que estejam distantes umas das outras milhares de quilômetros...

- Ah isso é... – tio Bastião ia duvidando.

- Ooooooooooooooooolha! – São Tomé advertiu ameaçador, com o dedo em riste...

- ...demais! tio Bastião corrigiu-se a tempo. Quase ia cometendo nova ofensa.

"Se, por causa da primeira vez que eu ofendi o cara, meu castigo foi passar uma semana na Terra, pela segunda, eu teria que ir, com certeza, observar como estão se comportando os condenados lá no inferno", tio Bastião pensou lá com seus botões.

As flores de plástico morrem

Silvia Teresinha Treml

CANOINHAS

Flores de plástico em um vaso sobre a mesa da sala. Alguém chega e diz: "Que bonitas, parecem naturais!" Em frente de casa, tem um jardim. Ali, algumas margaridas arriscaram-se a florescer, a despeito de sua singeleza. Parecem tímidas e frágeis, mas são luminosas, vestidas de amarelo e branco. Talvez alguém tenha observado as margaridas do jardim, mas admire, verdadeiramente, as flores do vaso e, por isso, argumenta: "As flores de plástico não morrem!" Realmente, tais flores podem ficar durante anos cumprindo a função de enfeitar a sala. Contudo, o tempo é um algoz também para elas. Por isso, ao ficarem descoloridas e pálidas, a dona da casa, com certeza, tomará uma atitude, sem dó nem piedade: substituir tais flores por outras, mais bonitas e mais novas. No lugar destinado às coisas que já não têm mais utilidade, as flores velhas ficarão despercebidas, como as demais.

E as margaridas? – As margaridas, no jardim, brincam com o vento, sorriem para o sol, extasiam-se com a chuva e agradecem ao sensível observador. As flores de plástico nasceram na mente de um copiador da natureza. Ele se lembrou das flores naturais, materializou-as e colocou-as no mercado. As flores do jardim, no caso, as margaridas,

são obras do Criador. Elas nasceram no pensamento do Deus. Ele pensou em margaridas e disse: "Façam-se as margaridas!" Então elas assumiram o seu lugar na Terra. E assumiram o jeito para qual foram criadas: enfeitando os jardins e os caminhos, apresentando-se em festas e comemorações, mas também aconchegando os desolados diante das dores e das perdas. As margaridas, ao entregarem-se à eternidade de seu sono, deixarão que a natureza faça sua parte para que, a seu tempo, possam contribuir, naturalmente, com outras margaridas que virão: "É preciso morrer, para poder viver".

Quando pensamos na sociedade humana, podemos identificar pessoas como tais flores: existem aquelas que, por viverem plastificadas em sua superficialidade, não sorriem para o sol, não brincam com o vento, não se deleitam com a chuva e, talvez, nem percebam seus admirados observadores. Por viverem um falso amor e um exagerado apego, possivelmente serão eternizadas na mente e no coração daquele que tenha sido alvo de sua indiferença, de sua arrogância e de seu egoísmo. Tudo isso por não exercerem o seu maior direito, aquele que nos torna verdadeiramente humanos: serem humildes.

Acredito, porém, que as pessoas margaridas ainda sejam em maior número. Integradas à vida, com amor e respeito, evoluindo e vibrando em harmonia, elas não morrerão. Ao fenecerem, terão seus corpos depositados ao solo e a sua essência voltará à Casa do Pai, onde existe

um jardim muito mais bonito, fecundo e florido. Tais pessoas, assim como as flores, são o duradouro dentro do efêmero. Tomando como empréstimo, cito Carlos Drummond de Andrade: “Pois as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

É urgente meninar em sonhos

Tânia Francallacci Schambeck

FLORIANÓPOLIS

Eu o encontro várias vezes na rua Tiradentes. Nas redondezas dos bares. É loiro, olhos rasgados, nunca vi tão imensos e verdes. A primeira vez ficou parado, me olhando. Mas logo percebi, impressionada, que eram infinitamente vazios, sem rota aqueles olhos.

Sempre que caminho na Tiradentes, ele aparece ou, então, eu o busco nas esquinas com meus olhos.

E os dele são cada vez maiores, parecem ocupar todo o rosto. Esbugalhados de tanta cola ou de outra droga.

Deve ter uns dez anos.

Em outras ruas centrais, a paisagem é cada vez mais abandonada, com a proliferação dessas sombras infantis que vagueiam sem chegadas nem esperas.

Corpos e olhos que têm sonos sem sonhos, confundidos com as latas de lixo.

Na corrida ao poder, quantos desses rostos sem identidade são transformados em astros para contracenar com atores-vilões, que perseguem o troféu de grandes intérpretes e os louros de uma gloriosa vitória.

Os cenários são limpos, saudáveis. Têm parques de diversão, jardins com flores, escolas, alimentação, moradias.

Os gestos dos atores-vilões tentam mostrar carinhos que não conseguem sair do fictício. As palavras têm um som metálico. O som do descompromisso consciente.

E os pequenos astros improvisados brilham no seu ar de espanto e orfandade.

Impossível deixar de sentir uma dor funda, os olhos nublados, a impotência e uma interrogação verde-amarela.

Em todas as retas, becos, subidas e descidas do país, a crucificação desses meninos e meninas são bandeiras, pedindo um socorro que não vem.

Mas é urgente que venha, para que possam meninar em sonhos.

Um novo olhar

Yara Maria Turcatel

JOAÇABA

Há lugares, tempos e eventos que, por alguma razão, se tornam especiais e eternos na memória da alma. Aquela coxilha parecia ser igual a tantas outras. Era presenteada por um caminho trilhado por animais; espraiava-se nela uma grama tecendo tapetes multicoloridos, arbustos de vários tamanhos; árvores e pinheiros mostravam-se ali, animais vadiavam nesse espaço.

Um homem sempre se fazia presente, atravessando a verde coxilha, ano após ano, cuidando solenemente de seus afazeres. Ora plantando no pequeno vale, atrás do pequeno monte, ora cuidando e protegendo um bezerro nascido. Eu o olhava e sabia que, nos seus momentos de quietude, estava a ouvir, com sua singela sabedoria, construída pelos anos, a voz do vento, da noite, dos bichos e das plantas, e mesmo das tempestades. Os animais entendiam seu chamado manso, e toda planta colocada na terra por ele mostrava sua bela forma, crescendo para receber seu olhar. Era seu fiel guardião.

Um dia, porém, sentindo que poderia partir, lançou um longo e demorado olhar para as terras que amava, como se quisesse embalá-las no berço da memória e da própria alma. Realmente, partiria e não mais voltaria.

No entanto, dias depois de sua partida, algo me chamou fortemente a subir aquela sua amada coxilha. Ele sempre era acompanhado pelos seus cachorros, fiéis parceiros. Sentindo falta dele e me percebendo naquele espaço, me acompanharam. Desenhando a trilha com nossos passos, rumo ao pequeno topo, senti que se agitavam, corriam, voltavam, buscavam algo. Então, parei. Olhei em volta demoradamente, tão demoradamente como nunca o fizera antes, sendo impulsionada por algo a adentrar as entranhas daquele lugar, dos horizontes, das cores, da beleza singela e sábia de cada canto, de cada movimento que tecia aquele espaço até onde se derramava o olhar.

Então, naquele momento, compreendi, na alma e no coração, porque ele amava tanto aquele lugar com paisagem tão rica e bela... Eu não estava, porém, olhando através dos meus olhos, mas com os olhos e a sabedoria da alma de meu Pai, Paizito, Papai Alcides. Estava a falar de seu mais importante legado por um novo olhar, e aprendi sobre o significado de saber ouvir a voz do vento, da noite, dos bichos, das plantas, das tempestades e do significado daquele guardião que ali estivera.

contos

Duda e seus bichanos

Caroline Riquetti

JOAÇABA

Era uma menina muito pequena, bem magrinha! Seus braços se confundiam com suas pernas, de tão finos que eram. Tinha cabelos castanho claros, lisos e curtos, usava franjinha sobre a testa, seu rostinho era arredondado, os olhos grandes e pretos, a boca pequena, a pele bem clara, seus dentinhos já estavam caindo porque estava na idade de trocar os de leite pelos fixos. Era uma criança muito calada, mas muito atenta e observadora. Ficava sentada quase que sempre na escada de sua casa, na porta da cozinha.

Usava um vestido de bolinhas vermelhas e brancas, que era o seu favorito, meio comprido, ficava abaixo do seu joelho, protegendo, assim, suas pernas do frio. Seu sapato era de plástico, azul claro, todo furadinho, que usava com meias brancas e curtas, as quais ajudavam a aquecer seus pés. Esse era o único par de sapatos que tinha. Usava até acabar.

Na época em que Duda era criança, as famílias eram mais numerosas, então costumavam passar as roupas e calçados de um irmão para o outro, quando ia escapando dos mais velhos, os pequenos aproveitavam. Sendo assim, independente da roupinha que ela usava, sempre estava com o mesmo sapato. No verão, deixava seus pés muito

quentes e no frio não esquentava. Mas ela adorava seu sapatinho azul.

Duda ficava sentadinha na escada, gostava de ficar ali, ficava olhando para a Dona Bravilda, sua mãe, que lavava as roupas numa casinha do tanque, como costumavam chamar. Era toda feita madeira, aberta nas laterais, o suficiente para se proteger do sol e da chuva. A distância era pequena da escada da casa até a casinha de lavar roupas. Duda conseguia enxergar a mãe de onde estava. Mas, Dona Bravilda ficava de costas para ela. Vez que outra se virava e dava uma olhadinha para ver o que a menina estava fazendo.

A casa onde moravam era de madeira e pequena. Chamavam de casas populares, que várias delas eram construídas no mesmo padrão. Elas eram enfileiradas e em cada quadra havia cinco casas. Formavam várias quadras, todas bem próximas umas das outras. Eram divididas, no máximo, com quatro cômodos. Dois quartos, uma salinha e a cozinha. Fora da casa tinha a latrina, um poço com manivela para puxar água, o galpão para guardar as bugigangas. Também, um forno para assar pães, feito de tijolos e uma camada de barro para tapar os buracos, que com o passar do tempo iam se formando.

Num dos quartos, dormiam seus pais e o irmãozinho menor, e no outro os irmãos maiores. Duda dormia num cantinho na sala. Ela era pequenina, e em qualquer lugar que ficasse se enrolava numa coberta e dormia. A família

era grande, mas todos se acomodavam naquela pequena casa do jeito que dava.

Dona Bravilda trabalhava muito. Cuidava da filharada, lavava roupas para fora, cuidava da casa e de uma hortinha, onde plantava algumas verduras e temperos. E, sempre que dava um tempinho, ela estava lá mexendo no quintal e plantando algumas verduras e ervas para temperos e chás.

No entanto, tinha um problema naquela casa. O terreno não era muito grande, e o que mais a deixava enfurecida era o fato de ser todo aberto. Não tinha cercado nenhum. Isso a enlouquecia, pois facilitava a entrada de animais, que não eram muito bem-vindos, nos arredores da casa. Estava ela sempre aos berros afugentando os bichanos, que adoravam pisotear as roupas que ela colocava na grama para ficarem mais claras e limpas.

Quando menos se esperava, ela gritava: "Estão estragando a minha horta, sujando minhas roupas" e tocava gatos e cachorros que ali adoravam pisotear e buscar alguns restinhos de comida.

Duda adorava esses momentos. Sentada nos degraus da escada, se deliciava ouvindo a mãe afugentar a bicharada. Ela achava divertido quando Dona Bravilda saía correndo com um pano velho, assustando-os.

Eram miaus e latidos para todos os cantos. Esparramavam-se de um lado para outro, mas logo em seguida estavam todos de volta... brincavam, brigavam, viravam os li-

xos, pegavam os calçados e levavam para o mato ou embaixo da casa, carregavam as roupas que estavam na grama para alvejar, faziam xixi e cocô por todo o canto, viravam as bacias que estavam cheias de roupas limpas. Era uma bagunça só!

Teve uma vez que um gatinho caiu no poço. Duda não viu esse episódio. Ficou sabendo somente depois, quando seu irmão Lilico contou a história para ela, que tinham tirado o filhotinho com o balde. Diz ele que o danado estava bem vivinho. Saiu chacoalhando seus pelinhos e feliz por o terem salvado.

Dona Bravilda não tinha sossego. Mas, fazer o quê? Sabia que as condições de morar naquele lugar eram assim mesmo. Então fazia o que era possível e acabou se acostumando com o vai e vem dos bichanos por ali. Todos eram muito brincalhões, buscando um cantinho para se aconchegar. Mas sempre famintos, pois não tinham um dono que os cuidasse com regularidade. Eram deixados pelas pessoas que queriam se livrar da incumbência de cuidar desses animais.

Duda, no seu universo de criança, ficava observando as brincadeiras dos gatinhos. Era sua distração favorita jogar migalhas de pão e ver as peripécias que os animaizinhos faziam ao seu redor. Tinha um, em especial, que era muito manso e carinhoso. Gostava de se enroscar nas pernas dela e ficar ali esperando seus agrados. Ela foi se apegando cada vez mais com esse gato. Era o maior! Com pelos pre-

tos e manchas brancas, seu rabo era enorme e bem peludo, os olhos verdes e brilhantes. Era simplesmente diferente dos outros, achava-o muito lindo! Duda já reconhecia de longe seu miado. Parecia que a estava sempre chamando.

Ela imediatamente pegava um pedaço de pão e corria a lhe dar boas-vindas. O gato adorava esses afagos. Foi criando assim, um laço cada vez mais forte e afetivo com aquele animalzinho. Tanto que foi o único que batizou, chamou de "Mima".

Dona Bravilda não percebia o que se passava no coração de Duda. Nem que ela deixava de comer seu pedaço de pão para dar a Mima. Vez que outra, olhava para trás para ver se a filha ainda estava sentada na escada. Ela estava sempre muito ocupada com as lavações de roupas e seus afazeres. Com muitas crianças para cuidar, e poucos recursos que possuíam, tinha que fazer tudo que estava ao seu alcance para dar um pouco de conforto para seus filhos.

Alguns acontecimentos nos cuidados com as crianças, às vezes passavam-lhes despercebidos. Como, por exemplo, que a menina deixava de comer o pão para dar para o gato. Mas Duda não se importava. Como ela ficava muito tempo sozinha, e era o seu amigo de brincadeira, dava de comer com alegria ao bichano.

Mima era sua amiguinha preferida. Sim, amiguinha, pois sua mãe lhe disse que era uma gata, e não um gato. Para Duda foi indiferente. Ela gostava igual. Só mais tarde é que veio a entender o verdadeiro significado de ser gata ou gato.

Aonde ela ia, a Mima corria a lhe fazer companhia. Às vezes, a gata desaparecia por alguns dias e Duda ficava ali, na escada, com os pedacinhos de pão esperando, sem saber o que tinha acontecido. Ficava imaginando que alguém a tivesse machucado ou levado embora, como era de costume.

Normalmente os moradores ficavam irritados com a algazarra e as sujeiras que faziam, e sumiam com eles. Como apareciam, desapareciam esses animais. Alguns malvados, até jogavam num saco com pedras no rio para que morressem afogados.

Aconteceu um desaparecimento repentino desses com a Mina, mas, para sua alegria, a bichinha voltou. Só que estava mais gorda, muito gorda e desajeitada, até um pouco mais arisca. Duda achou estranho que ela quase não brincava mais. Ficava deitada, procurava um lugar mais quieto e lá permanecia por horas.

Então, foi aí que aconteceu um movimento estranho de Mima. Duda ficou cuidando e falou para sua mãe:

- Mãe! A Mima está saindo do seu guarda-roupa.

- Como? Do meu guarda-roupa?

- Não sei, toda vez que chamo por ela, vejo que vem de lá de dentro de casa e sai do seu quarto.

- Ai, ai, ai, respondeu Dona Bravilda! Aí tem algo muito errado. Vamos cuidar e não permitir que ela entre mais no quarto.

- Tudo bem, mãe. Vou ficar na porta e não deixo mais ela entrar.

Passaram-se alguns dias e estava tudo calmo e quieto. De repente, Duda escutou Dona Bravilda chamando-a e gritando como uma maluca. Assustada, correu e foi ver o que estava acontecendo. Sua mãe chorava de brava. Chamou todo mundo para ajudar, queria que jogassem as roupas todas fora, falava, esbravejava, foi um escândalo.

Adivinhem o que aconteceu? Isso mesmo! Mima tinha dado cria dentro do guarda-roupas de sua mãe.

Duda, feliz com tantos gatinhos, tão bonitinhos, um mais lindo que o outro. E tão pequenos. Já estava batizando todos eles, quando a mãe, furiosa, chegou e colocou todos numa grande caixa, com aquelas roupas sujas e disse: "Você e seu irmão vão levá-los para bem longe daqui. Não quero ver nenhum bicho desses perto de casa!"

Lilico e Duda começaram a chorar e a pedir, por favor, que deixasse eles ficarem.

Não teve choro que acalmasse Dona Bravilda. Ordenou mais uma vez e lá foram eles, Duda e seu irmão Lilico. Ele era mais esperto, e ajudava muito sua mãe nos afazeres da casa. Sabia andar bem de bicicleta, fazia compras, brincava com os outros meninos, e, às vezes, quando sua mãe pedia, ele levava Duda para dar umas voltinhas na garupa.

Então colocou Duda, com a caixa de gatos na garupa; fizeram furinhos para que pudessem respirar, e lá se foram sem rumo certo. Foi pedalando até cansar. Era um miado só. Duda um pouco chorava, estava ficando com medo de derrubar tudo no chão e também, pelo fato de estar levan-

do para bem longe, para nunca mais ver, sua companheira de brincadeiras com os filhotes.

E assim foram, até chegarem num lugar bem distante, num mato perto de uma casa, onde os bichamos pudessem se refugiar. Pelo menos essa era a intenção dos dois. Assim o fizeram.

Muito cabisbaixos e cansados, voltaram para casa depois de terem cumprido a missão de abandonar Mima com todos os filhotinhos.

Dona Bravilda já estava ficando preocupada com a demora deles. Esperando ansiosa no portão, quando chegaram abraçou-os, pediu desculpas por ter feito aquele pedido a eles, levou-os para dentro para se alimentarem e descansarem. Foram para a cama chateados com o acontecido, mas acabaram dormindo logo, devido ao cansaço da aventura.

Quando clareou o dia, acordaram com a gritaria da mãe. Novamente estava ela esbravejando e xingando todo mundo. Duda e Lilico pularam da cama e foram ver o que estava acontecendo. Ficaram de boca aberta e extremamente felizes como o que estavam vendo. Mima e seus filhotes estavam de volta. Foi uma alegria só.

Dona Bravilda amoleceu diante de tanta beleza ao ver que Mima trazia seus filhotes pela boca, um por um, e os acomodava, aninhando-os embaixo do forno de assar pães. Ficou sensibilizada com a cena, e permitiu que as crianças fizessem um cantinho embaixo da casa deixan-

do-os ficar até que fossem desmamados e pudessem se virar sozinhos, então procurariam um dono para eles.

Também aceitou que Duda ficasse para sempre com Mima. Ela, por sua vez, pulava de alegria, abraçava a mãe e o irmão, e foi cuidar dos bichamos, toda sorridente. Afinal, bichos são tão sensíveis quanto a gente!

Lembranças

Dulce Maria Casanova Schurhaus

XANXERÊ

Meus pais, Antônio e Stela, se conheceram em um pequeno vilarejo perto de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Contaram que seus avós vieram da Itália. Por parte de mãe, dos Girardi pouco sei. Quanto ao meu pai, Casanova, meu avô e seus irmãos fugiram da fome e da guerra que a Europa estava vivendo. Embarcavam no navio que os traria para o Brasil. Para a terra prometida que lhes daria vida nova, trabalho e comida, como tantos outros italianos que saíram de suas casas em busca de uma vida mais fácil. No transcurso dessa jornada, que não foram poucos dias, um irmão pequeno faleceu e foi atirado ao mar, para sua última morada. Os que restaram chegaram ao Brasil, sendo que meu avô paterno e seus filhos se instalaram no então vilarejo acima citado.

Com sua esposa construiu sua vida com muito trabalho e determinação, tirando do plantio o sustento para seus filhos, já que tinham constituído uma família bem grande.

Todos os filhos seguiram os passos dos pais, trabalhavam na roça, e foi nesse trabalho que Antônio encontrou Stela, uma bela *ragazza*, alta, loira, de olhos azuis, que assim como ele, também trabalhava com a enxada, porém, do outro lado do morro. O trabalho na roça era difícil, mas

nada que não fosse alegrado com o canto dos irmãos Casanova e Girardi. As músicas trazidas da Itália tornavam o dia menos pesado, mais alegre e reconfortante. De um lado do morro, Antônio cantava; do outro, Stela respondia. E assim, foram construindo uma linda história de amor.

Na casa de meus avós maternos, a vida não era fácil. Muitos filhos, muitas bocas para dar comida, um pai muito enérgico que gostava de cantar e tomar seus tragos. Por outro lado, uma mãe submissa que lhe restava, além do trabalho da roça, todo o de casa, como lavar, passar, cozinhar, educar os filhos.

Poucos estudos tiveram os filhos da família Girardi. Stela foi um na escola, mas serviu para aprender a ler e pouco escrever. Sabia copiar seu nome, mas lia quase tudo. As necessidades sempre estiveram presentes em suas vidas. Porém, a maior era a falta de comida, embora plantassem quase tudo e criassem os animais domésticos para o sustento da família. Sendo sua mãe muito rigorosa, Stela contava que não foram poucas as vezes que roubaram o pão que ficava trancado no sótão, para comerem escondido. Quando iam a cidade levar o queijo produzido, escondiam um para vender, separado, e com o dinheiro compravam caramelos.

Tiveram poucas roupas, calçados. As calcinhas de baixo era feitas dos sacos de açúcar, e os calçados eram usados quando iam à missa, mas só calçavam os quando chegavam perto da igreja.

Embora toda esta dificuldade, Stela casou-se com Antônio. Estava linda com seus cabelos cacheados, vestido branco, sentada num lindo cavalo, que a levou até a igreja.

E a vida de Antônio e Stela começou a ser construída.

Depois de viverem alguns anos em uma pequena vila do Rio Grande do Sul trabalhando e criando os filhos, que vinham (um em cada dois anos ou menos), decidiram sair do solo rio-grandense e buscar uma vida com mais oportunidades nas terras de Santa Catarina.

Com o caminhão que aqui chegou em 1945, vieram Antônio, Stela e seus sete filhos. Em Santa Catarina nasceram mais quatro.

Contam que o percurso de RS e SC durou dois dias. Pernoitaram uma noite no caminhão, e após seguiram, a caminho da tão esperada vila, que pertencia a cidade de Chapecó, hoje Xanxerê.

Com dinheiro na mão, Antônio comprou um pedaço muito grande de terra, no centro da vila. Encontrou, também, poucos moradores, mas foi o suficiente para fazer amizades. Poucas casas de moradia, armazém, moinho, só na cidade de Xaxim uma madeireira que explorava o plantio de árvores como pinheiro, já que a região comportava uma grande quantidade deles. Um silo para guardar os grãos que plantavam na região e que eram comercializados com outros municípios. Uma igreja e uma escola.

Assim começaram a construir o futuro do casal e de seus filhos, que não eram poucos. Trabalho, muito traba-

lho. Plantar, colher, vender e comer. Cuidar das criações, tirar leite, para sobreviver.

Meu pai sempre foi um homem honrado. Trabalhador, de caráter. Bom esposo, mas muito brando. Não tinha ambição. Para ele, ter o que comer, vestir, dormir era o suficiente. Não se preocupava em ter uma casa melhor, uma vida melhor. Ganhar o pão de cada dia bastava. Não que isto o tornasse menos importante do que foi para todos que o conheciam.

De uma bondade imensa, nunca deixou um amigo ou vizinho sem ser ajudado, quando era solicitado. Muito amoroso para os filhos, deixando para sua esposa a tarefa de educar, cuidar e alimentar. Do pai não tinham medo, mas da Dona Stela, as coisas eram diferentes.

As terras adquiridas formaram uma grande área no centro do município, consideradas de grande valor. Porém, aos poucos elas foram sendo vendidas, pois os filhos foram foram crescendo e era necessário dar um pedaço para cada um, para que, com isso, pudessem iniciar as suas vidas com seus companheiros e companheiras escolhidos.

Meu pai e minha mãe procederam como todos os antigos faziam. Para os homens, a maior quantidade, a melhor qualidade; para as filhas mulheres era dado um terreno para que pudessem construir suas moradias.

Para o filho mais novo, aquele que iria cuidar dos pais quando velhos, maiores bens, casa, terreno, dinheiro e, inclusive, a doação da casa paterna. É uma longa história, que no final todos saíram decepcionados, tanto eles como nós.

Stela sempre pensava na necessidade de todos os dias, colocar uma mesa repleta, numa época que se contava tão somente com os produtos coloniais da estação, uma vez que dispunham somente da produção própria. Cozinhar não era uma obrigação, também fazia parte do seu momento lúdico, acompanhado do inseparável copo de vinho ou cerveja preta: e a mesa sempre farta.

Apesar do tempo transcorrido, ainda lembramos os cheiros, os sabores, os encontros e desencontros. Recordar a cozinha da dona Stela, onde se celebrava o triunfo da alegria e da vida sobre a tristeza e a solidão.

Através deste relato, foi passado um pouco da história de Antonio e Stela, como aqui viveram e como percorreram o caminho de seus destinos.

Seus filhos se tornaram adultos e carregam em suas costas a presença de seus pais, que já se foram, e aos quais solicitamos ajuda em nossos momentos de angústia e incerteza.

E a felicidade começa aqui, no seio da família, onde cada um sonha e sai em busca de seus ideais. Recordamos fatos, alegrias, tristezas e conquistas de cada um de seus filhos.

E então, recordando partes de um capítulo que se foi, não temos dúvida. Foi aquele o melhor período de nossas vidas. E somente nos damos conta desta verdade quando percebemos que este tempo fugiu para sempre.

O padeiro

Fiorelo Zanella

TAIÓ

Antes de o sol se fazer sobre a encosta pelo lado do mar, nos idos 1920, Jacinto já se punha na estrada, tarefa de todos os dias. Seu cavalo tordilho, de ferradura nova já por várias, idade quase de parar a lida, atado como correa-me velho a uma carrocinha dessas próprias para padeiro, já decorara a lição de todo dia, entrega de pães nas casas.

A bem da verdade, Jacinto já madrugava bem antes, pois o pão, para sua profissão continuar com os mesmos fregueses e mais, deveria ser entregue ainda quente, gosto de novo, odor exalado pelas narinas dos clientes. Era o primeiro padeiro da cidade que aos poucos estava crescendo com o auxílio de algumas pequenas indústrias, e já havia alguns outros concorrentes querendo tomar-lhe a freguesia. Seus anos sexagenários, as carnes magras, suas costas já um pouco corcundas, as poucas horas que tinha para dormir, tudo suportava para continuar com a mesma entrega do pão de sempre, ganha-pão da família, trabalho contínuo na padaria.

O caminho que escoava do centro da pequena cidade (quem diria naquele momento que viria a ser a maior do Estado?), numa rua poeirenta em direção à colônia de Vila Nova, marcava presença em frente à igreja da localidade, o

cemitério dormindo plácido ao seu lado. Por todo este caminho, muitas casas além da igreja, espalhadas cá e lá, entre um quilômetro e outro recebiam o pão, sustendo da manhã.

Jacinto era homem de bons nervos, preparado pela vida a qualquer prova, nunca lhe deu medo passar no escuro em frente ao cemitério, no mesmo terreno da igreja. Mas nessa manhã de inverno, mais fria que as outras da temporada, a cerração litorânea fechando a estrada, delgados filetes de gelo gotejando das árvores, pela primeira vez atrasado por ter-se esquecido, na noite anterior, de recolher a lenha seca ao sol para a fornada de pão, atendeu a casa bem defronte ao cemitério, quando as galinhas do quintal recebiam grãos de milho, deixado escapar dentro os dedos das mãos da dona da casa.

Jacinto, uns poucos pães de bico nas mãos da senhora, algumas moedas a mais em seu bolso, ao voltar para a charrete, absorto em seus pensamentos, foi interpelado à beira da estrada por um estranho, nunca visto antes:

- Que horas é? – voz alçada acima do normal, rouquenha pelas horas dormidas ao relento.

A voz chegou aos ouvidos do padeiro do jeito sepulcral e o medo se espalhou em seu corpo como se nele mergulhasse um fantasma, ao ver o desconhecido numa das covas, quase perto da cerca, a cabeça apenas de fora, fisionomia de além-túmulo. Jacinto, como um serelepe, sem físico para isso, mas impulsionado pelo medo, agarrou-se à alavanca do freio da carroça e saltou para a boleia. Des-

controlado em suas ações, malhou todo o seu desespero com o chicote no lombo do pobre animal, corrida desenfreada, o pão se espalhando por todo o correr da estrada.

- Ei! Ei! Não se assuste! Só quero saber a hora! - Faz perder para os ares o homem da cova, palavras inaudíveis para o padeiro.

- Uai! Monologou depois de um pedaço de tempo, a noite mal dormida lhe dando bocejos.

- Esse cara aí tá maluco! Ou será que se assustou com a minha cara? Não... até que tenho boa pinta! As moças lá do "Bambu" não reclamam de mim, não. Ou será... Não... Não pode ser. Será que ele tá achando que to com cara de defunto?

E gargalhou a bandeiras desfraldadas, por um bom tempo.

Até as galinhas se assustaram com a corrida desabafada da mulher da casa da frente, na tentativa desesperada de fechar portas e janelas, pois – e se deve fechar as portas com a passagem do defunto, quem dirá quando um defunto quer sair da cova – colocou ela em segredo aos seus botões, enquanto fechava a última janela. A seguir, colocou três folhinhas de palma benta no fogo, crença de afastamento de perigo, acendeu uma vela no mesmo fogo e começou a rezar, em voz meio alta, aos seus santos.

Por medo pior passaram os operários, que iam para as fábricas, com suas bicicletas, movimentos lentos, mas pedalaram suas pernas mais rapidamente em direção ao trabalho à medida que ouviam vir das covas as risadas do defunto.

Vontade de parar de rir, o defunto que fizera crer a todos estar ali em carne e osso uma alma do outro mundo, saltou com muita dificuldade para a borda da cova. Tentou primeiro limpar com palmadas fortes e pó grudado em sua roupa e desceu a pequena rampa até a estrada, tropeçando ainda as pernas, e sem antes ficar enganchado por instantes num dos fios de arame farpado da cerca do cemitério, a calça incolor pela sujeira, marcada com pequenos rasgos.

O defunto era apenas um bêbado que caíra na noite anterior na cova feita de pouco, abrigo de um homem importante da cidade, que seria enterrado ali antes do meio dia.

Esfomeado, mais de um dia sem comer, curtido até os ossos pela pinga, as pernas sem pique certo de andar, corria os olhos pela estrada à cata do pão que caíra da carrocinha do padeiro.

Nesse meio tempo, a conversa do defunto-vivo correra chão, notícia mais importante do dia. Apenas, depois da hora, um repórter do jornal local veio fazer o registro, notícias de primeira mão. Nem mesmo o homem da cova corria ainda o pé na estrada. Não se via viva alma, estrada deserta, notícia dada sem testemunhas.

Minha primeira professora

Iris Maria Pfau Randig

CANOINHAS

Todos os contos literários começam com a expressão era uma vez.

O meu conto é verdadeiro, aconteceu e todos os personagens são reais.

O ano é de 1954, a cidade é Canoinhas, situada no Norte de Santa Catarina e o cenário é o Grupo Escolar Almirante Barroso, localizado na Rua Curitibanos, número 655 daquela cidade. Este estabelecimento de ensino era o único de Canoinhas e o primeiro grupo estadual.

Era uma construção de tijolos maciços, portas de madeira de lei escura, janelas grandes, tipo ventarolas, possuía oito salas de aula, quatro do lado esquerdo e quatro do lado direito.

O corredor era de azulejo preto e branco, paredes de material, pintadas de verde e as colunas brancas. Na entrada existia uma escada larga que seguia a fachada da construção. Havia a sala da diretora, a sala dos professores e a secretaria, na qual estrategicamente estava colocado o piano utilizado nas sessões cívicas. A nossa sala ficava na ala esquerda e era a primeira.

O pátio era imenso dividido em duas partes, à direita as meninas e à esquerda os meninos. O número de professo-

res que ministravam aulas era oito, sendo, quatro no turno matutino e quatro no vespertino.

Uma turma de trinta alunos vestindo azul-marinho e branco, com bolso bordado e as iniciais AB, identificando o nosso grupo escolar Almirante Barroso.

Na frente, perfilados, a turma ouvia a voz de comando:

-"Atenção crianças! Tomem distância! Vamos entrar na sala de aula".

Essa voz a identificava – era a nossa primeira professora.

Estatura mediana, aproximadamente um metro e sessenta e cinco centímetros, peso médio, cabelos castanhos, olhos alegres e um meio sorriso que iluminava seu rosto. Como era bonita minha primeira professora! Vestia uma saia preta, blusa branca e sapatos pretos de salto baixo. O guarda pó branco tinha um detalhe especial, o bolso grande na altura do braço direito estendido onde a mão alcançava. Uma borracha e um apontador estavam sempre naquele bolso.

Todos nós tínhamos sete anos completos e sentávamos em carteiras duplas, separados meninos e meninas, atentos ao que a professora ia fazer. A folha de chamada foi tirada da gaveta e cada aluno respondia "presente". Ninguém faltava às aulas e também não chegava atrasado.

A professora tirava do armário uma pilha de cadernos amarrados com uma bonita fita, tendo na frente uma linda estampa de criança. Ao lado dos cadernos tinha uma

caixa de lápis bem apontados. Cada criança recebia das mãos da professora o seu caderno e o seu lápis.

Para dar início à aula ela dizia:

- "Crianças, vamos cantar. Cada um de vocês pegue seu lápis. Olhem como eu faço. Meus amigos pequeninos vão agora aprender. Como é que se segura neste lápis para escrever. Dois dedinhos ficam juntos, outros três a trabalhar, da esquerda pra direita, vou agora escrever. Começando lá do alto pouco a pouco vou descer. Letra A – é o A da abelha".

O gesto de pegar o lápis com três dedos, polegar, indicador e médio, a voz calma e a serenidade da professora marcavam a atenção de toda a turma. O momento de distribuir a cartilha analítica "do Paulo" era de grande alegria porque a aula era de leitura. Tudo era novidade!

Caderno de caligrafia pequeno, matemática no caderno xadrez (de quadradinho), caderno pequeno de desenho e a caixa de lápis de cor "Faber Castel". Todo material era encapado com papel verde e etiquetas brancas que identificam cada aluno, seu nome, sua série, turno, nome da professora, eram guardados no armário da sala de aula com uma estampa bonita colocada em cima de cada pilha de caderno.

As crianças a chamavam quando erravam alguma palavra, só ela podia usar a borracha.

Como nós amávamos nossa professora!

Hora do recreio: a voz do comando soava:

- "Crianças, na fila, vamos para o recreio".

A merenda era sagu de vinho servido em canecas de esmalte verde. Era delicioso! Quentinho e cor-de-rosa!

Nossa professora também cuidava das crianças no recreio. Brincadeiras de infância: peteca, roda cutia, lenço atrás, rato e gato.

Entrávamos de volta para a nossa sala de aula.

A aula de matemática era dinâmica e a professora ensinava a contar e a escrever numerais. Tudo era concreto e a teoria aplicada na prática. As primeiras operações, adições e subtrações, foram logo entendidas por todos os alunos.

Às dezesseis horas era a última aula do dia.

- "Tirem o caderno de lição de casa. Vou passar no quadro o tema".

O tempo passa...

Amigos de infância ficam esquecidos.

A história dessa primeira professora começou em 1940 e durou até 1965, quando ela se aposentou. A carreira de magistério não existia, ela era professora normalista de vinte horas semanais, turno vespertino, inclusive aos sábados à tarde, durante vinte e cinco anos recebeu o mesmo vencimento da iniciante, e isto era apenas um detalhe, ela não se importava.

A satisfação maior era quando em agosto, após as férias de julho, os alunos recebiam o primeiro livro. Os alunos que passaram por suas hábeis mãos aprenderam a ler e a escrever.

Quem são eles hoje? Médicos, advogados, pedreiros, carpinteiros, professores, veterinários, alfaiates, costureiras, donas de casa, dentistas, jornalistas, cabeleireiras, e tantas outras profissões, estão espalhados por todos os cantos do Brasil.

Nomes? Não consigo lembrar todos, pois são muitos.

A minha primeira professora lembro sempre sem esquecer o seu nome Dona Leni Costa Pfau.

Bermuda, um caso de amor

Janice C. de Bittencourt Pavan
FLORIANÓPOLIS

Provavelmente você, ao ler o título, teve o pensamento voltado para o Arquipélago de Bermudas, territórios britânicos localizados no Oceano Atlântico; ilha principal, que leva o mesmo nome e que fica próxima à costa leste dos Estados Unidos da América... Quase isso!

O que me motivou a escrever este conto não deixa de ter uma relação. Atente, pois!

Na ilha afrodisíaca de Santa Catarina, também banhada pelas águas do Atlântico, mais precisamente no Centro de Florianópolis, lá pelos anos de 1984, Maria, recém-admitida no trabalho, resolveu presentear seu amado que estava aniversariando.

Objetivando a compra, iniciou suas pesquisas pela Rua Conselheiro Mafra, muito próxima de sua residência. Logo no início da rua, encontra uma loja de roupas masculinas, de primeira qualidade.

Seu salário não era lá um "acinte", mas Maria gostava de coisa boa para seu amado marido.

Pediu ao vendedor, que chegou cheio de boas maneiras e simpatia, uma bermuda branca, cor preferida do aniversariante. Entre tantas opções que aquela loja oferecia, ela

foi gostar exatamente de uma bermuda que de curto tinha apenas os comprimentos das pernas.

- Quanto? Tudo isso? Mas é o meu salário, disse Maria rindo com o vendedor.

- Ela é uma bermuda muito boa. É 100% algodão... a senhora vai levar uma mercadoria de qualidade.

Realmente o vendedor tinha razão. A bermuda era de brim, puro algodão, com um ótimo acabamento, uma etiqueta de confiabilidade, um modelo bonito. Na cintura, na parte de trás tinha elástico listrado em azul marinho e uma fivela em aço inoxidável. Nos bolsos da frente, tipo faca, acabamento em viés marinho.

Maria era costureira e conheceu a qualidade da mercadoria em questão. O preço, porém, balançou sua vontade e realçou sua dúvida. O vendedor não parava de argumentar que ela levaria algo bom, que não iria se arrepender. Entre pesar na balança, ter que andar mais, e ainda não conseguir algo semelhante, pois se apaixonara pela bermuda, imaginou seu maridinho dentro dela, decidiu e comprou a tal.

Chegando em casa, eufórica na condição de papai-noel ou coisa parecida, não via a hora de entregar o presente ao seu amor. Que maravilha! Ela serviu como uma luva. Seu marido adorou e, para encurtar a história, não tirava do corpo, sempre que a situação pedia.

No mês seguinte, já chegando o dia do vencimento, lá foi Maria feliz pagar a primeira prestação. Queria agrade-

cer ao vendedor por tê-la ajudado a adquirir semelhante mercadoria. Ela sabia do papel devido, cumprido pelo funcionário da loja, mas, ela quis compartilhar sua alegria com o responsável pela venda. Lá chegando, qual não foi seu desapontamento quando, ao perguntar pelo moço, o gerente comunicou que o mesmo havia falecido três dias depois da compra.

Ela saiu chateada. Rezou por ele.

Em casa, a vida continuou o curso e a bermuda sempre desfilando, exibindo as pernas do maridão de Maria. Era na churrasqueira, era nas compras do supermercado, nas idas às belas praias.

Usou tanto que, como toda peça de tecido, apresentou seu primeiro estrago. Seu marido mostrou a bermuda cujo o zíper havia rebentando: - Querida, podes arrumá-la para mim?

- Ah, isso é nada! É só trocar um zíper.

Habilidade e vontade não lhe faltavam. Desmanchou toda a costura que prendia o aviamento e depois de ter comprado outro zíper, colocou-o, ficando nova a bermuda.

Maria não lembra o espaço de tempo entre um estrago e outro, mas volta e meia ela fazia qualquer reparo e seu maridinho a vestia feliz da vida.

Zíperes foram uns quatro. Mas em que tempo, ela não lembra. Depois apareceu um cansaço no elástico. –Ah, minha bermuda está caindo! Será que dá para trocar...

- Claro, disse ela, é só trocar o elástico e pronto, ela não cai mais.

Para esta operação era necessário descobrir a linha da soltura da costura industrial, pois do contrário ela ficaria uma semana tentando tiras as três carreiras de costura em overloque que prendiam o bendito elástico. E ainda tinha que descoser as laterais para que ficasse um serviço perfeito. Com um pouco de prática, ela conseguiu e foi uma beleza, o fio foi soltando e o elástico já cansado ia se desprendendo do cós, entregue aos caprichos de Maria costureira. Feito isso, ela alinhavou o aviamento novo e, depois esticando, o próprio foi costurado, deixando tudo certo e perfeito. O marido ria, batia palmas e beijava a esposa, admirado pelas habilidades da mesma. Sua bermuda continuava inteira. Maria ficava realizada de ver o marido tão contente, parecendo criança.

Volta e meia, ela lembrava o vendedor dizendo: "a senhora não vai se arrepender". A bermuda já tinha cinco anos. Cansou o elástico novamente. Lá foi a Maria arrumar outra vez. Não sabia bem o que a levava atender aos pedidos: se era o fato de que ela gostava da bermuda ou se era o fato que ela amava o marido, ou... se de longe, em outra dimensão, alguém estava brincando de convencer o quanto o produto era de qualidade.

- Sabias que o nome "bermudas" nasceu na Ilhas das Bermudas? – ela perguntou.

Há muito tempo havia uma lei que proibia as mulheres de mostrarem as pernas, então elas inventaram de usar shorts grandes, abaixo do joelho, que foram chamados

mais tarde como o nome das ilhas. – Bom saber. Agora liberaram geral! – disse o marido, fazendo um paralelo entre o ontem e o hoje.

Ela já havia comprado outras bermudas parecidas, mas... Nada! Ele queria usar a bermuda tal. O que mais ele gostava nela? Ele dizia que era o comprimento. De fato ela era mais curta, quase um short, não atrapalhava no andar, ele dizia.

Quanto mais ela lavava na máquina, mais a bermuda ficava branca e se conservava inteira para usar; ela não apertava a cintura, não ficava pequena, embora seu marido tivesse aumentado a largura do abdome.

Um dia, o cinto que sobrepunha o cós na frente cansou, ficou frouxo. Maria foi à loja de aviamentos e não encontrou o elástico listrado em azul marinho. Ela não queria desqualificar o modelo. Queria conservar a bendita assim como veio da loja. Então, paciência e teimosia, colocou um elástico branco por baixo e deixou por sobre este o tal listrado marinho.

Passaram-se vinte anos e a bermuda continuava "viva", entre as pernas do marido de Maria, até que uma última investida de conserto escapou dos lábios dele que pediu: - Maria! Será que ainda dá para arrumar a minha K&F? Era a marca dela.

Ela já sabia o estado crítico da bermuda, pois era ela que a lavava e passava. Olhou para ele, não acreditando, e, ao mesmo tempo, rindo, respondeu: - O quê? Tu não en-

joaste da dita cuja? Eu já comprei tantas bermudas brancas e não as usa... quando vai acabar esse caso de amor? É um caso de amor! – Repetiu a mulher rindo.

- Arruma, arruma! – Pediu ele brincando e quase implorando. – Eu mereço! "Vou arrumar porque te amo" – Beleza, querida! Eu te amo também. E naquele clima de brincadeira e meiguice, lá se foi a Maria pro seu ateliê de costura, para mais um exercício de bem querer.

No cós não havia mais tecido, apenas uma fina camada do brim que havia ficado roto, parecendo um véu de noiva. Ela desmanchou a costura da dobra que prendia o elástico. Costurou uma tira de tecido novo e refez o caminho para o acabamento do cós. Recolocou o elástico e a bermuda durou mais dois anos.

No vigésimo quinto ano, a velha e inseparável peça de roupa estava completamente rota nas nádegas. Ela tinha decidido que não mais arrumaria a protagonista porque não tinha cabimento o seu amado marido usar bermuda com remendo nas nádegas. Bem que ele aceitaria!

Cansada, dormiu com a bermuda entre os dedos, no sofá.

Maria olhou a mesma, pensou em tudo como começou, riu e lembrou do vendedor e, quando passou pelo corredor entre seu ateliê e a sala, ela o viu sorrindo. Ela, tranquila, como se estivesse esperando há muito para agradecer-lhe disse: - Você tinha razão, a bermuda é de ótima qualidade. Ele sorriu de novo, fez um gesto muito simpático e saiu aos poucos dizendo: - Não só a bermuda... Não só a bermuda...

Maria ficou parada, sacudiu a cabeça, fechou e abriu os olhos, acordou.

Ao seu redor o sofá, a bermuda, a interrogação: - Teria sido mesmo um sonho?

Quando seu marido chegou do trabalho, ela contou, intrigada, e ele, para quebrar o clima de mistério, cutucou a esposa com um dedo, ameaçando e brincando: - Vamos consertar a bermuda? –Ai!

E assim contei o caso, que não foi nas Bermudas, mas foi de uma bermuda; não foi nas águas do Atlântico britânico, mas no Atlântico brasileiro; não foi nas ilhas famosas, mas foi na linda e bela Santa Catarina; um caso de amor, que dura mais de trinta anos entre Maria e José, que conviveram tão bem que até mesmo uma peça de vestuário serviu para provar que somente um grande amor qualifica tudo ao seu redor.

A família de lenhadores

João Batista de Souza

ARARANGUÁ

Há muito tempo, em uma terra distante, na Europa, região muito fria, principalmente no inverno quando nevava, vivia muito isolada da civilização urbana uma família de lenhadores que tirava seu sustento produzindo lenha e carvão vegetal, para vender aos granfinos residentes nas aldeias mais próximas. Humilde família de lenhadores.

O casal, já bem velhinho, quase não podia mais trabalhar no corte de madeiras para fazer lenha, e o único filho, aos dezessete anos de idade não se conformava com suas situações humildes e desumanas.

O jovem se chamava José. Criou-se praticamente sozinho, pois seus pais tinham que trabalhar e o deixavam em casa. Ele, quando criança, fazia seus próprios brinquedos, mas o que gostava mesmo, era se distrair com os pequenos animais e insetos que até já estavam acostumados com sua aproximação, pois nunca lhe faziam mal. Quanto aos velhotes, ninguém lembrava seus nomes, apenas os chamavam de carvoeiros.

José até frequentou a escola quando era criança, porém, como a escola ficava muito longe, ele apenas conseguiu frequentá-la até o quarto ano primário. O rapaz era muito

inteligente, muito esperto e não se conformava com a vida que levava como lenhador e carvoeiro. Essa situação o deixava inconformado, pois o moço, apesar de ser inteligente educado e muito bonito, era constantemente discriminado na pequena vila onde, de vez em quando visitava, quando ia vender seus produtos ou necessitava adquirir algumas coisas para sua família.

As moças, casadoiras, debruçadas nos parapeitos das janelas de suas casas comentavam, entre si, quando o viam passar:

"Que moço lindo! Pena que vive no mato e é um simples carvoeiro".

José escutava aquilo e ficava muito triste, até se indignava com tal situação e prometia, consigo mesmo, que, um dia, haveria de se tornar uma pessoa muito rica e que haveria de tirar seus velhos pais daquela miséria.

José ensaiava vez em quando, sair por esse mundo afora em busca de uma oportunidade melhor para ele e para seus pais, porém, o choro era tanto que ele acabava desistindo da aventura.

A Europa vivia um sonho de conto de fadas, de heróis de capa e espada e de dragões; época em que os animais falavam e mantinham atitudes quase humanas, como estórias do Gato de Botas, o Jabuti e a Onça, a Raposa e as uvas.

Um belo dia José chamou os pais e lhes disse:

"- Papai! Mamãe! Esta situação em que nos encontramos é muito triste. Vocês ainda podem trabalhar e se manter. Portanto, decidi que é hora de me afastar de vocês por uns

tempos, mas, prometo: Quando eu conseguir uma vida de conforto para mim e para vocês, mandarei buscá-los".

Seus pais choraram muito, mas sabiam que seu filho tinha razão; que essa era a época certa. Eles ainda podiam se manter sozinhos. Mais tarde, talvez, isso já não fosse mais possível.

Sua mãe, então, reuniu alguns viveres: um pão de milho que ela mesma fizera, um pouco de carne de porco seca, um queijo de cabra, farinha... Embrulhou tudo aquilo em uma toalha, que José amarrou na ponta de seu cajado, para carregá-los apoiados no ombro. Abraçou seus velhinhos e iniciou sua aventura.

Durante muito tempo José caminhou sem rumo, apenas traçou mentalmente um ponto, no horizonte, onde achava, deveria ser seu destino. Quando se sentia cansado, parava, comia alguma coisa que sua mãe lhe dera, e em seguida punha-se a caminhar. Andava a pé mesmo, pois nem em sonho podia dispor de um cavalo ou de uma mula para seu transporte. Assim foi por dias, meses nessa peregrinação.

Sempre que faltava comida José se dirigia a alguma fazenda e pedia para trabalhar em troca de alguns trocados para alimentação e por um pouco de comida que pudesse transportar em seu alforje. Em seguida, dava continuidade à sua aventura andarilha.

Um belo dia José, já cansado, com fome, desanimado, com imensas saudades de seus paizinhos, sem notícias deles, e sem saber como os dois poderiam se encontrar - com

saúde? Doentes? Já são tão velhinhos! - sentou-se à sombra de uma árvore, à beira de um tranquilo e límpido regaço para descansar e chorar suas saudades.

Estava ele distraído em seus tristes pensamentos, admirando as águas do pequeno córrego, quando percebeu que, boiando sobre o riacho, uma pequenina abelha tentava desesperadamente se desvencilhar. Como José sempre fora uma pessoa de boa índole, amável, prestativo, amigo dos pequenos animais, o que fez? Formando uma concha com as próprias mãos, o rapaz conseguiu retirar a abelhinha de dentro da água e colocou-a em cima de uma pedra para que o sol, que já despontava no horizonte, pudesse aquecer e secar suas asinhas.

Voltou a sentar à beira do riacho.

Voltou às suas divagações.

Então, José percebeu que a abelha estava refeita, enxuta e começou a sobrevoar ao seu redor, como se quisesse agradecê-lo por ter salvado sua vida.

José ficou assustado. Pensou em esmagar o inseto, mas, como nunca fizera mal a qualquer criatura de Deus, ele se acalmou.

A abelhinha, aproximando-se de seu ouvido lhe gritou:

"- Moço! Não tenhas medo! Eu sou uma abelha encantada. A rainha de todas as colmeias que existem no mundo. Se um dia te encontrares em uma situação difícil, como eu estive hoje, podes contar comigo. Prontamente haverei de te socorrer".

José pensou:

"Olhem só! Como uma simples e pequenina abelhinha, que não consegue salvar a si própria de um perigo iminente, poderia ajudar um ser humano em situações semelhantes?"

José agradeceu a gentileza de sua mais nova amiga, despediu-se com um aceno de mão e deu início à sua peregrinação.

Depois de caminhar muitos dias, até esgotarem-se todos os viveres que trazia consigo, nosso destemido herói desviou-se do seu caminho, entrou portão adentro, em outra fazenda, pediu água e se colocou a serviço dos proprietários em troca de algum dinheiro e mantimentos para sua empreitada. Como das outras vezes, o moço permaneceu por ali alguns dias.

Quando refeito, José deu reinício a sua caminhada. Não sem antes os proprietários, encarecidamente, lhe pedirem que ficasse, pois já eram velhos, e não tinham filhos para lhes fazer companhia. José, mesmo envaidecido com tamanha demonstração de afeto e carinho por parte dos proprietários da fazenda, agradeceu-lhes a hospitalidade, porém, seu destino já havia sido traçado. Com muito sofrimento, o rapaz abraçou-os, despediu-se e lá se foi.

Um belo dia José, dessa vez, sentado à sombra de uma frondosa figueira que margeava um rio, agora de águas mais revoltas, porém, estreito, voltou aos seus pensamentos que lhe remetiam à sua região, bem distante, aos seus

pais, cansados de esperá-lo, e a tudo de bom que deixara para trás. Sim, porque, embora pobre, com poucos estudos, ele tinha, também, recordações agradáveis de sua infância e adolescência. Distraído, não percebeu que uma formiga lhe subia a perna.

Quando viu, a formiga já se encontrava bem perto de seu ouvido.

Pensou:

"Será que esse pequeníssimo inseto também quer me dizer algo?"

Pois foi o que ocorreu!

A formiga lhe gritou:

" - Moço! Por favor. Eu sou uma formiga rainha desse lado de cá do rio. Como pode ver, sou encantada. Minha comunidade já está a passar fome, pois o alimento que necessitamos escasseou. Queremos atravessar o rio para ver se conseguiremos mais sorte do outro lado de sua margem, mas suas águas são por demais violentas e podem nos arrastar e, todas, morreríamos. Você, por acaso, poderia nos ajudar a atravessá-lo?"

José olhou ao redor, achou um tronco, que não era muito pesado, e este formou uma espécie de ponte. Uma pinguela, como diziam em sua terra natal. Com isso, as formigas, todas, começaram a atravessar o rio em segurança. Então, a formiga rainha encantada lhe agradeceu muito e lhe disse:

"Se algum dia você se encontrar uma situação difícil, em sua vida, lembre-se de mim!"

- Novamente! Pensou o benfeitor. Logo uma formiga que não consegue ajudar a si própria. Como poderia me ajudar?

E seguiu viagem, despedindo-se de sua outra nova amiga.

José continuou sua viagem, pois ainda nada havia acontecido de interessante para ele e seus velhos pais. Dessa vez, José estava atravessando uma região montanhosa e pedregosa quando procurou uma pedra que lhe servisse de assento. Ao sentar, na pedra, ele ouviu um sibilar que lhe parecia ser uma cobra.

E, era mesmo!

Ao virar-se para trás, percebeu que uma enorme serpente encontrava-se presa pelo rabo, entre duas pedras. Mesmo que quisesse mordê-lo, não conseguiria, pois, as duas as pedras que a prendiam eram razoavelmente pesadas.

José, então, pensou:

"Será que isso é, novamente, um encanto?"

E, era!

A cobra lhe disse:

"- Moço! Eu sou uma cobra encantada, rainha de todas as serpentes e víboras que existem no mundo. Ocorre que, enquanto perseguia uma presa, não notei essa pedra que caiu e prendeu minha cauda nessa outra pedra. Minhas súditas até tentaram me salvar, mas foi inútil. Se eu não conseguir sair dessa situação, uma ave de rapina fatalmente me devorará. Você pode me ajudar, tirando a pedra que me prende?"

Assim José fez.

Assim vieram as manifestações de gratidão.

Assim José se despediu de sua, também, outra amiga.

Assim José reiniciou seu percurso cheio de aventuras, de sonhos e de esperanças...

Passados, já, alguns meses em que nosso aventureiro se punha a caminhar por esse mundão afora, ele se deparou com seu primeiro percalço.

Quando adentrou o portão de uma fazenda muito linda, muito rica, sentiu um arrepio. Aquilo lhe pareceu uma fazenda assombrada, desumana e arrepiante. Tentou retornar, mas não conseguiu. O portão fechou-se atrás de si, automaticamente, e o cercado era todo feito de espinhos venenosos, muito entrelaçados.

Não teve jeito! José se viu obrigado a seguir em frente até a sede da fazenda, um casarão riquíssimo, mas muito sombrio.

Apareceu-lhe um homem taciturno, muito feio, horripilante, que parecia ser um mordomo. Com voz cavernosa, o mordomo lhe explicou que, agora, José era prisioneiro de seu senhor, um nobre amaldiçoado que costumava escravizar todos aqueles que se atrevessem a entrar em sua propriedade. Somente uma situação poderia tirar José de seu encantamento maldito. Todas as madrugadas, o nobre senhor da fazenda espalhava, ele próprio, um saco de cereais pelas colinas de sua propriedade e o prisioneiro – José – se quisesse ver-se livre de seu jugo e ainda se tornar

proprietário daquela fortuna, deveria juntar todos os pequeninos grãos, espalhados, até encher, novamente, o saco. Caso contrário, ficaria escravizado pelo resto de sua vida, assim como os que já morreram ali.

No outro dia, bem cedinho, José apanhou o saco vazio e lá se foi por entre as colinas, todas gramadas, para tentar a sorte de enchê-lo com os grãos esparramados. Passava do meio dia e José mal conseguira alguns punhados de grãos. Era impossível juntá-los todos, como determinava seu algoz.

José começou a se desesperar.

Chorando, ele se lembrava das promessas que fizera aos seus pais. Agora mesmo é que jamais poderia vê-los. Triste, chorando, arrependido de haver abandonado seus velhinhos, José não percebeu que uma formiguinha subiu-lhe pelo corpo e foi parar bem perto de seu ouvido.

"- Moço! Por que estás tão triste?"

José assustou-se, lembrou-se das promessas feitas por uma formiga e lhe contou sua triste situação.

"- Não temas!" Disse-lhe a minúscula amiguinha. "Haveremos de dar um jeito nisso. Apenas segure firme esse saco!"

A formiga rainha passou um comando às suas súditas, através de seus mensageiros, e, logo, logo, vários exércitos delas traziam, nas costas, os grãos de cereais que o bruxo amaldiçoado havia espalhado pelas colinas.

Antes de o sol se por, como ditava a tarefa para o desencanto maligno, o saco estava novamente repleto de cereais, sem faltar um minúsculo grão, sequer.

Quando o mordomo e o seu senhor pressentiram que José havia cumprido missão tão improvável, tiveram um acesso de raiva tão violento, que não resistiram e morreram. Nisso, o encantamento da fazenda se extinguiu, as cercas que eram de espinhos venenosos passaram a exibir belíssimas plantas floridas em o melhor... Pelo portão entrou uma carruagem trazendo um escrivão que, em nome daquela região, passava todos os bens da fazendo para José por haver livrado o povo de tão indesejada maldição.

José, agora rico, mandou um mensageiro com dinheiro e uma carroça de mantimentos aos seus pais e o recado de que, logo que concluísse sua viagem de aventuras, mandaria buscá-los para viverem ao seu lado.

Com um cavalo escolhido a dedo em sua fazenda, maravilhosamente encilhado, e com o mais lindo traje que comprou para si próprio, na vila local, José começou novo percurso a fim de conhecer melhor o mundo.

Novamente e, inadvertidamente, alguns meses depois, José se deparou com outra situação nada agradável. Não é que nosso herói foi se hospedar em um palacete muito lindo, mas também amaldiçoado?

Nesse palacete vivia uma bruxa maligna que, de dia se apresentava como uma encantadora senhora, educada e muito sorridente. À noite, o quadro se invertia. Como era bruxa, a dona da casa se transformava na mais horripilante criatura. Toda enrugada, nariz comprido, torto para baixo e com uma enorme verruga na ponta. Usava um

chapéu preto de copa pontiaguda. Enfim... a mais cruel e horrível criatura que esse mundo já vira.

José percebeu que aquela linda senhora, que de dia o agradava com doces deliciosos e manjares dos deuses, à noite vivia enfurnada no seu secreto porão inventando poções mágicas tenebrosas para prejudicar e encantar malignamente as pessoas de bem, como ele, e pessoas que viviam por aquelas paragens. Tentou fugir, mas, não conseguiu.

Quando a bruxa pressentiu que José já sabia quem ela era, e, como pretendia se casar com seu hóspede, fez-lhe, então, um desafio! No pátio do casarão havia uma árvore muito frondosa. José deveria com um machado derrubar aquela árvore que não era do agrado de sua carcereira. Ao meio dia, em ponto, José deveria entrar no casarão para almoçar, não poderia cortar a árvore sem descansar até à uma da tarde.

Se conseguisse, José se tornaria um homem livre para ir embora. Caso contrário, estaria fadado a permanecer eternamente como marido e prisioneiro da bruxa. Podia tentar derrubar aquela árvore quanto tempo quisesse, contando que parasse para descansar ao meio dia e durante a noite.

Não tendo alternativa, mas, sabendo das dificuldades que certamente haveriam de lhe aparecer, José começou sua quase impossível empreitada. Quando chegou ao meio dia, hora do almoço, a árvore encantada já estava cortada pela metade. José até se animou, pensando que, se continuasse neste ritmo, com certeza até a noite deveria derru-

bá-la e, consequentemente, estaria livre para seguir sua aventura. Só não contava com a artimanha da bruxa que, enquanto José almoçava e descansava, ela dava a volta por trás da casa, urinava na raiz da planta que imediatamente retornava ao seu estado anterior. Isto é, voltava novamente a ficar intacta.

José tentava, tentava, mas não conseguia derrubar a terrível árvore. Então, se desesperou. Começou a chorar, porque sentia que seu destino era continuar prisioneiro daquela bruxa, e, o que era pior, teria que casar e viver eternamente ao seu lado.

Num desses momentos de pranto, sentado junto à raiz da árvore, José pressentiu a aproximação de uma terrível cobra. Pensou em correr e se abrigar do animal peçonhento, porém, lembrou-se daquela situação nas montanhas pedregosas. Será que essa cobra seria aquela que lhe prometera ajudá-lo, caso estivesse em apuros?

Pois, era a tal!

A víbora, então, lhe perguntou:

"Moço! O que te aflige? Estás necessitando de alguma ajuda minha?"

José, reconhecendo sua incomum amiga, falou-lhe dos seus problemas naquela mansão, o que tinha que fazer para se safar de tão constrangedora situação e como a bruxa fazia, urinando na raiz da árvore, para mantê-lo eternamente prisioneiro.

A cobra, então, lhe instruiu:

No outro dia, bem cedo, José deveria iniciar o corte daquela árvore e, ao meio dia, entrar na mansão como se nada houvesse acontecido de ruim. Deveria deixar a bruxa por sua conta que ela, rainha de todas as cobras no mundo, haveria de cuidar daquela horrível criatura.

Quando José foi avisado de que já estava na hora de almoçar, entrou casa adentro como se nada soubesse; como se tudo estivesse sob os controles de sua carcereira endiabrada.

A árvore estava cortada até a metade de seu grosso tronco, pois, José era, de fato, um exímio e forte lenhador. A bruxa, percebendo que José já se encontrava sentado à mesa, para almoçar, furtivamente rodeou sua mansão e se encaminhou em direção à frondosa e encantada árvore a fim de, urinando em sua raiz, torná-la novamente intacta. Só não contava com o que iria passar pela frente. Ao redor da árvore havia milhares de assustadoras venenosíssimas víboras, todas ameaçando atacar quem se atrevesse chegar perto daquela árvore. A bruxa tentou várias vezes, mas, não conseguiu o seu intento.

Como não era acostumada a se ver contrariada ela foi se irritando, enervou-se tanto que acabou se transformando em um morcego. O sol se encontrava a pino e, nessa situação, os morcegos não enxergam, apenas se orientam através de seus sonares e, como um morcego, no chão, encontra imensas dificuldades para caminhar, já que suas asas são, na verdade, membranas adaptadas em suas patas,

o hematófago não pressentiu a presença de tantas cobras, que acabaram lhe devorando ainda vivo. Com isso, José conseguiu derrubar a terrível árvore e se livrou do encantamento. Consequentemente, se tornou proprietário de toda aquela riqueza, uma vez que era o único morador.

Mesmo acumulando mais esse patrimônio, José não se acomodou.

Pensou:

"Ainda não concluí meu destino. Haverei de estender um pouco mais esta aventura. Só mais um pouco e, então, mandarei buscar meus pais para viverem confortavelmente ao meu lado. Na próxima cidade que encontrar, se for do meu agrado, irei me estabelecer definitivamente".

Pensando assim, enquanto viajava montado no seu belo cavalo alazão, José avistou ao longe uma cidade medieval. Quando chegou nessa cidade, ao entrar pelo portão principal, percebeu que ela era, de fato, muito linda; seu povo muito educado, pessoas bonitas e bem apessoadas, mas, notou neles certo ar de tristeza e melancolia. Quis saber o motivo de encontrar uma cidade tão encantadora, tão rica, com um castelo tão grande e tão lindo, só que com seus cidadãos tão tristes.

Não demorou e José foi colocado a par do motivo de tanta tristeza. Alguém, bem informado, lhe segredou que naquele país a família real não se conformava com a desgraça que se abatera sobre eles, pois a única herdeira, a linda princesa, pessoa por demais querida em todo o rei-

no, sofrera um terrível encantamento, quando completou seus quinze anos de idade e, há três, permanecia dormindo um sono letárgico. Ocorreu que, na festa de debutante da lindíssima querida princesa, o rei e a rainha convidaram, pessoalmente, todos os parentes, amigos, e súditos mais próximos; inclusive, os sacerdotes, pastores religiosos mais graduados e até seus magos e fadas madrinhas.

Uma fada, entretanto, dentre elas, ficou no esquecimento. Não por arrogância ou maldade dos donos da festa, mas por puro acúmulo de afazeres e, acreditem, deixaram de convidar logo uma fada má, invejosa e traiçoeira. No dia da festa real a fada má, com seus fabulosos poderes, conseguiu penetrar nos aposentos da princesa, sem ser notada, e lá deixou um pote de mel com um bilhetinho advertindo-a de que deveria saborear um pouco daquele alimento, se quisesse resplandecer, agradar e perfumar a todos os presentes.

O mel é um alimento real, porém, esse vinha misturado com poções malignas, arquitetadas pela fada má, com o intuito de fazer a donzela dormir eternamente a não ser que, em todo o reino, um jovem destemido, de bom coração, conseguisse determinar de qual das dezenas de minúsculos potezinhos, que a malvada colocara escondidos numa prateleira do quarto da princesa, saiu aquele mel encantado.

Cada pessoa que achasse os conteúdos e tentasse determinar de qual potezinho a princesa saboreou o mel contaminado com a poção mágica, poderia fazê-lo, apenas uma

vez e, ainda, apenas três pessoas poderiam arriscar descobrir o mistério, sob pena de nunca mais a princesa acordar.

A fada má, despeitada, para vingar o fato de não ter sido lembrada pela nobre família, deixou, também, aos pais no quarto de dormir, bem à vista, em cima do travesseiro real, um aviso como todos esses dizeres.

A invejosa e rancorosa senhora das trevas tratou, ela mesma, de sumir daquele local de festas, esgueirando-se pelos corredores escuros do castelo e foi procurar outras paragens distantes daquele reino, pois, sabia que seria aprisionada pelos soldados reais, quando descobrissem suas malvadezas. Nunca mais foi vista pelas redondezas da cidade.

A princesa, que já era muito linda, com a ajuda de suas damas de companhia e de outras serviçais, entrou em seu quarto de dormir, a fim de se vestir e se embelezar ainda mais, como se isso fosse possível. Depois de pronta, radiante, ela, descobrindo um frasco lindamente enfeitado, contendo uma aromática e saborosa porção de mel, cheirou-o e, lendo o bilhete a ela endereçado e, pensando se tratar de um regalo deixado pela sua fada madrinha, comeu apenas um bocado do conteúdo, mas, que foi o suficiente para se sentir bruscamente sonolenta.

Depois de colocar o frasco de onde havia sorvido o mel encantado, junto aos demais que havia na prateleira de seu quarto, a princesa dispensou suas damas de companhias dizendo que iria dormir um pouquinho só, antes de a festa começar.

Não mais acordou.

Seus pais reais, preocupados com tanta demora, foram até seu quarto e, então, pressentiram que sua filha amada havia caído numa maldição. Só ficaram sabendo o motivo, depois que leram as instruções deixadas no travesseiro.

A tristeza se espalhou pelo reino.

O rei mandou, então, publicar em todo o território, um decreto! Daria a mão da princesa em casamento àquele cidadão que conseguisse determinar de qual potezinho, dentre mais de uma dezena, saíra o mel que mantinha sua filha adormecida. Cada pote continha mel de florações diferentes: flores de macieira, pessegueiro, ameixeira, laranjeira, roseira e flores do campo.

Esse cidadão deveria ser um moço jovem, destemido e de bom coração. E, haveria apenas uma tentativa. Se acertasse e sua filha acordasse, o rei abençoaria o matrimônio, caso contrário, mandaria seus soldados decapitá-lo.

O desafio era grande, pois, se descobrisse o mistério e levasse o frasco com o mel encantado até as narinas da princesa, ela logo acordaria de seu sono e o felizardo, além de conseguir casar com a mais linda donzela do reino, ainda se tornaria uma pessoa respeitadíssima e muito, mas muito rica. Porém, o risco era imenso. Quase impossível de se concretizar tão dourado sonho.

Durante esses três anos, somente duas pessoas tentaram a sorte, e todas foram executadas.

Aí entra nosso herói destemido!

José não temia nada. Já havia passado por situações constrangedoras e arriscadas em sua jovem vida. Já havia conseguido muitas coisas inimagináveis em sua vida de aventuras. Sabia que tudo que conseguiu, na vida, foi através de respostas da natureza às suas boas ações junto aos animais. E, José era também muito curioso.

O filho querido dos lenhadores pediu permissão ao rei para que pudesse visitar a princesa adormecida. Quem sabe ele poderia decifrar o mistério do aroma do mel que a fazia dormir.

O rei, já desesperado, não vendo outra solução para sua estimada filha, permitiu que José tentasse a sorte, porém, advertiu-lhe que, se fracassasse, ela jamais sairia do seu sono profundo, pois ele, José, seria essa terceira pessoa a tentar. José pagaria, então, o fracasso, com sua própria vida.

Sua majestade real afeiçoou-se de José.

Percebendo que este jovem tinha bons princípios, até desejou, fervorosamente, que o rapaz obtivesse sucesso e casasse com sua filha, pois o casal real já apresentava algumas dificuldades devido ao peso de suas idades. Desejava muito ver sua filha casada e, junto a quem lhe salvasse, governar seu estimado reino.

Levou o pretendente até o quarto onde dormia sua filha deixando-os a sós, pois, confiava na grandeza de espírito de José, embora, com muito pesar, soubesse que, se o jovem aventureiro falhasse, teria que cumprir o seu decreto.

José, quando ficou a sós com a princesa adormecida,

viu-a tão linda, de ar tão angelical... e pensou... "Vale, sim, vale a pena, enfrentar tão grave situação".

Mas, não seria fácil.

Embora confiasse na sorte que o acompanhava, desde o momento que saíra de casa, naquele sertão distante e isolado da civilização, José sabia que tinha apenas a oportunidade para determinar qual potezinho continha o mel que trouxera tanta desgraça para a família real e a todo o país. Por outro lado, embora ainda pudesse desistir do intento e salvar sua própria vida, ele, como num passe de mágica, apaixonou-se perdidamente pela princesa.

A isso se chama "amor à primeira vista", mas, em sua pouca experiência de vida, José não sabia disso, apenas que a amava como se a conhecesse por muitos e muitos anos. Como não era um jovem afoito, inconsequente e apressado para tomar decisões, males que caracterizavam a maioria da juventude de seu tempo, parou para pensar:

"Como fazer para livrar minha amada dessa desgraça, salvar sua própria vida e, ainda, tornar-me o homem mais feliz do mundo, casando-me com essa lindíssima princesa?"

Pensou! Pensou! E, lembrou que algum tempo atrás, havia salvado a vida de uma encantadora abelhinha e que esta lhe havia prometido socorrê-lo, acaso, algum dia viesse a necessitar de sua ajuda.

Por onde andaria a sua amiguinha abelha?

Como fazer para chamá-la, pois, no mundo todo existem tantas abelhas quantas estrelas no céu e, aquela era a

única com poderes especiais, já que era encantada e a rainha de todas as outras?

Que dúvida, meu Deus!

Ajudai-me, meu bom Pai!

Com todos aqueles pensamentos, aqueles questionamentos, aquelas dúvidas e apreensões, José começou a se sentir agoniado, abafado, com calor. Então, resolveu abrir a janela do quarto em que dormia sua amada para receber o ar fresco que viria da rua.

Nisso, olhem só!

Quem entra pela janela aberta por nosso herói?

Isso mesmo! Sua amiguinha abelhinha.

José logo a reconheceu, pois ela era bem maior que as outras abelhas que conhecia e, ainda, trazia uma coloração dourada no seu dorso, e uma minúscula coroa em sua cabeça. Exatamente como havia percebido no dia que a retirou do regaço.

A abelhinha sobrevoou a cama onde a princesa dormia, veio até onde se encontrava José, pousou-lhe no ombro direito e lhe gritou:

- "Moço! Já percebi que estás em dificuldades. O que te aflige, nesse momento?"

Então, José, feliz da vida por ter visto, de novo, sua amiguinha, contou-lhe tudo o que estava acontecendo naquele quarto. Contou-lhe toda a história, como tudo ocorreu e, disse de sua dificuldade em determinar qual potezinho continha o mel maligno.

A abelhinha o tranquilizou:

- "Esqueces que eu sou uma abelha? Eu posso te dizer, exatamente, onde ele está adicionado. É só cheirar todos os potezinhos e, pronto!"

A abelhinha, muito inteligente, voou até a princesa, pousou em seus lábios e os cheirou. Voltou até José e lhe disse:

- "De fato! Esse mel é mesmo diferente de todos que conheço. Não é tão fácil como imaginava".

José se desesperou!

- "Calma! Pediu-lhe a amiguinha. Eu ainda não terminei! Agora vou cheirar pote por pote, para constatar qual deles tem o mesmo aroma".

Assim ela fez.

Voou até o primeiro.

Não era.

Ela lhe disse:

- "Sorte minha que não era o conteúdo deste pote, pois o mel nele contido é feito dos pólens de uma flor que, particularmente, eu adoro muito: flor de laranjeira. Não gostaria de vê-lo envolvido em tamanha desgraça".

O outro porte também não era. Aquele mel era extraído dos pólens das flores de rosas, justamente a flor oficial daquele reinado. Depois de cheirar quase uma dezena dos potezinhos, a abelhinha chegou àquele que mais se parecia com o aroma que impregnava os lábios principescos.

- "Olhe! Meu amigo! Disse-lhe a abelha rainha! Só pode ser aquele potezinho, com uma estampa de uma vassoura,

estilizada, impressa no rótulo. Não tenho muita certeza, porque sabes... todo o mel no mundo, mesmo sendo extraído dos pólens de flores diferentes, tem aspectos semelhantes e seus aromar também. Contudo, vamos arriscar. Mande chamar o rei e a rainha, peça para que um deles pegue aquele frasco que te indiquei para levá-lo até as narinas da donzela. E, torcemos para que seja este mesmo. Caso contrário, não sei. Tu estarás encrencado e eu jamais me perdoarei pelo fracasso".

Num misto de apreensão, nervosismo, euforia, esperança e alegria, o jovem rapaz pediu que um dos palacianos fosse até o casal real dizer de sua descoberta. Quando o rei e a rainha chegaram ao quarto, onde se encontrava, adormecida, nossa princesa, o clima entre os presentes era de alegria e dúvidas.

Será que desta vez a princesa acordaria?

Será que todo o castelo, a cidade e todo o reino poderiam, de novo, se alegrar com a visão de uma figura tão linda como a da princesa, seus acenos das sacadas do palácio e seus sorrisos angelicais?

Será que voltaríamos a desfrutar dos maravilhosos bailes e das festas públicas na cidade? Ou será que esse era mais um desencanto, o último, e a princesa estaria condenada, para sempre, a dormir até morrer?

Naquele clima de incertezas, o rei apanhou da prateleira o potezinho indicado por José, encaminhou-se solenemente até sua adorada filha, rezou baixinho pedindo a

Deus para que lhe concedesse esse milagre de vê-la novamente acordada, alegre e sorridente. Aproximou o potezinho, destampado, até as narinas da princesa que aspirou ao aroma do seu conteúdo. Nada aconteceu!

O rei, nervoso, tornou a repetir, sem sucesso a operação.

Já estava desistindo...

Os soldados reais já se encaminhavam para prender José e, este, desesperado pediu:

- "Majestade! Por amor de Deus e de sua amada filha. Tente novamente! Não é possível. Tem que funcionar, pois, minha amiga abelhinha experimentou todos os aromas e, deste potezinho parecia ser o mais indicado, a não ser que a fada malvada, querendo castigá-los, tivesse mentido sobre essa tarefa de fazer a princesa acordar".

Em mais uma tentativa, mais pela esperança de ver sua filha acordada do que pelos prantos de José, dessa vez o rei entregou-lhe o potezinho para que tentasse, ele mesmo, sua sorte.

Ocorre que, na ansiedade inicial, ninguém havia lembrado de que, quem deveria aproximar o frasco contendo o mel encantado das narinas da princesa deveria ser um jovem destemido e de bom coração, jamais, outra pessoa qualquer. Talvez, por isso, os outros dois pretendentes não conseguiram sucesso. Ou por não terem o perfil determinado nas instruções deixadas pela fada má, isto é, ser jovem, arrojado e de bom coração, ou, por não terem sido eles quem aproximou o frasco de mel no nariz da princesa adormecida.

José, compenetrado e esperançoso, aproximou-se da princesa, levou o frasco encantado até seu nariz e, quando ela respirou imediatamente acordou!

Como não se lembrava do que lhe havia acontecido, achando que, apenas acordara de um sono passageiro e, ao avistar seus pais em sua cabeceira com aquele lindo e altivo moço, ao seu lado, perguntou:

-"Papai! Mamãe! Vieram me chamar para o baile? Irei agora mesmo! Já estou ansiosa para dar início às festividades palacianas".

Compreendendo a situação todos se calaram quanto à desgraça que ela havia vivido nestes três anos. Apenas lhe pediram que aguardasse um pouco mais porque, como disseram, os festejos haviam sido prorrogados para a ocasião.

Os reis mandaram espalhar, em todo o território, a boa notícia do desencantamento da princesa. Determinaram às fadas boas, suas amigas, que preparassem poções mágicas de modo a anular quaisquer tentativas de vinganças futuras. E, aproveitando a ocasião, marcaram, para um futuro bem próximo, a festa de matrimônio de sua filha, de nome Victória, com o mais novo membro da realeza, José, pois, numa linda cerimônia real, deram-lhe o título de conde, como honroso cargo de "Conde de Carvoal", senhor das Florestas e Animais Silvestres.

José compreendeu que a natureza é mesmo maravilhosa. Que, se a tratarmos com o respeito e o carinho que ela merece, o retorno será, também, maravilhoso. Como con-

de de Carvoal, José se comprometeu a, não só cuidar e respeitar as florestas, os animais, montanhas, rios e lagos como, também, incentivar a todo o mundo a ajudá-lo nessa tão nobre tarefa.

O reino dos Roserais, como era conhecido aquele encantado país, preparou-se, por vários dias, para a mais linda, maravilhosa, deslumbrante e encantadora festa de casamento que o mundo já vira.

José mandou uma carruagem, toda especial, buscar seus velhinhos pais, a fim de passarem a ter, dali para frente, uma vida de fartura e deslumbramento junto ao seu querido filho e, assistir, comodamente, seu casamento.

Quando os velhos pais de José, conhecidos como os Carvoeiros, avistaram a aproximação de uma carruagem tão maravilhosa, pintada de branco, com detalhes dourados em suas laterais, se assustaram, pois, jamais poderiam compreender o que estava ocorrendo. Pensaram que, talvez, algum rico proprietário estivesse chegando para, pessoalmente, tomar-lhes as terras em que viviam que, embora residissem nela há muitos anos, não possuíam títulos oficiais da propriedade.

Sem a presença do único filho que poderia orientá-los, o que poderia ocorrer?

Aquela maravilhosa carruagem, puxada por três parelhas de cavalos brancos, parou em frente à choupana dos pais de José. Eles custaram a acreditar, pois, o motivo daquela visita era, na verdade, levá-los como convidados es-

peciais de suas majestades reais, os reis de Roseiral, para assistirem ao casamento da princesa Victória com o nobre conde de Carvoal, o ilustre senhor José, seu filho.

No maravilhoso reino de Roseiral, o povo voltou a sorrir, voltou a festejar alegremente. Aliás, para comemorarem o enlace nupcial de José e sua amada princesa, o povo daquele reino preparou-se animadamente e os festejos duraram vários e vários dias. E, como dizia a lenda: todos viveram felizes para sempre!

Mãe amiga

Maria Regina Chagas de Souza Vieira
CRICIÚMA

Até que ponto o coração de uma mãe pode aguentar? Até que ponto uma mãe consegue manter a ética e os bons costumes ensinando ao filho?

"Mãe descobre que o filho de 21 anos participou do assassinato de outro rapaz na pequena cidade onde moram".

Ela entregará ou não o filho à polícia?

Programado para ligar às sete da manhã, o rádio relógio desperta Sonara que continuará imóvel olhando para o teto... Regozijando o merecido descanso de domingo. A voz do locutor ressoa pelo quarto as primeiras notícias do dia: "Rapaz de 18 anos é encontrado morto em frente ao DEK 901, na praia do Mar Grosso". A polícia já tem pistas de que o crime foi cometido por um bando de garotos após festa "rave", no mesmo local, o motivo pode ter sido uma garota.

Sonara ainda em estado de transe abre os olhos, pula da cama e corre para o quarto do filho, um mau pressentimento lhe aperta o coração. Abre a porta bruscamente, e lá está ele dormindo, não como um anjo!

- Fale comigo! Sei que não está dormindo! Berra Sonora.

- Como assim não está dormindo? Você pirou mãe! São oito horas da manhã de domingo.

Indignada abre as cortinas violentamente. Começa uma busca silenciosa pelo quarto. A respiração começou a lhe faltar, tem algo errado, e as roupas dele não estão espalhadas pelo quarto como de costume.

- Me conte como foi a festa.

- Mãe, agora? Mais tarde converso com você. Deixe-me dormir, por favor!

E ela sabe que tem algo errado. Corre para o banheiro, procura na tulha de roupa suja, nada. Na verdade queria não estar sentindo-se desse jeito.

Senta-se em uma cadeira de balanço na varanda. Ao olhar para o horizonte que desperta, tristes recordações vão tomando conta de seus pensamentos, como quando ela e o filho foram abandonados pelo esposo, e se pergunta:

- Será que pode haver dor maior? O filho garoto bem afeiçoado, inteligente, foi bem criado, estudou em bons colégios, teve e tem carinho dos avós, dos tios, primos. Só lhe faltou a presença do pai.

Desde a infância ela foi ensinada de que os conflitos existem para serem resolvidos. E tanto repetiu esse mantra, que acabou formando-se para o magistério, já que vinha de uma família onde a avó fora professora, a mãe, as tias e alguma primas e, sabia que não há lugar melhor para ser sabatinado de conflitos do que a escola.

Triste, cobra de si mesma: - consigo resolver os conflitos de tantas pessoas, porque não consegui resolver o

meu? Como eu gostaria que o pai do meu filho estivesse comigo nesse momento!

Lágrimas presas desprendem-se de seus olhos, formando duas trilhas pelo seu rosto, ao lembrar-se do último diálogo que teve com o esposo, ao indagá-lo sobre o grande amor que sentia por ela, ele prontamente lhe respondeu:

- Eu a amo muito. Só não estou pronto para ser pai, eu sinto muito. E a largou ali com o teste positivo de gravidez nas mãos. Alguns anos depois, começaram as crises do filho, reclamava que queria seu pai, pois todos os colegas da escola tinham um pai!

Desperta de suas recordações quando sua cachorrinha, Bolota, late atrás de um arbusto; corre até lá, ela está tentando desenterrar uma bolsa plástica. Prosta-se a ajudar a cachorrinha escavando ela mesmo. Com ferocidade, rasga a bolsa, ali está o motivo do seu mal estar: calça e camiseta amassadas, molhadas e sujas de areia e sangue. Deixa-se cair no chão de joelhos e grita em silêncio: - Nãoooooo!... Nãoooo! Nãoooooo, meu Deus! Não!

Corre para casa, encontra o filho na sala desesperado, chorando. Joga contra ele as roupas, ele prostra a seus pés.

- Levante-se! Levante-se! Sonara mexe-se de um lado para outro, não sabe o que pensar, o que dizer ao filho.

- Mãe, me perdoa! Ajude-me!

Ela limpa as lágrimas com as costas da mão, olha fixamente nos olhos do filho:

- É claro, filho, eu estarei ao seu lado, como sempre estive. Aproxima-se do filho e o abraça forte, encontrando, nele, a recíproca do seu afeto. Ficam abraçados assim por alguns segundos. Aos prantos, Bruno tenta relatar à mãe o que ocorreu:

- Mãe... você sabe que eu não faria uma coisa dessas, eu tentei mãe, com toda a força que eu tinha, separar aquelas pessoas para não acabar do jeito que acabou. Não consegui! Perdi meu melhor amigo! De repente apareceu um homem mais velho que nunca vi antes, e dizia para mim com voz rígida: - Vá embora, vá embora. Mas eu não fiz nada, disse a ele: - Filho, por favor, vá para casa, pense na sua mãe! Neste momento, parece que voltei à realidade e fugi de lá, para não cometer outro crime.

Sem saber o que dizer ao filho, sentindo dentro de si um vulcão em erupção, um misto de dor, raiva, compaixão, ódio e amor... Sonara abraça o filho novamente e, com toda sua força, sussurra em seu ouvido:

- Aconteça o que acontecer, jamais deixarei de amar você, meu filho!

Com certo alívio e um brilho de esperança no olhar, ele olha para a mãe, que se afasta e vai até o telefone. Ela disca o número do seu colega de trabalho, agora advogado, nunca imaginou que iria precisar de seus serviços.

- Você pode vir até a minha casa? Obrigada! Em seguida, liga para outro número e faz o mesmo pedido. O filho sabe o que a mãe está fazendo, sabe que é o correto.

- Se recomponha meu filho, tome um banho, se vista, seu advogado está chegando. Você terá um longo dia pela frente. Está ciente de que mais cedo ou mais tarde sempre teremos que responder por nossos atos, certo?

- Mãe, você vai aguentar tudo isto? Perdoe-me! Eu te amo!

Sonara olha para o filho e sente-se orgulhosa, percebe que fez o dever de casa a contento. Nos seus tenros 21 anos, cursando a 6ª fase de Direito, Bruno demonstra maturidade, responsabilidade e gratidão. Graças a Deus!

- Sim, filho, nós vamos.

Nos caminhos do magistério

Marlene Dalva da Silva Rothbarth

ITAJAÍ

Ela nasceu sob o signo de virgem, no momento em que o sol, quase a pino, iluminava aquela manhã fria de inverno. Era a primogênita de um jovem casal de classe média, residente na Vila Operária.

O pai, ao olhar aquela criança, rosada, saudável e tão frágil, ficou emocionado. Tomou-a no colo e sentiu uma sensação de alegria e de segurança, capaz de torná-lo mais forte e responsável, um verdadeiro chefe de família.

- Ela se chamará Marina, exclamou orgulhoso.

A menina foi crescendo num clima de harmonia e cheio de amor. Um ano mais tarde, nasceu outra menina, para ser companheira da primogênita. Quando completou seis anos, Marina foi matriculada no jardim de infância do Colégio São José. Jeito tímido, ela ficava observando e prestando atenção aos ensinamentos da professora. Gostava de cantar, dançar e brincar, correndo e participando das brincadeiras de roda e joguinhos de esconde-esconde, berlinda, amarelinha, de anel e tantas outras aprendidas no jardim.

No ano seguinte, ingressou no primeiro ano primário. Seu pai comprou-lhe uma pasta escolar, lápis, cadernos, entre eles, um de caligrafia e outro de desenho. No primeiro dia, de manhã, saiu com o pai, na cadeirinha da bicicle-

ta. Chegando ao colégio, apeou-se, arrumou a saia pregueada e, de pasta na mão, subiu os degraus, no portão de entrada, toda prosa porque estava começando sua vida escolar. Ia aprender a ler e escrever, fazer contas e, o melhor de tudo, ia ter muitas amiguinhas para brincar na hora do recreio.

Mas quando bateu o sino, seu corpo todo estremeceu ante a expectativa do que aconteceria dali para frente. Na sala de aula, a professora entregou a cartilha para cada uma das alunas. Ela sentou-se numa das carteiras duplas da primeira fila. Na sua frente, o quadro negro, a mesa da professora e um cavalete com um cartaz, apresentando uma menina com um gatinho ao colo. A professora ia apresentar a primeira personagem da cartilha.

- Esta é Laurita, menina da primeira lição da cartilha.

Com a ponteira, ela mostrava as primeiras palavras, aquelas que abririam os horizontes para a alfabetização. Começariam a decifrar aqueles sinais e descobririam o mundo do ler e do conhecer.

- Digam comigo: Esta é Laurita. Laurita tem um gatinho. O gatinho chama-se Neve. Em pouco tempo já escreviam, isto é, desenhavam as letras copiadas da cartilha. Numa página, a lição estava em letra cursiva, para aprenderem a escrever, e na outra, em letra de forma, para aprenderem a ler. A professora, Dona Onadir Tedéo, escrevia em letra cursiva, no quadro negro, e apontava para as alunas lerem em coro as palavras copiadas do cartaz.

O sino batia e a turma saía, em fila, para o recreio. Aninhadas nas raízes de uma velha árvore no pátio, abriam os guardanapos e tiravam o lanche, um sanduíche de pão de casa com manteiga e mussi. Às vezes, o pão era de farinha de trigo pura, outras, de trigo com fubá – o pão de mistura. Depois, iam ao banheiro e, em seguida, começavam a brincar. Havia um tempo específico para as brincadeiras de roda, de pular corda e outras mais. Os meninos brincavam de bolinha de vidro ou de pião.

Durante o recreio, Angelina, a servente do colégio, costumava vender pirulitos, feitos por ela. Num tabuleiro com furos, colocava os pirulitos vermelhos como carmim, evolvidos em papel manteiga. Por muitos e muitos anos, Angelina ficou conhecida como a doceira e vendedora daquela guloseima, na hora do recreio.

No segundo ano, a turma recebeu os ensinamentos da Irmã Natividade. Na aula de leitura, as alunas deveriam ler com voz clara, pronunciando bem as palavras, obedecendo a pontuação. Na leitura silenciosa, eram induzidas a seguir a linha sem a ajuda dos dedos e sem mexer os lábios. No final do texto, havia o vocabulário, com os sinônimos das palavras desconhecidas. Começavam a aprender as primeiras contas de multiplicar e a decorar a tabuada. Primeiro, a tabuada de dois, depois a de cinco, a de dez, a de quatro, de seis, de oito, de três, de sete, e finalmente a de nove.

No terceiro ano, a professora era Dona Hilda Fischer. As aulas de linguagem escrita e oral eram desenvolvidas

depois da leitura. Na aula de geografia, as alunas copiaram do quadro, o nome de todos os municípios de Santa Catarina e eram levadas a decorar cada um, pela ordem alfabética. Naquele tempo, eram 49 municípios, mas mesmo assim, era difícil sabê-los de cor.

Quando chegaram aí pelo 4ª ano primário, tiveram como professoras a irmã Carmen e a irmã Maria de Lourdes, a diretora do colégio. As alunas já achavam que sabiam muito e, no fim do ano, receberam o certificado de conclusão do Curso Primário. No ano seguinte, muitas se submeteram ao exame de admissão para ingressar no Curso Fundamental, equivalente ao Curso Ginasial, recentemente autorizado para começar a funcionar no Colégio São José.

Mayta, Aparecida, Ester, Bernardete e Marta eram as amiguinhas de Marina, e brincavam, também, na casa de uma e de outra, pois moravam perto. Marta morava numa casa de sobrado, muito bonita, com um jardim bem cuidado e um quintal grande, na Rua Camboriú. As meninas gostavam de brincar num riacho que passava nos fundos do quintal, apanhando piava com um balaio velho. Era uma façanha para elas, pegar as piavas e colocá-las num vidro com água. Depois, tornavam a colocá-las no riacho. A mãe de Marta preparava um lanche gostoso para nós, com docinhos amanteigados feitos por ela. Mayta morava na Rua Guarani, ao lado da casa de seus avós. Filha única, sua mãe se preocupava com a saúde dela porque era franzina e delicada. Cabelos negros e curtos, de franjinha, olhos castanho-

-escuros, parecia uma índia. Na hora do lanche, preparava, num copo grande, uma gemada, esbranquiçada e fofa de tanto bater a gema com o açúcar, e levava para ela tomar no quintal onde brincava com as amiguinhas. Ester morava perto da casa de Marta. Ali elas se encontravam para brincar de casinha. A mãe de Ester era muito conhecida na cidade porque benzia as crianças com arca caída. A casa de Bernardete ficava na Rua Hercílio Luz, esquina com a Rua João Pessoa. Havia um balanço, onde a corda era amarrada num galho de uma linda árvore, com flores grandes, cor-de-rosa, ao lado da porta da cozinha. Suas amiguinhas gostavam de ir lá para brincar no balanço. Aparecida morava na Rua XV de Novembro, perto do Jardim da Praça Vidal Ramos. Brincavam na calçada perto do Jardim.

Quando elas iam à casa de Marina, que ficava perto da casa da Mayta, brincavam no quintal ou no sótão. Subiam no muro, corriam ao longo dele, abriam os braços como se estivessem voando. Às vezes, brincavam de esconder, no quintal, agachadas por entre as folhagens da pequena plantação de aipim, que seu pai cultivava. Outras vezes, brincavam de teatro ou de circo no sótão da casa. O espaço parecia encantado. Teto alto, sem forro, caibros à mostra, penumbra, era o lugar ideal para realizar suas fantasias infantis.

Na adolescência, as meninas tinham um código para se comunicar por escrito ou para registrarem segredos de seus sentimentos. Falavam na língua do "P" e se comunicavam movimentando os dedos. A língua do "P" consistia

em pronunciar cada sílaba seguida da letra "P". Para dizer: Como vai? Diziam: Copomopo vaipai?

Durante muitos anos elas mantiveram aquela amizade, sempre companheiras na sala de aula e nas brincadeiras na casa de cada uma. Marina concluiu o curso fundamental e, no ano seguinte, prestou exame de admissão para ingressar no curso normal, também autorizado naquele ano para funcionar no colégio. Na prova oral de matemática quase foi reprovada. A professora perguntou:

- O que é um triângulo equilátero?

Marina respondeu: - É aquele que tem os três lados diferentes.

Foram três anos de preparação para lecionar nas Escolas de 1º ao 4º ano. Muitas disciplinas para aprender a lidar com crianças: metodologia do ensino, didática, psicologia, sociologia e filosofia.

Ser professora era o sonho de Marina. Concluiu o curso, recebeu diploma de normalista e seguiu sua vocação. Foi nomeada e começou a realizar seu sonho. De manhã bem cedo, a recém-normalista saiu de casa para conhecer a escola onde começaria sua trajetória como professora.

Era meados de fevereiro, o sol brilhava e o calor daquela hora já prenunciava o dia quente que teria que enfrentar. Vestia um guarda-pó branco, levava uma bolsa e um caderno, e, no coração, a alegria, prevendo o encontro com os alunos e quem ensinaria muitas coisas que havia planejado. Na mente, ideias combinadas com tudo o que

havia aprendido para a formação do comportamento infantil, até os conhecimentos da grade curricular.

Tudo isso ia pensando enquanto esperava o ônibus. Sentada no primeiro banco, foi olhando a paisagem, distraidamente até chegar ao ponto onde deveria descer. Chegando à escola, foi entrando de mansinho, olhando timidamente as professoras que já se encontravam na sala de espera. Não conhecia ninguém. Seu coração já não batia com tanto entusiasmo. Não sabia o que a esperava. De repente, uma senhora esguia, de óculos de lentes grossas e sorriso de mãe, olhou para Marina e disse:

- Sou a diretora.

E conduziu Marina até a saleta onde havia um livro ponto. Foi o primeiro contato com a burocracia da escola. Depois, cada professora recebeu a lista com o nome dos alunos. O sino tocou e eles se aglomeraram no pátio. Após a chamada, formaram uma fila de pares, pelo tamanho, os menores na frente. A um sinal, eles tomaram distância estendendo o braço direito até o ombro do colega da frente e, em seguida, desceram o braço firmando posição de sentido. Todos cantaram uma canção escolar e cada classe foi entrando em sua sala de aula.

Marina recebeu uma turma de terceira série C, com alunos que apresentavam dificuldades e que já eram repetentes. Olhou aqueles rostinhos, analisando um por um. Eles também não deixaram por menos. Olhavam-na dos pés à cabeça. Na sala havia um menino muito inquieto, de peque-

na estatura, pele morena, olhos miúdos e brilhantes. Ficava a olhar de soslaio e desconfiado, observando as atitudes de Marina. Era costume vê-lo na frente do cinema vendendo amendoim torradinho para ajudar a família. Sempre que chegava à frente do cinema, lá estava Odi, olhando-a e esperando que ela comprasse uma canequinha de amendoim torradinho. Tornou-se sua freguesa por muito tempo.

Ao ser tratada por "senhora", Marina estranhou, pois se sentia muito jovem para receber tal tratamento, mas era este o comportamento dos alunos com a professora. Ao dispensá-los, despediam-se dizendo: "Até amanhã, professora".

Marina voltou para casa, cheia de esperanças, estimulada a realizar um trabalho que a gratificaria, ensinando seus alunos a olhar a vida com otimismo para vencer as dificuldades e realizar seu ideal.

Foi o primeiro dia de trinta anos dedicados ao ensino de crianças de sua terra , trabalhando com carinho e que lhe deram grande satisfação. Até hoje ela recebe o retorno de sua dedicação quando é reconhecida pelos ex-alunos que alegremente dizem: "Ela foi minha professora!"

Mas aquele primeiro dia de aula ela não esqueceu jamais. Foram emoções das mais diferentes e contraditórias que ela nunca pensou que pudessem acontecer num só dia.

Mas valeu a pena. Realizou seu sonho: "ser professora."

Tempo de Júlia

Neusa Neves Mendel

TUBARÃO

Sentada na varanda de sua casa, Júlia, sessenta e oito anos, crocheta pontos que ponteiam sua mente em reminiscências mil. A tarde outonal, chuvosa, convida a devaneios. O crochê acalma sua mente. E segue tecendo peças, cada uma já com o destino certo: esta para Clarinha... aquela para Rosa... E, antevendo carinhas risonhas com os presentes ganhos, Júlia vai lindando mentalmente com fatos de sua vida. Adora juntar as peças deste quebra-cabeça que, na realidade, compõem o seu viver.

Olha para as paredes da sua casa e sente as vibrações que delas emanam, guardiãs mudas do cotidiano da família. Às vezes, são recordações tão fortes, tão intensas, que sente seu corpo percorrido por fluídos mágicos, renovadores, nostálgicos. Ouve risadas, os gritos alegres de suas crianças nas brincadeiras de faz-de-conta:

- Mãeeeeeeee... o Zequinha desmanchou a casinha, das bonecas!

- Não fui eu, Mãeeee.

E as noites que passara, angustiada, a cuidar para que a febre de Cidinha baixasse... e o vinho, doce néctar, que fora testemunha de noites divinas, nos braços do amado. E o

atuar cúmplice da mãe no papel de amiga e confidente durante os diversos acontecimentos da vida de seus filhos...

Um vento novidadeiro sacode seu corpo e suas relembranças.

- É bom recordar, pensa Júlia. Nada a acrescentar. Nada a mudar. Apenas relembrar.

Mas o tempo não para, disse o poeta. A vida urge!

Júlia, ariana por excelência, é determinada, gosta de desafios. Cultiva seu lado independente que, teimoso, às vezes, deixa-se render à outra face dependente que gosta de atenção e de alguns dengos. Mas, decidida, volta-se para "o agora", que é a realidade de seus dias atuais. Sacode a saia, como a desprender-se do breve devaneio, e deixa-se tomar pelo prazer de estar só, consigo mesma, viva, verdadeira, ativa...

Síndrome do "ninho vazio"? Nem pensar! Ela tem consciência que as aves crescem e vão construir seus ninhos. É assim! É a ordem do universo! É a lei.

E agora, Júlia?

Agora é o momento de dizer não à descoberta para fora: de amores, profissões, hormônios, botox e "peelings" da vida. Fecha a porta do mundo lá fora, que até este momento só lhe fez cobranças. Volta-se para o seu interior, para o seu ser. Não tem receio. Conquistou, no tempo, a graça do isolamento, nem que seja por alguns instantes. Precisa cultivar este cantinho só seu para se descobrir melhor. Está certa de que, cada vez que dele sair, surgirá Júlia,

mais equilibrada, satisfeita consigo mesma e, então, com certeza, conviverá melhor com o outro lado.

E Júlia diz sim à descoberta de si mesma. Sim à descoberta de que pode se amar e lidar com este amor, livre da conotação de pecado, de culpa. Sim, às mil vantagens deste amor. Sim à descoberta de ser alguém para si mesma, sem compromisso algum, além do ser.

Júlia, como a maioria, teve a existência baseada no "através de..." Ela foi através de seus pais, do companheiro, dos filhos, da profissão, do frescor, e beleza de sua pele jovem... Agora, a paisagem mudou e Júlia é simplesmente, amplamente, e, direi, profundamente, Júlia, na descoberta do "Eu sou!".

Olha-se no espelho e gosta do personagem aí refletido. Nem percebe as rugas, marcas da vida, que fizeram "onda" na neurose dos cinquenta anos. Vê-se por inteiro. Vê o ser e pensa:

- Eu me amo. Eu tenho a mim e este é o meu tesouro. Nunca estou só. A companhia de mim mesma é meu deleite. Estou envolvida, comprometida com meu crescimento interior.

Júlia narcisista? Nem de longe! Ela sabe que a vida é feita de fases. Chegara à fase que Júlia, com Júlia e por Júlia. E agora, há que se fortalecer para atuar muito bem neste momento porque os valores são outros.

- Que idade é essa? Júlia se indaga. Terceira idade? Melhor idade? Sei lá!... Mas, isto não importa. É tempo de construir! É tempo de Júlia.

E deixa-se envolver pelo novo processo, cede ao convite do tempo veste-se de vigor, coragem, audácia...

Sabe que não pode reescrever sua trajetória pelos traçados da vida: apagar os erros, riscar do calendário alguns dias, queimar as tristezas, tampouco colorir as alegrias que se foram.

Ela intui que se há algum tempo para ela, ainda, este tempo é "o agora". É esta manhã em que viu o sol nascer, vibrante, vermelho, personagem central deste despertar mágico, único, necessário. É esta tarde de chuva em que beberia seu delicioso chá de maçãs. É esta noite que abre as cortinas do céu e revela os doces encantos da lua cheia, magnífica, cúmplice eterna dos enamorados. É esta música que faz seu corpo tremer na lembrança do grande amor vivido que teve seu belo momento e que passou, também, como tudo na vida.

Júlia dança, canta, ri e monologa:

- Estou viva! Meu tempo é este e bendigo "o agora" que me seduz e o ocupo como bem quero, porque esta é minha mais nova conquista, que se formou e cresceu comigo, nesta caminhada da vida. Este é meu tempo, só meu, finalmente meu e vou sorvê-lo sentindo seu doce sabor. Lazer, simplesmente deleite, livre, opcional.

É assim que ela se sente, leve, solta, num universo farto de ofertas excitantes. Sente prazer sem saber que, agora, pode dar-se ao luxo de passar horas sendo só ela e o computador, que lhe revela mundo novo, mágico e maravilhoso.

Júlia sempre foi "ligada" em filmes. Assiste-os, agora, a qualquer hora, porque conquistou este momento, porque se permite usufruir deste prazer, porque entende, convive e vive o seu novo tempo. Jogou fora as cobranças vindas de qualquer lugar. Nesse viajar, através dos filmes, volta muitas vezes ao "quintal de sua infância". Sente o perfume do jasmim-manga que anuncia Natais encantados, pela varinha de condão da sua mãe, zelosa na transmissão aos filhos da crença no Menino Jesus.

Ocupa seu tempo em louvar a vida e se encanta, até mesmo, com o gestual simples da natureza, sua parceira no viver de cada dia. Agora disposta, determinada a se construir, a fortalecer seu interior que vai se revelando forte, neste processo de nova construção.

Júlia faz sua caminhada matutina e reza, conversa com as flores, com o rio, com os passarinhos, pois até canários decoram seu caminhar, agora preservados, livres...

Júlia, dinâmica, segue seu tempo de autoconstrução, pois a vida requer construtores para se manifestar profícua a toda gente.

Júlia tem ânsias de viver! Segue seu roteiro, no teatro da vida, como protagonista determinada, entusiasta da vida. Seguirá atuando sempre, até o cerrar das cortinas.

- Terceira idade?... Melhor idade?... Não importa o nome, o rótulo, diz Júlia. Este é o meu tempo! Sou livre! Estou em estado de graça! Sigo veredas da vida deixando-me envolver por este processo de autoconstrução,

sem pressa, sem atropelos, porque tenho todo o tempo do mundo.

É finito o tempo? Sim, ele o é! Mas, para Júlia, o que importa mesmo é o agora e, neste exato momento, ela é feliz.

A orfãzinha e o Menino Jesus

Pedro Antônio Corrêa

TUBARÃO

Era noite de Natal. A capelinha estava cheia de gente. A reza já tinha começado quando a menininha entrou, temerosa, olhando ressabiada para um lado e outro, a ver se recebia ao menos um sorriso dos adultos que pareceram nem tê-la visto no seu vestidinho de chita remendado e os pezinhos descalços. Não devia ter mais que seis aninhos.

Sem se importar com o descosido da saia, por onde se via a pele nua do corpinho magro, a pobrezinha foi entrando devagar. Lá na frente, diante do presépio, a criançada se apinhava, acotovelando-se irrequieta, cada um querendo ver o Menino Jesus mais de perto. Ela foi se achegando de mansinho, com medo de ser escorraçada dali para fora, como sempre acontecia em todos os lugares onde procurava fazer-se amiga.

Ao vê-la avançado para o presépio, as crianças se afastaram dela, entre risos e cochichos, abrindo caminho.

Sem ligar para o que acontecia a sua volta, a menina se pôs a olhar para o Menino Jesus, e O viu sorrir e estender carinhosamente os bracinhos para ela. No mesmo instante, Jesus saiu na manjedoura, cresceu em tamanho e até à sua idade, e sentou-se à beira do presépio a conversar com ela.

- Que bom que tu vieste me ver! Nesta noite, as crianças do mundo inteiro me pedem presentes. O que é que tu

queres ganhar? Podes pedir, que eu te darei, seja o que for. As crianças que nada viram nem ouviram do extraordinário, estranharam ao ver a pobrezinha erguer os bracinhos e ficar como se enlaçasse o pescoço de alguém. Curiosas, ouviram-na sorrir e falar com voz sumida e pensaram que ela estivesse louca ou sonhando.

- Ah, meu bom Menino Jesus, que saudade eu sinto da minha mamãe! Depois que ela morreu, eu nunca mais ganhei carinho, nem mesmo um sorriso... muito menos um presentinho. Eu sinto falta dela! Me disseram que ela foi com o Senhor. Por que o senhor tirou minha mãezinha de mim? Deixa eu ir morar com ela, lá no céu! Deixe! É só isso que eu peço.

As crianças viram-na, ainda, curvar seu corpinho para frente, virar o rostinho e dar um beijo estralado no ar.

A reza acabou, e a criançada barulhenta se foi aos empurrões. O povo todo saiu, e a capelinha foi fechada. A menininha, porém, sem ser percebida, ficou ali, abraçada ao seu Menino Jesus.

Na manhã seguinte, ao chegar à capelinha para celebrar a missa de Natal na comunidade, o vigário surpreendeu-se ao ver uma menininha deitada sobre o assento do banco mais próximo ao presépio. Pensando que ela estivesse dormindo, tocou-a no rostinho macilento, para acordá-la, e o sentiu gelado.

O Menino Jesus cumpriu o prometido, atendendo- a em seu pedido, e levou-a para morar no céu com sua mamãe.

Algemas

Safira Monteiro Stefanes
CRICIÚMA

O silêncio era cortado apenas pela respiração de profundo sono dos corpos estendidos sobre esteiras de palhas. O dia foi longo e quente no trabalho do cafezal...

Em um canto da choupana, uma lamparina de querosene bruxuelava suas pequenas chamas azuladas, que às vezes tremulavam pelo leve sopro de ar entrando pelas frestas das paredes de madeira. De apenas uma porta dispunha a choupana, nem sequer uma janela possuía, a não ser alguns pequenos buracos para a entrada de ar.

Aqueles corpos adormecidos eram homens, escravos vindos da África. Cada um deles tinha sua história e não supunham sequer qual seria a continuação de seus futuros, que no momento pareciam negros como suas peles.

De repente, um grito de dor ecoa no silêncio da noite! Como impulsionados por uma mola, os homens levantaram-se rapidamente e lançaram-se em direção à porta, numa tentativa de saírem para rua saberem do que se tratava, no que foram impedidos pela corrente passada no lado de fora.

Correram para espiar nos buracos da parede e o que viram os deixou apreensivos. No chão, iluminado pela claridade da lua cheia, estava estendido de bruço o corpo de

um homem jovem e forte e uma poça de sangue brilhava, aumentando de tamanho a todo instante.

Nem precisou ninguém falar, todos já sabiam do que se tratava. Era mais uma fuga com resultado funesto, outra vida ceifada pelas mãos dos capatazes. Ao redor do corpo ensaguentado juntaram-se dois homens de estatura alta, com uma espingarda nas mãos e cutucaram o corpo com a ponta de um cano para verificarem se realmente estava morto. Feito isso, amarraram uma corda nos pés do então defunto e um deles arrastou-o para distante dali. Os escravos da choupana se entreolharam e este olhar falou tudo, não foi necessário abrirem a boca, pois todos já sabiam do que se tratava. Lentamente voltaram à posição anterior, agora de olhos fixos no teto, respiração presa, angústia no peito. Quem seria o próximo? Vontade não faltava de fugir para bem longe daquele lugar... Mas era preciso muito, pois o risco era grande e o amor à vida era maior.

Suavemente alguém começou a falar em tom de oração, num dialeto. Era um velho, num canto, que fazia sua oração na língua de origem. Já não era oração, era um lamento choroso, triste e, logo depois, outros o acompanharam neste fúnebre modo de rezar.

No entanto, isto não demorou muito, pois perto da porta, um berro pedindo silêncio se fez ouvir, prometendo castigo se não calassem... Eles obedeceram e o cansaço pelo labor do dia que passara, fez com que seus sentimentos fossem deixados de lado e, novamente, adormecessem.

Bem cedo o barulho na porta os fez saberem que mais um dia de trabalho os aguardavam. Perto da choupana havia uma calha, feita de bambu, por onde escorria, vinda de um morro próximo, água fresca e límpida para onde os escravos se dirigiram na prática de suas primeiras limpezas do corpo. Em seguida, sempre às vistas do capataz, dirigiram-se a uma choupana, onde, numa mesa feita de pau a pique, encontravam-se alguns alimentos, como batata doce, milho verde cozido dentro de alguidares (espécie de bacia feita de barro) e algumas frutas da região. Comeram rapidamente e logo pegaram seus instrumentos de trabalho e dirigiram-se para a lavoura, em fila. Atrás e nos lados, vários homens de caras sisudas, com chapéus de abas largas, levando nas mãos espingardas e na cintura grandes facões , impunham silêncio e um falso respeito.

Enquanto isso na "Fazenda Roseira Branca", onde se desenrolaram estes fatos, as escravas que ficavam em outra cabana, bem cedo eram despertadas para o trabalho. Depois de se alimentarem, algumas se dirigiam para o rio que passava a certa distância da Casa Grande, com enormes trouxas de roupas sujas sobre a cabeça, para lavarem; outras foram para a cozinha, várias dirigiram-se à lida de cuidar dos animais domésticos e, assim por diante, cada qual na sua tarefa, onde sempre havia um feitor observando e cuidando para que os trabalhos fossem executados.

O senhor Jorge da Cunha era o proprietário da fazenda, filho único, que com a morte da mãe, ainda mocinho,

e a do pai há pouco tempo, tornou-se herdeiro das terras e de tudo sobre ela.

Solteiro, tendo estudado em São Paulo, voltou para a fazenda pouco antes da morte do pai e até o momento não se decidira casar, embora este fosse o sonho de seus pais. De tempo em tempo voltava à cidade para rever amigos e sair da rotina de que se via obrigado. Jorge era sonhador, alma boêmia, gostava de ler, apreciava tocar violão e cantar, mas, apesar de tudo isso, não descuidava de seus interesses financeiros.

A vida na fazenda transcorria quase calma, não fosse a rebeldia de alguns escravos, problemas relacionados com o tempo. No mais, tudo ele resolvia, tirava de letra.

Jorge dispunha de muitos feitores e, a pior parte, ele relegava poderes a eles, que era castigar os escravos que fugissem. Na fazenda havia uma escrava que se chamava Arizá e que se sobressai das demais pela beleza e porte. Era uma mulata de olhos verdes como esmeraldas, de brilho intenso, tinha lábios carnudos e perfeitos e no andar uma graça que poucas vezes vira nas mulheres da cidade. Seu olhar de homem não ficou indiferente e tanta beleza, no entanto procurava dominar-se.

Arizá cuidava da lavação de roupas no rio. Um dia Jorge cavalgava pelas redondezas no final da tarde e, desmontado, sentou-se em uma pedra para descansar. Pensativo, ficou ali por alguns momentos até sua atenção ser despertada por alguém que nadava na beira do rio. Olhando com

mais atenção, percebeu que se tratava de uma mulher, uma escrava. Ia gritar para castigá-la quando reconhece Arizá. Aquietou-se vendo o corpo esbelto assim nu, que mais parecia uma deusa negra nas águas límpidas, tingidas de vermelho pelo clarão do pôr-do-sol.

Arizá! Como era linda! E o fogo da paixão tomou conta de todo seu ser. Jorge respirava ofegante e, como que hipnotizado, foi se aproximando de onde estava a moça. O barulho de alguns galhos secos fez com que ela percebesse a presença de alguém, correu para onde estavam suas roupas e fugiu com uma trouxa de roupas secas nas mãos.

Desde dia em diante, Jorge a perseguia com o olhar e, não se contentando, foi procurá-la na senzala. Chamou-a e ela veio, tendo ao seu lado sua mãe, pois, por uma sorte do destino, continuavam juntas. Falou que estava precisando de seus serviços na Casa Grande e ordenou-lhe que a partir da manhã seguinte lá estivesse. A mãe de Arizá preocupou-se, pois já vira este olhar de lobo feroz há muitos anos, a olhá-la assim com avidez e paixão.

Cedo Arizá seguiu junto com as outras escravas para a Casa Grande. Suas companheiras deram explicações sobre o serviço e a manhã passou sem maiores transtornos. No final da tarde, Jorge chegou e mandou chamá-la. Assustada, a moça obedeceu e o encontrou sentado em um sofá de couro. Simplesmente ele ordenou: - Tire minhas botas!

Ela se abaixou sem nada falar e, com delicadeza e mãos firmes, tirou as botas de seus pés. Depois ele falou: - Sen-

te-se aí no chão. Preciso me distrair, quero que me conte uma história. Ela perguntou, quase sussurrando: - Que história, Senhor?

- Qualquer uma, mas precisa ser verdadeira e, se me agradares, posso daqui a um tempo te dar a liberdade.

- Muito bem senhor, vou contar uma história da minha gente, que é de verdade.

Jorge acomodou-se na poltrona, recostou a cabeça para trás e disse que podia começar.

- Sabe senhor, esta história se passou há alguns anos, num país longe daqui. Havia uma linda mulher que vivia feliz com sua tribo. Uma tarde ela saiu para passear e nunca mais retornou. Alguns homens brancos a haviam raptado e a levaram para um navio, onde outras pessoas ali se encontravam no porão escuro e úmido. Quase nua, a maioria tinha nos punhos algemas, outros eram amarrados firmemente dois a dois. Jogados ali, pareciam um bando de animais. No entanto, isto era só o começo, nem imaginavam o que os aguardava. Ficaram assim por dois dias, tratados como porcos, sem nenhuma higiene, comendo alimentos que eram jogados pela portinhola. Daí, então, fizeram uma repartição, mulheres em um compartimento e homens em outro e houve separações de pais e filhos, maridos e mulheres que haviam sido capturados como escravos. Para onde iam? Ninguém lhes contou... O medo era tanto que muitos desmaiavam de pavor, preocupados com o que estava por acontecer. E o navio zarpou sem da-

rem explicação. O sofrimento foi aumentando a cada hora, a cada dia. A maioria enjoava com o balanço do mar, e vomitavam uns sobre os outros, o ar se tornando fético e doentio. Muitos dias de viagem. Ancoraram num porto qualquer, colocaram todos para fora e fizeram uma rápida limpeza nos porões, e obrigaram os viajantes escravos a fazerem limpezas nos corpos.

Jorge parecia estar enojado com tal história e perguntou com sarcasmo:

- Não estarás exagerando este conto?

- Não senhor, é pura verdade.

- Está bem, continuemos então.

Azirá prosseguiu: - Os marinheiros, entediados com a viagem, queriam divertimento e, depois de colocarem os prisioneiros nos porões, começaram a beber e a cantar. Muitos do que estavam no porão se encontravam enfraquecidos e doentes.

Foi quando alguns marinheiros resolveram se divertir de forma diferente. O chefe deles, se assim pode se chamar, ordenou que buscassem algumas mulheres, de preferência as mais jovens para diverti-los. Então eles amarraram pedaços de tecidos coloridos em seus corpos e mandaram que dançassem ao som de alguns tambores.

Elas não se moveram e eles ameaçaram jogá-las no mar se não dançassem. As ameaças foram seguidas de empurrões em direção à amurada do navio e elas, chorando, deram lentos passos de danças. Os homens excitados pelo

álcool e instinto animalesco de que estavam possuídos, gritavam: - Dancem, minhas bonecas de piche! E davam gargalhadas, cuspiam e berravam como loucos. Parecia um inferno onde diabos rodeavam anjos, sim, anjos que apesar de negros, tinham almas brancas.

E elas dançavam apavoradas, envolvidas nas fumaças dos charutos, dos cigarros de palhas e no ar asqueroso que saía daquelas bocas repugnantes. E eles as beijavam, passavam as mãos ásperas em suas partes mais sensíveis, com sensualidade e gozo.

O medo era forte, eram mulheres jovens e tinham pavor da morte, mas se naquele dia não mataram seus corpos, mataram suas almas. Usaram e abusaram de seus corpos virgens, tiram-lhe toda a esperança e magoaram todo seu ser, com manchas que nunca mais se apagariam, marcas feitas com ferro e brasa da humilhação mais cruel que uma mulher pode receber.

A orgia forçada se estendeu até altas horas da madrugada e, no outro dia, os marinheiros dormiram o dia todo, enquanto os habitantes do porão, sem água ou alimentos, choravam suas desgraças. A viagem prosseguiu e a miséria aumentou. Muitos não resistiram e não se sabe quantos morreram e, simplesmente, seus corpos foram jogados ao mar.

Finalmente, depois de meses nesta viagem infernal e outras tantas orgias repetidas, o navio chegou ao seu destino. Os tripulantes que restaram, abatidos e magros, foram levados ao Porto, até um casarão, e lá, então, refor-

çaram a alimentação e alguma limpeza nos corpos desnutridos, como que preparassem uma manada de porcos para a engorda.

No meio desta gente, vemos uma jovem que a tudo resistia, apesar dos sofrimentos e humilhações sofridas. Já não era a mesma, a alma pura e ingênua fora maculada, seu corpo devastado de sua pureza...

Estranhamente, sobrevivera e, dentro do seu ventre, fora implantada a semente da vida, fruto da violência, do desamor. Por estranho que pareça, essa jovem de nome Aqualtune não reagiu conforme seria de esperar.

Sua desgraça, na sua solidão, trazia uma luz iluminando tanta treva. Seria mãe! Lembra dolorosamente do homem de olhos verdes, cheios de paixão, que brilhavam feitos faróis, incandescentes em sua direção. Odiava-o com toda certeza e, se pudesse, o mataria.

Este filho da sua dor, seria só seu, era o único bem que possuía. Depois, então, Aqualtune e seus companheiros foram levados para leilão. Novamente, comparados a animais, eram examinados e comprados conforme as qualidades apresentadas. Aqualtune foi parar em uma fazenda, onde teve sua filha: uma menina saudável e robusta, uma mulatinha de olhos verdes... Arizá quedou-se silenciosa e triste. Calada, nos olhos verdes cor de esmeralda refulgente, lágrimas ardentes rolaram...

E Jorge compreendeu que a história contada por Azirá era sua própria história. A emoção do momento também

o atingiu, mas ele era o "Senhor", não podia deixar transparecer tais sentimentos. Jorge também usava "algemas", as do orgulho, do preconceito que a sociedade lhe ensinara. Não podia sentir nada por esta mulher negra, mulher escrava. Fingindo estar cansado a dispensou, dizendo que achou sua história cansativa e mentirosa.

Arizá não retrucou, pois sua voz ainda estava embargada pela emoção. Saiu devagarinho no que foi seguida por um capanga para levá-la até a senzala das mulheres.

Nesta noite Jorge custou a dormir pensando naquela história tão terrível e que tinha certeza ser verdadeira, pois ouvira outras semelhantes. Ele odiou ter escravos, odiou ser dono da Fazenda Roseira Branca, nome dado por sua mãe, que plantara linda roseira perto do portão da Casa Grande. Sua mãe, que conviveu com escravos sem nunca ter maltratado um deles, amparava como podia os filhos desta gente! Mas seu pai, como os outros fazendeiros, precisava de mãos para o trabalho, para as lavouras e a única maneira era comprando escravos.

Haveria uma maneira de mudar? Já sabia de movimentos abolicionista, que, como um vento, se infiltrava por todos os cantos, para alegria de poucos e desespero de muitos. Serem livres queriam os escravos, por isso preocupava.

No entanto, almas sensíveis já se destacavam em todo lugar e Jorge também fora contaminado por estes ideais de abolição. Fazia o que todos faziam, tinha escravos, comprava-os e não queria perdê-los.

E a voz da consciência começou a se manifestar agora que ouvira a história de Arizá. Ora, não podia amar uma escrava, que diriam os outros quando soubessem deste fato?

E Jorge, cansado, adormeceu um sono cheio de fantasmas e gritos. O tempo passou e Arizá discretamente continuou a fazer seus trabalhos e Jorge nunca mais lhe pediu para contar histórias. No entanto, não esquecera da promessa que fizera de dar-lhe a liberdade. Ele evitava encontrá-la, pois aqueles olhos verdes era "algemas"a lhe prender a alma,

Tudo tem seu limite e Jorge, não suportando mais o fogo da paixão e do amor que ardia-lhe no peito, aproximou-se dela numa tarde morna de verão e disse-lhe que estava disposto a dar liberdade a ela e a sua mãe. Arizá, surpresa, olhou-o admirada e demorou a falar. – Liberdade para mim e minha mãe?

É um sonho que achava que nunca ir concretizar...

- Sim, eu prometi e minha promessa é lei para mim, falou ele.

- E para onde iremos com esta liberdade?

- Bem, poderão trabalhar livremente, mudar-se daqui... isso não sei... darei dinheiro para começarem vida nova. Muitos já são escravos livres no Brasil. De hoje em diante, tu e tua mãe serão livres também.

Arizá baixou a cabeça e chorou copiosamente. Tomou as mãos de Jorge e beijou com intensa ternura. Jorge comoveu-se e disse:

- Não chore Azirá, não tens culpa de seres escrava. Hoje compreendo muitas coisas, pois eu também nunca planejei ser dono de escravos. Sou apenas um herdeiro e tenho o que meus pais deixaram, uma herança que começa a me preocupar, me agonizar.

- Senhor, responde Azirá, agradeço minha libertação, mas quero pediu um favor.

- Como queiras Azirá, pode falar.

- Gostaria que o senhor nos deixasse ficar aqui, continuaremos a trabalhar na fazenda e o patrão nos dá o que merecemos.

Jorge não esperava esta reação de Azirá. Fica por uns instantes silencioso e os olhos de Azirá o fixam com ternura e amor.

- Não entendo Azirá, tendo a liberdade, dela não queres fazer uso?

- O senhor não entende, às vezes somos escravos de nós mesmos, dos nossos sentimentos. Já não posso sair daqui, pois meu coração permaneceria.

E Jorge compreendeu... os dois estavam algemados pelas “algemas” do amor.

A visita

Zenilda Nunes Lins
FLORIANÓPOLIS

Ilze, uma velha amiga, visitou-me, outra tarde, para queixar-se das amargas surpresas da vida: fizera alguns negócios mal sucedidos, o condomínio do edifício onde reside aumentara exageradamente, os vizinhos barulhentos não respeitavam os horários legais de silêncio. Estava desgostosa com tudo e com todos. Há semanas, vinha tomando uns comprimidos, desses anunciados como milagrosos, capazes de, num passe de mágica, eliminar as dores, apagar a tristeza, fazer voltar a juventude e solucionar qualquer problema.

Quando jovens, frequentamos os mesmos ambientes, embora sua família tivesse uma situação econômica mais elevada que a minha. Ela, simpática e elegante, despertava a atenção dos rapazes da cidade. Casou-se com o herdeiro de importante conglomerado comercial, tornando-se, vinte anos depois, uma abastada viúva. Reside num bom condomínio. Eu, com temperamento independente e questionador, permaneci solteira. Ao completar meu tempo como funcionaria pública, mudei-me para uma simpática casinha, de estilo açoriano, afastada do tumultuado centro urbano, herdada da minha avó materna.

Atenta às suas reclamações, olhei curiosa para minha amiga: uma mulher ainda bonita, rica e, aparentemente,

tendo sido bem casada, contrastando com a minha falta de atrativos, minha condição de aposentada, portanto, de dinheirinho contado. Ainda assim, não tenho queixas a fazer, nem negócios pendentes ou dívidas que perturbem o meu sono. Sou econômica, não me deixando influenciar por enganosos apelos comerciais.

Após desfilar seu rosário de lamúrias, Ilze perguntou como eu conseguia superar os problemas e as frustrações do dia a dia.

- Não os tenho, respondi convencida de que possuo o melhor e mais precioso bem: sinto-me jovem nos meus sessenta anos; posso saborear qualquer quitute sem preocupação com dietas ou altas taxas de colesterol. Ocupo o meu tempo com atividades que considero importantes e me são prazerosas. Participo de inúmeras associações, colaboro com entidades filantrópicas de reconhecidas ações beneméritas. Faço viagens curtas – os proventos não permitem cruzar o Atlântico -, abraço, com entusiasmo, uma causa se julgo nobre, e sou fiel aos meus melhores amigos: os livros. Com eles tenho viajado no tempo e no espaço, aprendido preciosas lições e vivido agradáveis momentos de lazer. Nesse particular, não sou leitora exclusiva de um só gênero, embora aprecie bastante os textos poéticos e, dento deles, a poesia clássica.

Quem não se comove com os sonetos de amor de Luiz Delfino ou os sofridos lamentos do imortal Cruz e Sousa? Quando algum imprevisto indesejável acontece – e

isso ocorre com todo mundo – avalio a importância, se vale a pena aumentar a adrenalina, ganhando batidas extras no coração ou uma dor de cabeça, ou outras manifestações dessas que, nocivamente, costumam acompanhar os aborrecimentos.

Para minha alegria e saúde, em geral, concluo que não.

Minha amiga escutava-me pensativa. Deve ter feito um rápido balanço do que a afligia, concluindo não merecer maior atenção, pois repetiu, com visível prazer, a xícara de chá, em cuja infusão eu havia juntado duas folhinhas de laranjeira, recém-colhidas. No fluir da conversa, lamentou não haver seguido uma carreira profissional. Não tendo filhos, assumia variados compromissos, nem sempre de seu agrado. Gostaria de fazer alguma coisa que lhe cativasse o espírito.

Escreva um livro, sugeri. Todos nós temos uma história recheada de desafios, êxitos e frustrações. Algumas são escritas e divulgadas. Outras perdem-se no anonimato do silêncio. Senti seu interesse aguçado ao perguntar se eu a ajudaria.

Sim, e teremos ótimo motivo para repetirmos o encontro desta tarde, reavivando nossa amizade, que o tempo e as circunstâncias não conseguiram esmorecer.

Ao se despedir, sorriu-me agradecida, o semblante bem mais tranquilo, olhando, entusiasmada, a ramagem do enorme flamboyant exibindo-se, florido, perto da janela, ao ritmo da aragem vespertina.

Acompanhando-a até o carro, observei seu caminhar sem pressa, admirando os canteiros do meu pequeno jardim, iluminados pelo sol já declinando no horizonte. Retribuindo o seu afetuoso gesto de adeus, constatei que a visita me proporcionara bons momentos de conversa, deixando-me convencida de haver praticado a minha boa ação do dia.

Satisfeita, alonguei o olhar, abarcando a montanha, ao longe, com o sol escorregando em direção ao poente. Seus raios, filtrados por fiapos de nuvens, despediam-se, indo iluminar outras terras, enquanto a penumbra noturna me envolvia, com a perspectiva de uma repousante noite.

Era assim

Antonio Cesar Becker
FLORIANÓPOLIS

Do outro lado do canal, na direção de São José, existia uma comunidade formada por operários, pescadores, comerciantes, comerciários e industriais. E outros. Um pequeno bairro da pacata capital, lá pelos anos 50 do século XX, que já vai longe.

Desse tempo que se foi, ficou o povo. E suas lembranças. Tempo de casas térreas, com chácaras pequenas ou grandes, duas igrejas; uma simples e antiga e uma nova e majestosa. E pessoas vivendo e convivendo num dia a dia em que cada novo dia parecia ser o dia anterior. Mudanças fortes, só as do sol para chuva e da chuva para o sol. Viviam no ritmo do respirar, trabalhar, comer, dormir. E ter uma família e estar na família.

Numa das várias ruas sem nome de lei, a segunda depois do matadouro para quem vai para Barreiros, conhecida como Rua do Zé Maykot, numa referência ao comerciante de origem polonesa que abriu a rua e vendeu os terrenos a prestação, formou-se essa comunidade de trabalhadores, que construiu suas casas ou que ocupava as casas de aluguel do Seu José.

Entre os primeiros moradores da rua, com casa própria, estava o casal Arlino e Lalá.

Num dia de outono, levando um pacote de pão comprado na Padaria São João, Arlino entrou na rua, quebrando a esquina na venda do Seu José.

Tinha levantado cedo, ainda escuro, quando a madrugada ainda dormia. Varreu o cisco todo e colocou num montinho para queimar. Faria uma pequena fogueira depois de um tempo de sol forte que secasse as folhas recolhidas. Pequenos gravetos caídos das goiabeiras, ameixeiras e laranjeiras, deixados para secar, foram arrumados numa pilha parecida com uma arapuca. Serviriam para começar o fogo no fogão a lenha ou no forno do pão.

Com o andar sem preocupação, desviando das poças de água da chuva que caiu de madrugada, lembrou-se de passar no Pedro Sapateiro para pegar o sapato, que levou para fazer meia sola e tacão. Mas, resolveu não voltar para a rua Geral porque não gostava de voltar para nada. Também não tinha todo o dinheiro no bolso para pagar o conserto, e a Lalá estava esperando para tomar o café da manhã. Mais tarde passaria lá, quando voltasse do trabalho. Se continuasse chovendo, precisaria do sapato do conserto, porque não queria usar o sapato mais novo, guardado embrulhado em cima do guarda-roupa. Parecia mesmo que o tempo iria completar uma semana de chuva. O sapato mais novo ficava

guardado para domingo e para alguma visita a fazer. Ou para receber visita. Assim pensando, lembrou que a filha viria domingo para passar o dia e era preciso ver se tinha, em casa, farinha para o bolo e a cuca de banana. Banana tem, porque apanhara um cacho quase maduro. Até domingo estaria bom. Se ela mandar recado que os netos também virão, então é preciso fazer uma fornada de pão de casa.

Foi assim pensando que Arlino chegou em casa, uma casa de madeira de pinho, bem conservada, pintada a cada dois anos com tinta a óleo, com todas as tábuas boas, e as ripas também. Coberta de telha francesa, sem goteiras. E com vidraças nas duas janelas da frente. Só não tem calha, que a folha de zinco é muito cara. Olhou para a casa e a apreciou com um sorriso, aquele sorriso de satisfação de quem sabe que conseguiu alguma coisa muito boa. O quintal de flores, árvores e canteiro de verduras e temperos, bem limpo. Alguns pés de alface crescidos, prontos para a salada de domingo.

Colocou o pé na cabeça de pedra que formava o degrau de entrada da porta da cozinha, abriu a meia-porta girando a tramela e entrou. Com cuidado, pisou o pano de saco de farinha e secou a sola dos sapatos. Não gostava de sujar o chão da casa. Feito de canela e peroba, formando um chão listado de preto e branco, toda semana era esfregado, encerado e brilhado. A Lalá esfregava e encerava no sábado de manhã e ele brilhava de tarde, em

pé, arrastando dois pedaços de pano macio pela casa toda. Ligava o rádio e passeava pela casa, enquanto Lalá passava roupa na mesa da cozinha ou fazia o bolo de domingo. No rádio, acompanhava as notícias do Rio de Janeiro: futebol e política. Gostava do Flamengo e ainda estava comemorando a conquista do título de Tricampeão Carioca de 1955. Na política, o seu candidato a presidente perdeu a eleição. Estava bravo porque Juscelino ganhou. Além de ganhar, anunciou que iria fazer um monte de coisas para o Brasil ser grande, forte e rico e que iria construir uma nova cidade para levar o Rio de Janeiro para lá. Na rua, quem conversava com ele, de futebol, só podia falar no Flamengo. Nada de política.

Abriu a janela da frente, a da sala, espiou a rua e ouviu a Lalá avisar que o café estava pronto. Juntos beberam o café com leite fervido, comprado do Manoel das Vacas, que vinha lá do Morro do Geraldo todo dia de manhã, bem cedo, e deixava a garrafa na janela da frente, fora do alcance dos gatos. Na sexta-feira, Manoel vinha mais tarde, que era para receber o dinheiro da semana. O pão, fresquinho e ainda cheiroso, com doce de laranja azeda, mais o café com leite adoçado com açúcar de terceira era o banquete do começo do dia.

Terminando o café, Arlino foi olhar o quintal mais uma vez, para ver se estava tudo bem e se a chuva não tinha feito estrago. Na frente e na entrada já tinha olhado; foi olhar no outro lado, onde o terreno era mais bai-

xo e empoçava a água da chuva. Também estava tudo bem. Viu o vizinho Figueira saindo para ir ao médico. Cumprimentou. Bom dia. Bom, a vala do pasto está limpa! É, acho que está. Aqui também escorreu! Vai dar sol? Acho que vai. Leva guarda-chuva, Figueira! Pode deixar, estou levando o casaco. De manhã não chove mais, já está bem claro! Arlino insistiu com o guarda--chuva. Não precisa, se chover eu pego um emprestado do meu primo. E assim foi encerrada a primeira conversa do dia.

A preocupação do Arlino é porque ele conhecia o Figueira desde o tempo da construção da ponte do Estreito, que eles, ainda jovens, acompanharam desde a primeira pedra. Quando escolheram para a ponte o nome do governador, os dois concordaram, acharam que foi bom, porque o governador também foi muito bom. Nem sempre eles concordavam com as coisas. Parece que vizinhos são assim: nunca concordam em tudo, mas sempre concordam com alguma coisa.

Quando soube que na ponte ia passar tudo, até ônibus, Figueira disse que não era doido e que nunca ia entrar num carro para atravessar a ponte. Nem morto. Se a ponte cair, dizia, quem estiver de ônibus vai se afogar. A pé eu saio nadando. Arlino nunca perguntou se ele sabia nadar. Trabalhando na fábrica de Pontas de Paris, depois chamada de fábrica de Pregos, todo dia, menos domingo, Figueira ia e voltava, atravessando a ponte a pé. Mor-

reu com mais de 80 anos e nunca entrou num carro para atravessar a ponte. Nem depois de morto, pois morreu em casa e foi sepultado no cemitério São Cristovão, no continente, no tempo em que o cemitério mais parecia um jardim com árvores em volta e espaço para escolher onde se ficar para esperar o juízo final.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE PROFESSORES

DIRETORIA | GESTÃO 2013/2016

PRESIDENTE

Maria de Andrade Silva

VICE-PRESIDENTES

Rainildes Muller de Moraes
Marli Isabel de Souza

SECRETÁRIAS

Sirene Amélia Bobko Bittencourt
Maria Stella Duarte

TESOUREIROS

Clarivaldo Machado
Dirce Noemy de Souza
Zurita Kretzer de Souza

DEPARTAMENTO COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO

Mara de Fátima Leite
Eunice Izauro Martins

EDIFÍCIO CHRISTIANE
COORDENAÇÃO

Luiz Elias Pereira Gomes
Aracy Mª da Cruz Rodrigues

SEDE RECREATIVA PROFESSOR ERNO BIRCK
COORDENAÇÃO

Antonio Leovegildo De Souza

SEDE RECREATIVA PROFESSOR JAIR SIMÃO
COORDENAÇÃO

Maria Lucia Maciel
Eliana Helena Ferreira

DEPARTAMENTO SÓCIO CULTURAL
COORDENAÇÃO

Rosita Linheira dos Santos
Otirma Terezinha R. Medeiros

DEPARTAMENTO DOS APOSENTADOS
COORDENAÇÃO

Rubens Campos Trovão
Valmolírio Rosa Botelho

DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS À SAÚDE
COORDENAÇÃO

Marilane Aquino Vieira Da Silva
Ana Terezinha Fernandes Pires

CONSELHO FISCAL

Gilda Domingues
Dolores Magnus da Silva
Marisa Batista Thomaz
Rose Mary Purificação Gonçalves
Ruth Maria Rodrigues
Jelena Stopanovski
Maria Filomena Gil Ramos

CONSELHO FISCAL – SUPLENTES

Maria Auxiliadora Alves Beck
Vanda Ribeiro da Silva

NÚCLEOS REGIONAIS

A ACP possui 25 Núcleos Regionais, que abrangem vários municípios. São eles:

» **Araranguá**
» **Balneário Camboriú**
» **Biguaçu**
» **Blumenau**
» **Brusque**
» **Caçador**
» **Canoinhas**
» **Chapecó**
» **Concórdia**
» **Criciúma**
» **Ibirama**
» **Itajaí**
» **Jaraguá do Sul**
» **Joaçaba**
» **Joinville**
» **Lages**
» **Laguna**
» **Mafra**
» **Maravilha**
» **Rio do Sul**
» **São Miguel do Oeste**
» **São Bento do Sul**
» **Tubarão**
» **Videira**
» **Xanxerê**

RUA EMÍLIO BLUM, 131, SALA 706
EDIFÍCIO HANTEI OFFICE
88020-010 | CENTRO | FLORIANÓPOLIS/SC
(48) 3221.9393
WWW.ACP-PROF.COM.BR

ACP

Em 1952, um grupo de professores catarinenses decidiu criar uma entidade que os representasse com a finalidade de estreitar laços, debater sobre a profissão e defender a Educação como veículo de mudança na sociedade. Assim, estabeleceram as bases da Associação Catarinense de Professores – ACP, que se tornou uma instituição forte e robusta nesses 64 anos de história.

A entidade está presente em todo o território catarinense, representada por 25 Núcleos Regionais, e presta diversos serviços aos seus membros, que vão de lides jurídicas, sociais e culturais a acomodações de lazer. Com sede administrativa instalada em imóvel próprio, no Centro de Florianópolis, a ACP possui duas sedes recreativas e a Hospedagem do Professor - estruturas oferecidas a custos subsidiados aos associados e a seus familiares.

O maior patrimônio da ACP, no entanto, é formado por seus associados, professores e professoras do magistério catarinense, intelectuais das mais variadas áreas do conhecimento que representam o principal pilar da Educação de Santa Catarina.

Obras inéditas de professores catarinenses estão reunidas nesta publicação, uma iniciativa de incentivo cultural da Associação Catarinense de Professores. São poemas, contos e crônicas que expressam a sensibilidade e o talento literário de associados da ACP de vários municípios, representando, também, a diversidade e a riqueza cultural de Santa Catarina.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE PROFESSORES
ACP 1952
FLORIANÓPOLIS

SANTA EDITORA

ISBN 978-85-68658-01-7